A IGREJA QUE FESTEJA JESUS MAS ESCOLHE BARRABÁS

O maior avivamento da história está começando. Prepare-se!

RINALDO FIDÊNCIO

Agradecimentos

A Deus Pai, por Seu infinito Amor e Graça para comigo revelando-me a Sua maravilhosa Salvação.

Ao Cordeiro Santo Jesus, por Sua Obra insondável na cruz do Calvário ao nosso favor. E ao Maravilhoso Espírito Santo por todo cuidado, amizade e ensino.

Aos meus pais, Antônio e Maria, por terem me guiado, desde criança, nos Caminhos do Senhor. Com todo amor e disciplina me ensinaram a temer ao Senhor. Aos meus pastores e professores que Deus colocou na minha vida para me ensinarem sobre a Sua Maravilhosa Palavra.

À Igreja Batista Nacional Monte Sinai, em Ribeirão das Neves – MG, onde tenho servido ao Senhor nos últimos vinte anos e onde o Senhor tem levantado irmãos amados para caminharem comigo e me sustentarem em oração. E, por fim, à minha querida esposa Raquel e meu filho Isaque, por todo amor, incentivo e alegria que me proporcionam a cada dia.

Copyright©2016 por
Rinaldo Giovanni Fidêncio

Todos os direitos reservados por:
A. D. Santos Editora
Al. Júlia da Costa, 215
80410-070
Curitiba – Paraná – Brasil
+55(41)3207-8585
www.adsantos.com.br
editora@adsantos.com.br
Capa:
Rogério Proença

Editoração:
Manoel Menezes

Acompanhamento Editorial:
Priscila Laranjeira

Impressão e acabamento:
Gráfica Exklusiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

FIDÊNCIO, Rinaldo Giovanni
A igreja que festeja Jesus mas escolhe Barrabás / Rinaldo Giovanni Fidêncio – A.D. Santos Editora, Curitiba, 2016. 248 páginas.

ISBN – 978.85.7459-404-0
CDD I
1. Igreja 2. Liderança Cristã 3. Eclesiologia
CDD – 262-1
1. Aspectos Religiosos – Cristianismo 2. Vida Espiritual I. Título

CDD: 152.46

1ª edição: Novembro de 2016.

Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios a não ser em citações breves, com indicação da fonte.

Edição e Distribuição:

SANTOS EDITORA

Prefácio

Conheço Rinaldo Fidêncio desde a primeira infância e sou amiga de sua família durante toda a minha vida. Em minhas muitas visitas a Belo Horizonte, quando ainda adolescente e jovem, fazia questão de visitar uma de suas tias, a missionária Maria do Carmo Fidêncio e, com isso, frequentemente me encontrava com seus avós e pais. A firmeza na fé, o grande amor a Jesus e à sua Obra, a fibra moral, os valores e princípios cristãos tão amplamente praticados por eles é um legado que passou para os mais jovens, dos quais o autor faz parte. Mesmo ciente de que ele jamais havia se desviado da fé, surpreendeu-me a maturidade e o conhecimento cristão demonstrado nas páginas deste esclarecedor e abençoador *"A Igreja que festeja Jesus, mas escolhe Barrabás"* . Há revelação neste conteúdo. Há aprendizados valorosos e imprescindíveis para a Igreja contemporânea que tanto se assemelha a Igreja de Laodicéia.

Rinaldo concedeu-me a honra em prefaciar o seu primeiro de muitos livros que ele, certamente, escreverá. Desde as páginas iniciais ele ganhou minha atenção e respeito, pois conseguiu abordar de maneira totalmente inédita pontos relevantes da vida cristã. A Igreja de hoje PRECISA ler este livro. Os líderes e pastores precisam ser edificados e tocados pelo que Deus mostrou ao seu servo. Creio que muitas mensagens cheias de frescor e amor pela Palavra de Deus serão ministradas nos púlpitos após a leitura.

O autor começa falando dos tipos de cativeiro vivenciados pelo Povo de Deus e tão análogos a nós, Seu Povo. Em seguida mostra a importância de famílias reunidas e aborda os perigos da falsa religiosidade. Traz à nossa memória qual o verdadeiro alimento e o porquê de sua ausência nos banquetes eclesiásticos; fala também do verdadeiro avivamento e que este é para os nossos dias.

Ele lembra a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém quando uma multidão O seguiu cantando, dançando e espalhando ramos de palmeiras por onde Ele devia passar. Outros, tiravam suas capas e as estendiam para que o Mestre andasse sobre elas. O som, o alarido era de alegria, de celebração, uma verdadeira festa estava acontecendo e eles cantam hosanas. Também reconheciam que Jesus era da linhagem real e devia ser proclamado Rei. Aquela multidão já havia visto Jesus curar enfermos, restaurar vistas aos cegos, fazer aleijados andarem e até ressuscitar mortos. Mas, na véspera da Páscoa, quando tiveram uma opção, eles escolheram Barrabás. Uma escolha equivocada, um tremendo contrassenso, pois entre o Mestre e um ladrão, entre o que pregava e vivenciava amor e um homem cheio de ódio, escolheram o mais improvável! Talvez você se pergunte: Como puderam fazer isso? Simples: desviando os olhos do propósito e da própria Palavra de Deus o que, infelizmente, muitos continuam fazendo.

Cristãos de todas as etnias têm vivido este quadro hoje em dia. No domingo cantam, pulam e adoram ao Senhor de forma extravagante, o que é muito bom, porém, no decorrer da semana, escolhem viver a estratégia de Barrabás.

Sabemos que Israel, o povo de Deus, é um símbolo da Igreja, a Noiva do Cordeiro, talvez, por causa disso, possamos olhar para a história da Igreja e encontrar avivamentos tão maravilhosos como aquele ocorrido em Jerusalém.

Ainda hoje podemos ver a multidão adorando de forma extravagante, contudo, infelizmente, com o passar dos dias, também escolhendo Barrabás, que são as atrações e as estratégias do mundo.

Este livro é para quem deseja servir a Deus com inteireza de coração e tentar entender e ministrar àqueles que se deixam levar por qualquer vento de doutrina e que, até usam mantos e palmas para festejar Jesus, mas quando as lutas e dificuldades aparecem fazem a escolha pelo que é mais fácil e não resistem.

Rinaldo é um grande apaixonado pela Bíblia e um estudioso do texto

sagrado e esta sua dedicação está clara no entendimento que faz de textos bíblicos lidos e relidos, que se apresentam com grande clareza na obra que você tem em suas mãos.

A Igreja que festeja Jesus mas escolhe Barrabás é mais que um convite à meditação, é uma profunda reflexão sobre nossa maneira de ser como Filhos de Deus, amados do Pai.

É uma exortação, mas também um chamamento para o avivamento e, principalmente para estarmos preparados para a volta gloriosa do Senhor Jesus nos ares. Porque é certo que ELE vem e os sinais estão se cumprindo. "Coisas espantosas e grandes sinais nos céus" já estão sendo observados em todas as partes do mundo. Você está preparado para o grande arrebatamento? Você já está liberto dos cativeiros e das artimanhas que o inimigo de nossas almas tem usado tão sagazmente para nos manter não apenas presos, mas cegos para a Verdade que liberta?

O maior avivamento da história já está acontecendo. Você quer fazer parte ou prefere seguir Barrabás? Mas, lembre-se: JESUS o ama e quer salvá-lo. Escolha Jesus, porque o nosso Redentor vive e reina para sempre e Ele voltará.

Priscila R. Aguiar Laranjeira
Professora, publicitária, escritora.

Sumário

Agradecimentos Prefácio Introdução

Primeira Parte – Os Cativeiros *Capítulo 1 – Cativos no Egito (Mundo) Capítulo 2 – Cativos na Babilônia (Religioso) Capítulo 3 – Cativos do Império Romano (Político)*

Segunda Parte – Saída do Egito *Capítulo 4 – Famílias Reunidas Capítulo 5 – Alimentavam do Cordeiro Pascal Capítulo 6 – Prontos para Deixar o Mundo*

Terceira Parte – Saída da Babilônia *Capítulo 7 – A Crise de Daniel Capítulo 8 – A Religiosidade Babilônica Capítulo 9 – O Líder Religioso da Babilônia Capítulo 10 – Ainda Bem que Daniel Era Daniel Capítulo 11 – A Revelação da Palavra nos Liberta da Babilônia*

Quarta Parte – Saída do Império Romano *Capítulo 12 – Roma Conseguiu o que a Babilônia Tentou Capítulo 13 – Uma Voz Começou a Clamar no Deserto Capítulo 14 – E Ele Veio Capítulo 15 – O Avivamento com Fogo Capítulo 16 – Os Inimigos do Avivamento Capítulo 17 – O Falso Avivamento da Multidão Capítulo 18 – A Hora da Escolha*

Quinta Parte – Conclusões *Capítulo 19 – Um Papo com a Igreja de Laodicéia Capítulo 20 – O Desafio da Igreja de Laodicéia Capítulo 21 – Conselho à Laodicéia*

Introdução

“Se o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres”.

O Senhor Jesus, certa feita, entrou em Jerusalém e uma multidão o seguia cantando e dançando de alegria. Outros cortavam ramos de árvores e colocavam pelo caminho para Ele passar. Havia também, nessa multidão, os crentes mais radicais, que colocavam as suas próprias vestes pelo caminho. Parecia que Jerusalém estava vivendo o maior avivamento que o povo de Deus experimentara na Terra. Contudo, essa mesma multidão, alguns dias depois, escolheu Barrabás. Uma tragédia! Tinham acabado de sair de um culto abençoado com o próprio Senhor Jesus. Porém, no dia a dia, quando a fé deles foi provada, escolheram Barrabás. Esse tem sido o quadro vivido por muitos crentes hoje em dia. No domingo cantam, pulam e adoram ao Senhor de forma extravagante. Isso é ótimo! Porém, no decorrer da semana, optam por viver a estratégia de Barrabás. E o pior é que a Bíblia diz que a multidão, diante de Pilatos, foi instigada pelos líderes religiosos da época. Os pastores

de Jerusalém tinham mais interesse no “ministério” de Barrabás do que no de Jesus. Olhando para trás, na história de Israel, veremos que esse quadro começou a ser pintado bem antes, desde o Egito quando eram escravos. Diante de Pilatos, apenas estava acontecendo a compilação dos resultados dos principais cativeiros pelos quais Israel passara: O Egito, a Babilônia e o daqueles dias, o Império Romano.

Sabemos que Israel foi uma sombra do que seria a Igreja. Talvez, por causa disso, possamos olhar para a história da Igreja e encontrar avivamentos tão maravilhosos como aquele ocorrido naquele dia em Jerusalém. Encontramos a mesma multidão cantando e dançando de forma extravagante. Contudo, infelizmente, com o passar dos dias, também decidindo caminhar segundo Barrabás.

Esse livro é para aqueles que desejam entender essa multidão. Ela que se apresenta hora avivada para, tempos depois, se apresentar desanimada e até mesmo desviada. E o avivamento em suas vidas perdido.

O objetivo é estarmos preparados para o maior avivamento que o Senhor enviará nesses últimos dias, para que possamos, como Igreja, retê-lo em nossas vidas até a grandiosa vinda do Senhor Jesus. *Maranata!* Vem Senhor Jesus!

Primeira Parte

Os Cativeiros

Em toda a história de Israel vários cativeiros ocorreram seguidamente. Porém, três se destacaram pelo tempo, forma e importância. São eles: O cativeiro no Egito, na Babilônia e no Império Romano. Sabemos que Israel foi fundada por Deus para ser a nação modelo do mundo. O Seu povo exclusivo. Através de Israel, todas as nações do mundo conheceriam ao Senhor. Sabemos também que Israel foi posta como uma sombra para a Igreja que nasceria em Jesus.

"Os quais servem de exemplo e sombra das coisas celestiais, como Moisés divinamente foi avisado, estando já para acabar o tabernáculo; porque foi dito: Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou" (Hebreus 8.5).

Então, torna-se natural olharmos para os cativeiros de Israel com o intuito de aprender mais sobre as artimanhas do inimigo que poderiam colocar os crentes desavisados em situação de cativeiro. Durante toda a minha vida como cristão, tenho ouvido falar dos grandes avivamentos ocorridos na história da Igreja. Eu fico entusiasmado toda vez que minha avó me conta sobre o avivamento de 1960 aqui no Brasil. Quantas maravilhas eles viram e

experimentaram! Quando leio sobre o avivamento da Rua Azuza e do País de Gales fico clamando: Senhor é isso que eu quero! Até que um dia ouvi Dele: É isso que Eu quero também! Avivamento é o estado normal da Igreja. Não é algo mágico ou uma espécie de prêmio que o Senhor, de tempos em tempos, resolve conceder aos Seus servos. Então, a pergunta que me veio foi: por que eu nunca havia experimentado um avivamento desses? Quando digo avivamento não estou me referindo à existência de curas e libertação. Essas sempre aconteceram e continuam acontecendo no Nome de Jesus. Porém, isso não é avivamento. Avivamento é quando a Presença de Deus é mais real na Igreja do que a presença de qualquer outra pessoa. Não se trata de bênçãos ou daquilo que a Igreja de hoje considera bênção. Avivamento é quando Ele desce no monte à vista de toda Igreja, como aconteceu no deserto.

Mesmo quando o povo estava no Egito, o Senhor fez Seus milagres e maravilhas. Porém, Ele Se revelou ao povo quando eles estavam fora do Egito. A Igreja pode até experimentar as bênção e maravilhas do Senhor no mundo, contudo, para conhecê-Lo intimamente, só fora do mundo, ou seja, libertos do Egito. E embora eu tenha vivido mais de trinta anos na Igreja, nunca sequer havia chegado perto de um avivamento. Ora, se era a vontade da Igreja e, principalmente, a Vontade Dele, onde estaria o problema? Orando e buscando ao Senhor por avivamento em minha vida, o Espírito Santo me conduziu ao texto que está em suas mãos agora. Oro para que o Espírito Santo nos conduza aos Seus Santos Propósitos. Uma coisa é certa, nesses últimos dias, vários irmãos espalhados pelo mundo estão clamando por um avivamento em escala global. E o Senhor, através de vários dos seus profetas, em diferentes países, situações e épocas, vêm confirmando Seu desejo de derramar o maior avivamento da história da Igreja. Esse que seria o último avivamento antes da Maravilhosa volta do Senhor Jesus. O primeiro grande avivamento acorreu no deserto quando Israel havia acabado de deixar o cativeiro do Egito. A Bíblia nos diz que o Senhor marcou a hora e o lugar. Porém, o povo de Israel tinha de estar pronto e com as suas vestes

purificadas.

"Disse também o SENHOR a Moisés: Vai ao povo, e santifica-os hoje e amanhã, e lavem eles as suas roupas, E estejam prontos para o terceiro dia; porquanto no terceiro dia o SENHOR descerá diante dos olhos de todo o povo sobre o monte Sinai" (Êxodo 19.10-11).

Creio que esse texto é profético. Perceba que o Senhor marcou o dia para nós, o terceiro. A Palavra diz que para o Senhor mil anos são como um dia e um dia como mil anos.

"Mas, amados, não ignoreis uma coisa, que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia" (2 Pedro 3.8).

Estamos vivendo exatamente no terceiro dia, ou seja, no terceiro milênio desde que o Senhor Jesus nos arrancou do Egito do mundo através do seu sacrifício na cruz. Então prepare-se! E tem mais! Além de o Senhor nos dizer quando, Ele também nos disse como o avivamento acontecerá.

"E marcarás limites ao povo em redor, dizendo: Guardai-vos, não subais ao monte, nem toqueis o seu termo; todo aquele que tocar o monte, certamente morrerá. Nenhuma mão tocará nele; porque certamente será apedrejado ou asseteado; quer seja animal, quer seja homem, não viverá; soando a buzina longamente, então subirão ao monte" (Êxodo 19.12-13).

Nesse avivamento não haverá mãos humanas. Não haverá os "heróis" do avivamento. Nenhum líder poderá se vangloriar de ser a causa ou o condutor do avivamento. Quem quiser tocar ou subir no monte para aparecer diante do povo, morrerá.

Outra característica marcante desse avivamento: ele será reconhecido por todos. Ninguém precisará ser teólogo ou acadêmico para reconhecê-lo.

*"E aconteceu que, ao terceiro dia, ao amanhecer, houve **trovões e relâmpagos** sobre o monte, e uma espessa nuvem, e um **sonido de buzina** mui forte, de maneira que **estremeceu** todo o povo que estava no arraial. E todo o monte Sinai fumegava, porque o SENHOR descera sobre ele em fogo; e a sua fumaça subiu como fumaça de uma fornalha, e todo o monte tremia*

grandemente" (Êxodo 19.16 e 18).

Naquele instante se alguém não conseguisse enxergar os relâmpagos perceberia a Presença do Senhor ouvindo a buzina. E se ainda não fosse capaz de ouvir a buzina perceberia a Presença Dele através dos tremores. O certo é que o Senhor arrumou uma forma para que todos os Seus filhos O percebessem. Alguns crentes conseguirão ver o Senhor. Outros poderão ouvi-Lo. E ainda outros O sentirão como se fosse um grande tremor. O fato é que todos na Igreja perceberão a Sua Presença.

E o primeiro resultado desse avivamento será que a Igreja voltará para a Palavra do Senhor e a se levantar de madrugada para estar com Ele. A Igreja reedificará o altar diante Dele.

*"Moisés escreveu todas as **palavras do SENHOR**, e levantou-se pela **manhã de madrugada**, e **edificou um altar** ao pé do monte, e doze monumentos, segundo as doze tribos de Israel" (Êxodo 24.4).*

Estejamos prontos para o derramar do Senhor. Quais são as únicas exigências Dele? *Santidade e roupas limpas*. Ele não nos pede sacrifícios, apenas santidade (separação) e roupas limpas (pureza). Sendo assim fica fácil de entender como a possibilidade de estarmos debaixo de algum desses cativeiros certamente nos atrapalharia. Quem está numa prisão nunca poderá estar com suas vestes totalmente limpas e também não poderá escolher manter-se separado. Avivamento e cativeiro não combinam. É aqui que a Igreja de hoje confunde. Achamos que avivamento são gritos, pulos e danças. Porém, se isso fosse avivamento, a multidão que pulou, dançou, colocou suas vestes estendidas no caminho para que o Senhor Jesus passasse entrando em Jerusalém não teria, poucos dias depois, escolhido Barrabás. Avivamento também não são bênçãos financeiras, pois, se assim fosse, Daniel e seus amigos estariam no maior avivamento de suas vidas no palácio de Nabucodonosor. Avivamento é a Presença Dele. A mesma Presença que estremeceu o cárcere onde Pedro estava, aos olhos humanos, preso. A mesma Presença que destruiu as cadeias que prendiam Paulo e Silas. E que ainda

levou todos os outros presos e até o carcereiro ao arrependimento. A propósito, se quisermos reconhecer se é avivamento, basta procurar por arrependimento. Pois, quanto mais nos aproximamos do Sol da Justiça, mais começamos a enxergar em nós sujeiras que não havíamos visto quando estávamos mais distante Dele. Essa constatação nos leva imediatamente ao arrependimento para sermos limpos ainda mais. Aí tornamos a nos aproximar um pouco mais do Sol da Justiça e o processo se repete. Esse é o ciclo do verdadeiro avivamento. O que nós precisamos aprender é que, na Presença Dele, todas as cadeias são destruídas. Contudo, se as nossas práticas O fizerem se afastar de nós, como aconteceu com Israel, fatalmente nos tornaremos cativos do Egito ou da Babilônia ou ainda do Império Romano.

Capítulo 1

Cativos no Egito (Mundo)

O Egito foi o primeiro cativeiro de Israel. Se lembrarmos da história veremos que não era para ser assim. Deus guiou José, o filho mais novo de Jacó, ao Egito. Através de José, Deus usou o Egito para salvar o mundo daquela época da fome. Deus deu a José a revelação do sonho de Faraó e ainda lhe concedeu sabedoria para administrar o plantio e a colheita durante os primeiros sete anos de fartura.

O fato é que quando chegaram os sete anos de fome, somente o Egito tinha grãos armazenados para suficiência própria e de todas as nações que quisessem comprá-los. E querendo comprar grãos foi que Israel desceu ao Egito. Quando o Faraó soube que era a família de José, por gratidão, concedeu-lhes terras, gado e conforto, para que eles vivessem para sempre no Egito.

O tempo passou e as coisas mudaram. Israel gostou tanto da receptividade de Faraó e do conforto do Egito que decidiu permanecer lá. Surgiu então, a primeira multidão. A Bíblia é clara ao dizer que o povo se multiplicou grandemente e se tornou uma numerosa multidão (Êxodo 1.7). Eis aí a

principal característica da multidão: ela não se importa muito com os sonhos de Deus revelados na Sua Palavra. Ela se preocupa mais com o seu bem estar e conforto. Se eles estão vivendo em Canaã ou no Egito pouco importa. Desde que suas necessidades carnais estejam sendo supridas, a multidão estará feliz.

Havia nesse cenário um judeu que não estava na multidão, José. Exatamente o que tinha mais motivos para amar o Egito. José nunca se esqueceu da Palavra de Deus dita ao seu tataravô Abraão. *"Sai da tua terra, da sua parentela e vai para uma terra que Eu te mostrarei"* (Gênesis 12.1). José sabia que a estada de Israel no Egito era algo provisório e passageiro. Próximo à sua morte, fez com que os da sua casa jurassem que não deixariam seus ossos no Egito quando Israel fosse embora. Isso que é crer na Palavra de Deus! Contudo, a multidão preferiu ignorar a Palavra de Deus, por ser Ela contrária aos seus próprios pensamentos, e resolveram permanecer no Egito. A multidão escolheu ficar lá. "A terra que o Senhor irá nos mostrar? Que nada! O Egito nos satisfaz"! Eles precisavam lembrar que estavam no Egito, porém não eram do Egito, antes que o cativeiro chegasse.

Hoje acontece o mesmo com uma parte dos evangélicos em nossas Igrejas. A multidão tem dificuldade de entender que estamos no mundo, mas não somos do mundo. Assim como o próprio Senhor Jesus disse. *"Não são do mundo, como eu do mundo não sou" (João 17.16).*

Ele disse que o mundo nos odiaria simplesmente por pertencermos a Ele.

"Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos odeia" (João 15.19).

Pelo mesmo motivo, o Egito passou a odiar Israel (Êxodo 1:8-10). Em outro texto o Espírito Santo nos diz: *"Não ameis o mundo e nem as coisas que há no mundo" (1 João 2:15)*. E quando Israel menos percebeu já estavam cativos. Eles tinham saído da posição de hóspedes para a de escravos. Igreja do Senhor Jesus, o Faraó continua o mesmo. Sua tática continua a mesma,

sedução. O inimigo sabe que se a Igreja se envolver com o mundo, a saber, nas práticas do mundo, assim como Israel permaneceu nas do Egito, o próprio Senhor permitirá que a Igreja sofra cativeiro, assim como fez com Israel. Satanás não tem nenhum interesse em declarar guerra contra a Igreja cativa. Porém, nos países onde a Igreja despertou a perseguição já é violenta. Contudo, nesses mesmos países, o Senhor tem feito Seus prodígios e maravilhas que só Ele pode fazer. Da mesma forma como Ele fez quando Israel resolveu sair do Egito. A questão de sair do Egito não era somente geográfica, mas principalmente, sair das práticas do Egito. Se a questão fosse somente geográfica, não haveria problema. Digo isso porque o Senhor fez Suas maravilhas dentro do território do Egito. Deus é Deus em qualquer lugar! Não importa se é em um terreiro de macumba ou numa igreja evangélica. Para Ele é o mesmo. Não existe nenhum ser, carnal ou espiritual, que possa detê-lo em todo esse Universo.

Podemos observar que alguns aspectos são bastante interessantes no cativeiro de Israel no Egito. Em primeiro lugar, Israel escolheu, na pessoa de Jacó e sua família, descer ao Egito, ou seja, saíram da sua terra, abandonaram a promessa do Senhor e foram se misturar com uma nação que não conhecia ao Senhor. É certo dizer que Jacó desceu ao Egito por uma necessidade vital. Descer não foi o erro de Israel e sim permanecer lá. Fixar morada em terra estranha. Esse foi o grande erro. Hoje em dia vivemos num mundo onde a Igreja é uma pessoa jurídica. Sendo assim, a Igreja tem que utilizar contadores, leis humanas, estatutos, *etc*. Todos esses recursos são do mundo Egito e são necessários à Igreja. Contudo, muitos líderes evangélicos fixam a morada da Igreja nesse Egito e passam a enxergar e a tratar a Igreja como uma empresa. E como toda empresa nesse mundo, o resultado financeiro está acima de tudo, até da vontade do Pai. E sair da vontade do Pai é o primeiro passo na direção do cativeiro do Egito. Exatamente como ocorreu com Israel.

Outro aspecto interessante foi que todo judeu obteve o mesmo tratamento no Egito. Não importava se a pessoa era um príncipe de Israel ou um servo.

Para Faraó, todos eram seus escravos, sem nenhuma distinção. Como o cativeiro durou 430 anos, várias gerações de israelitas nasceram e morreram no cativeiro egípcio. Uma tragédia! No que se refere ao Egito desse mundo, hoje também é assim. Todos os seres humanos já nascem cativos do mundo, sem distinção de cor, sexo ou posição social. Do maior ao menor ser humano, todos foram feitos cativos pelo Diabo. A libertação de Israel foi dramática. O Senhor entrou no Egito e os arrancou de lá com braço forte. De igual modo, nossa saída do mundo, do império das trevas, foi o ato mais dramático que ocorreu em toda a história do planeta Terra. O Senhor Jesus entrou no mundo e nos arrancou dele com grande poder.

"O qual nos arrancou do império das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor" (Colossenses 1.13).

O Senhor Jesus nos arrancou do Egito e nos transportou para o deserto onde seríamos purificados e conheceríamos o Pai. Viveríamos em constante avivamento e todas as nações se converteriam a Ele olhando para nós. Contudo, quando Israel saiu do Egito e se viu no deserto, o poder do cativeiro se revelou. Eles haviam saído fisicamente do Egito, mas traziam o Egito em seus corações. Exatamente como acontece com alguns na Igreja de hoje. Na história de todos os avivamentos algumas coisas sempre estiveram presentes: o povo passou a viver em profunda comunhão com Deus e entre si; o temor do Senhor nasceu em cada coração e as pessoas que se converteram nesses períodos experimentaram uma completa transformação de vida. Essas três características só podem ser criadas pela presença de Deus. No Egito, o povo se animou a sair pensando na Terra que manava leite e mel. Acreditavam que passariam a ter uma vida isenta de problemas e dificuldades uma vez que seguissem o Senhor para fora do Egito. Porém, quando acabaram de atravessar o Mar Vermelho e viram que estavam no deserto, começaram a murmurar, reclamar e a blasfemar. Pois a multidão queria entrar imediatamente na Terra Prometida e no descanso. Nem a presença do Senhor no Monte Sinai serviu para acalmá-los. Eles não queriam o Senhor, queriam

o descanso e o conforto da Terra Prometida.

O Mar Vermelho é um símbolo da nossa conversão hoje na Igreja, pois o Senhor Jesus deixou um mar vermelho de Sangue aos pés da cruz e é por ele que devemos passar para sermos salvos. Só que o Evangelho que está sendo pregado é: “venha para Jesus e seus problemas acabarão”. Jesus dará uma vida boa e cheia de leite e mel. Então, muitas pessoas deixam o mundo como a multidão de Israel deixou o Egito. Logo após a conversão, quando o Senhor começa a purificá-los do mundo através do deserto das provações, entram em murmurações e até se desviam. O Evangelho pregado nos tempos de avivamento era: venha para Jesus. Venha para a cruz. Provavelmente a sua vida nesse mundo ficará mais difícil, porém, você terá uma coroa no céu junto Dele. Esse é o evangelho do avivamento. O fato é que quando o Senhor preparou o primeiro avivamento para todo o Israel e desceu no monte Sinai a multidão lhe virou as costas e perguntou a Moisés: Onde está a nossa terra que mana leite e mel? E o avivamento que o Senhor havia planejado para eles terminou ali.

Capítulo 2

Cativos na Babilônia (Religioso)

Depois do Egito, o cativeiro mais marcante da história de Israel foi na Babilônia. Nesse tempo, Israel já havia se organizado como povo livre do Egito. Havia organização política e religiosa através dos reis, sacerdotes e profetas. Israel possuía também a Lei do Senhor, o Tabernáculo e a Arca da Aliança. Eles tinham tudo que era necessário para se relacionarem com o Senhor e conhecê-Lo. Aparentemente estava tudo bem. Porém, aos poucos, Israel começou a sofrer da doença que sofre todos os que saem fisicamente do Egito, mas o mantém no coração. Essa doença chama-se religiosidade. A religiosidade é quando começamos a enxergar as coisas do Senhor como sendo coisas naturais em nossa vida. O culto, a oração, a comunhão e a leitura da Palavra, quando acontecem, são feitos de forma automática. Tornam-se apenas práticas religiosas que nossos pais aprenderam e nos ensinaram. Perdemos o Temor do Senhor. No caso de Israel, a religiosidade causou até a divisão da nação em duas: as 10 tribos do Norte separaram-se das duas tribos do Sul, Judá e Benjamim. Roboão tornou-se o rei das tribos do sul, Judá, com sede em Jerusalém. Enquanto Jeroboão, também filho de

Salomão, tornou-se o rei das tribos do Norte, com sede em Samaria. Israel sofreu da mesma religiosidade que continua provocando divisões na Igreja hoje. A religiosidade faz com que alguns irmãos na Igreja queiram ser melhores do que os outros. Surge a ostentação em alguns e a inveja em outros, transformando a vida e a comunhão da Igreja em algo morno. Os cultos tomam-se mornos e com aparência de reunião social. Essa mornidão também foi vivida pela Igreja de Laodicéia que o Senhor repreendeu no livro de Apocalipse.

"Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca" (Apocalipse 3.15-16).

Você se lembra que a Igreja de Laodicéia foi a última Igreja citada no Apocalipse? É senso entre os teólogos que todas as igrejas citadas representam épocas proféticas da Igreja Cristã. Então, Laodicéia realmente representa a igreja dos últimos dias. A religiosidade é algo tão terrível porque é um cativeiro mais sutil do que o do Egito. Quem está cativo no Egito não tem a menor dúvida da sua real situação. Porém, os cativos da religiosidade da Babilônia podem nem perceber que estão cativos. Tornam-se como os religiosos fariseus que o Senhor Jesus chamou de hipócritas e sepulcros caiados. Se fôssemos definir religiosidade seria hipocrisia. O cativeiro na Babilônia foi tão sutil que muitos autores nem o consideram um cativeiro de verdade, o chamam de exílio. A palavra exílio significa o estado de estar longe da própria casa. A Bíblia nos ensina a história de outro exilado no Novo Testamento, o filho pródigo.

"E disse: Um certo homem tinha dois filhos. E o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte dos bens que me pertence. E ele repartiu por eles a fazenda. E, poucos dias depois, o filho mais novo, ajuntando tudo, partiu para uma terra longínqua, e ali desperdiçou os seus bens, vivendo dissolutamente. E, havendo ele gastado tudo, houve naquela terra uma grande fome, e começou a padecer necessidades. E foi, e chegou-se a um dos

cidadãos daquela terra, o qual o mandou para os seus campos, a apascentar porcos. E desejava encher o seu estômago com as bolotas que os porcos comiam, e ninguém lhe dava nada. E, tornando em si, disse: Quantos jornaleiros de meu pai têm abundância de pão, e eu aqui pereço de fome! Levantar-me-ei, e irei ter com meu pai, e dir-lhe-ei: Pai, pequei contra o céu e perante ti." (Lucas 15.11-18).

Com essa parábola o Senhor Jesus encerrou uma série de parábolas com as quais ensinava a multidão os segredos do Reino de Deus. Nela, Ele nos diz que o Pai tem dois tipos de filhos. O filho que permanece na Presença Dele e o filho que sai da Sua casa, ou seja, o que toma sobre si o exílio. Perceba que ele nunca deixou de ser filho, apenas exilou-se numa terra distante. O típico caso de exílio babilônico. No início, enquanto o crente está cheio das riquezas trazidas da casa do Pai, a Graça, a Unção e o Poder, a Babilônia se mostra muito receptiva. A religiosidade sempre estará pronta a receber mais um ungido que um dia pensou que a riqueza da unção pertencia a ele e resolveu exilar-se para longe do Pai. A Babilônia procura fazer com que o filho se esqueça de que é filho. Ela esforça-se em fazer com que o filho substitua a forma de vida e os valores aprendidos com o Pai pelos seus costumes e sua mistura. Foi exatamente isso que Nabucodonosor procurou fazer com os príncipes de Israel nos seus palácios. A primeira coisa que Nabucodonosor fez foi mudar os nomes deles, com o objetivo de apagar neles a lembrança de quem eles eram verdadeiramente.

"E o chefe dos eunucos lhes pôs outros nomes, a saber: a Daniel pôs o de Beltessazar, e a Hananias o de Sadraque, e a Misael o de Mesaque, e a Azarias o de Abednego" (Daniel 1.7).

O próximo passo de Nabucodonosor foi oferecer aos príncipes as iguarias da sua mesa, a sua própria comida.

"E o rei lhes determinou a porção diária, das iguarias do rei, e do vinho que ele bebia, e que assim fossem mantidos por três anos, para que no fim destes pudessem estar diante do rei" (Daniel 1.5).

Mas, graças a Deus por Daniel e seus amigos! Eles não se esqueceram de quem eram e do Senhor. Eles sabiam que aquele tratamento não passava de sedução da Babilônia.

"E Daniel propôs no seu coração não se contaminar com a porção das iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia; portanto pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não se contaminar" (Daniel 1.8).

A Bíblia nos conta a história só desses quatro príncipes, sendo que vários outros foram levados juntos com eles. Certamente, a estratégia de Nabucodonosor funcionou com os outros príncipes, por isso, a Bíblia não relata nada sobre eles. Da mesma forma que a estratégia de sedução funcionou com o filho pródigo da parábola. Ele misturou -se tanto que se esqueceu de quem era verdadeiramente. A Bíblia nos diz que o filho pródigo perdeu tudo que tinha trazido da casa do pai e, o que lhe restou, foi cuidar de porcos e almejar comer a comida deles. A palavra pródigo significa desperdiçador. Alguns filhos de Deus têm desperdiçado a riqueza da unção recebida do Pai misturando-se com a lama da religiosidade babilônica. O porco é um animal que vive na lama e que come qualquer coisa que esteja misturada. Porém, o pior é que o porco não consegue olhar pra cima, pois seu pescoço não o permite. Então, ele só olha para baixo, para a terra. O Senhor Jesus nos ordenou a não lançarmos nossas pérolas aos porcos.

"NÃO julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós. E por que reparas tu no argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, estando uma trave no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão. Não deis aos cães as coisas santas, ***nem deiteis aos porcos as vossas pérolas****, não aconteça que as pisem com os pés e, voltando-se, vos despedacem" (Mateus 7.1-6).*

Se você é um filho, possui pérolas valiosíssimas. O próprio Senhor Jesus

confirma a existência das nossas pérolas.

"Outrossim, o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas. E, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha, e comprou-a" (Mateus 13.45-46).

No texto acima, o Senhor nos ensina que os porcos estão relacionados com a hipocrisia e, como sabemos, hipocrisia é sinônimo de religiosidade babilônica. Nesse momento talvez você esteja se lembrando das pérolas recebidas das mãos do Pai e que se perderam, ao longo do tempo, na lama da religiosidade junto aos porcos. Talvez você esteja se lembrando de todo tempo perdido, vivendo uma vida religiosa na Igreja Evangélica. Sendo um filho legítimo do Pai, contudo, sem desfrutar efetivamente dessa maravilhosa filiação. O filho pródigo estava nessa mesma situação. Contudo, o texto diz que um dia ele caiu em si e lembrou-se de quem ele era. Também se lembrou de qual era o seu verdadeiro lugar. E voltou para a casa do Pai.

Com Daniel e seus amigos também não foi diferente. Enquanto todos os outros príncipes de Israel estavam vivendo uma fantasia religiosa na Babilônia, eles se lembraram de quem eram em Deus e decidiram voltar à presença Dele. E a Babilônia que, no início, os permitia orar e servir ao Senhor, logo arrumou um jeito de lançar um na cova dos leões e os outros na fornalha. Isso porque eles foram os únicos que se recusaram a se curvar diante da estátua do rei e Daniel se recusou a parar de buscar a face do Senhor. Onde estavam os outros príncipes? Estavam todos curvados diante da imagem, se alimentando da comida dos porcos, assim como o filho pródigo quase fez.

A Igreja dos últimos dias, Laodicéia, faz o mesmo. Misturou-se. Ela misturou o quente com o frio. O santo de Deus com o profano do mundo. O justo juízo de Deus com o injusto padrão do mundo. Por isso ela é morna.

A principal característica da multidão cativa na Babilônia foi o engano espiritual. A Babilônia é especialista em embriagar as nações. É fácil enganar alguém embriagado, não é mesmo? A Babilônia possui um jeito muito

eficiente de seduzir. Ela oferece ao filho de Deus a sua glória, conforto, reconhecimento e tudo o mais que o ego humano tanto almeja. Isso toma a mente dos servos de Deus e eles ficam como que embriagados. Uma pessoa embriagada é capaz de praticar atos que jamais faria se estivesse sã. O estado de embriaguez é caracterizado pela perda do juízo perfeito e pelo sentimento falso de alegria. A Babilônia é citada no Apocalipse, o que significa que ela estará ativa nos últimos dias.

"E outro anjo seguiu, dizendo: Caiu, caiu Babilônia, aquela grande cidade, que a todas as nações deu a beber do vinho da ira da sua abominação" (Apocalipse 14.8).

Como podemos ver, nos últimos dias, a Babilônia estará embriagando todas as nações com o seu vinho abominável. Na Babilônia tudo é aceitável. Babilônia é símbolo de mistura. É onde o povo separado de Deus se envolve com as práticas mundanas e começa a achar tudo normal. É a falta de colírio da qual o Senhor advertiu Laodicéia em Apocalipse 3:18.

No livro de Jeremias o próprio Senhor diz a Israel o por que Ele os entregaria ao cativeiro da religiosidade babilônica:

"E VEIO a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Vai, e clama aos ouvidos de Jerusalém, dizendo: Assim diz o SENHOR: Lembro-me de ti, da piedade da tua mocidade, e do amor do teu noivado, quando me seguias no deserto, numa terra que não se semeava Então Israel era santidade para o SENHOR, e as primícias da sua novidade; todos os que o devoravam eram tidos por culpados; o mal vinha sobre eles, diz o SENHOR" (Jeremias 2.1-3).

O Senhor inicia lembrando o Amor que Israel tinha por Ele. No verso três, Ele declara que Israel era santa e separada, suas primícias. É o Senhor com saudades do amor do Seu povo: *"Ouvi a palavra do SENHOR, ó casa de Jacó, e todas as famílias da casa de Israel. Assim diz o SENHOR: Que injustiça acharam vossos pais em mim, para se afastarem de mim, indo após a vaidade, e tornando-se levianos?" (Jeremias 2.4-5).*

No verso cinco o Senhor é enfático afirmando que Israel se afastou Dele. E

o mais incrível é que Ele, sendo Deus, pergunta se Israel havia encontrado alguma injustiça Nele que a fez afastar-se. Inimaginável o Amor de Deus pelo Seu povo!

"E não disseram: Onde está o SENHOR, que nos fez subir da terra do Egito, que nos guiou através do deserto, por uma terra árida, e de covas, por uma terra de sequidão e sombra de morte, por uma terra pela qual ninguém transitava, e na qual não morava homem algum? E eu vos introduzi numa terra fértil, para comerdes o seu fruto e o seu bem; mas quando nela entrastes contaminastes a minha terra, e da minha herança fizestes uma abominação" (Jeremias 2.6-7).

Ele lembra a Israel como Ele os havia tirado do Egito e os colocado em uma terra boa. Porém, Israel havia contaminado a Terra Santa do Senhor. Podemos perceber que a Babilônia sempre vem depois do Egito. Primeiramente, recebemos do Senhor a salvação do mundo, a libertação do Egito e, com o passar dos dias, corremos o risco de entrar no cativeiro babilônico da religiosidade. Como isso acontece? Ele mesmo explica no próximo verso:

"Os sacerdotes não disseram: Onde está o SENHOR? E os que tratavam da lei não me conheciam, e os pastores prevaricavam contra mim, e os profetas profetizavam por Baal, e andaram após o que é de nenhum proveito" (Jeremias 2.8).

O versículo oito parece uma foto da Igreja de Laodicéia. Os Sacerdotes não perguntam: "onde está o Senhor?". Hoje é exatamente assim que acontece. Para a maioria dos sacerdotes atuais tudo está bem. O povo está prosperando e adquirindo todo tipo de bens terrenos. O caixa da Igreja está cheio e as reuniões lotadas com a multidão. O Senhor também diz que os que tratavam da Lei não O conheciam. O que Ele está dizendo? Que os pregadores não O conhecem. É fácil perceber esse fato nos dias de hoje. Poucas são as pregações que falam Dele e somente Dele. A maioria fala das necessidades carnais da multidão e das coisas do mundo. Eu realmente gostaria de saber

onde está escrito na Bíblia que Seminários e faculdades formam pastores. Não! Seminário forma teólogos. Pastor, o único que pode formar, de acordo com a Bíblia, é o Espírito Santo. Hoje em dia, muitas Igrejas estão cativas na religiosidade da Babilônia porque receberam como pastor alguém que fez seminário, mas que não conhece ao Senhor. E o Senhor termina dizendo que os pastores prevaricaram contra Ele. Prevaricar significa proceder mal, adulterar, perverter, desvirtuar e desencaminhar. Nem precisamos olhar com muito cuidado para enxergar esse panorama na Igreja dos últimos dias, em Laodicéia.

Talvez você esteja ficando preocupado e desanimado com essa situação descrita. Querido, o Senhor está nos despertando como Igreja, não nos condenando. Ele nos ama. Veja o que Ele disse para a mesma Igreja de Laodicéia, depois de repreendê-la:

"Eu repreendo e castigo a ***todos quantos amo****; sê pois zeloso, e arrepende-te" (Apocalipse 3.19).*

O propósito Dele, nesses últimos dias, é criar em nós zelo e arrependimento. Arrepender é mudar de direção e zelar é ter cuidado e atenção com o nosso caminhar.

"Portanto ainda contenderei convosco, diz o SENHOR; e até com os filhos de vossos filhos contenderei" (Jeremias 2.9).

Perceba que o Senhor está chamando Seu Israel para o conserto. Ele nos revela o que fazemos que O deixa triste: *"Pois, passai às ilhas de Quitim, e vede; e enviai a Quedar, e atentai bem, e vede se jamais sucedeu coisa semelhante. Houve alguma nação que trocasse os seus deuses, ainda que não fossem deuses?* ***Todavia o meu povo trocou a sua glória por aquilo que é de nenhum proveito.*** *Espantai-vos disto, ó céus, e horrorizai-vos! Ficai verdadeiramente desolados, diz o SENHOR.* ***Porque o meu povo fez duas maldades: a mim me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm águas"*** *(Jeremias 2.10-13).*

E o mais lindo de tudo é que o nosso Deus finaliza afirmando o que todos

nós sabemos: A Igreja não é cativa ela é livre. Nós que, distraídos e sem zelo, entramos em cativeiro.

"Acaso é Israel um servo? É ele um escravo nascido em casa? Por que, pois, veio a ser presa?" (Jeremias 2.14).

A principal característica do cativeiro Babilônico de Israel foi que o rei Nabucodonosor levou para seus palácios na Babilônia somente os príncipes, os escolhidos e os que tinham um chamado do Senhor em suas vidas. A multidão permaneceu na terra de Israel debaixo da influência da Babilônia. Essas pessoas "especiais" de Israel foram destacadas para servir nos palácios reais babilônicos. A ideia de Nabucodonosor era simples. Se os cabeças de Israel estivessem felizes nos palácios babilônicos, eles manteriam a multidão sobre controle e não haveria a possibilidade de se levantarem contra o domínio babilônico. O povo jamais se levantaria em avivamento. Nem sequer saberiam da existência dessa possibilidade.

"No ano terceiro do reinado de Jeoiaquim, rei de Judá, veio Nabucodonosor, rei de Babilônia, a Jerusalém, e a sitiou. E o Senhor entregou nas suas mãos a Jeoiaquim, rei de Judá, e uma parte dos utensílios da casa de Deus, e ele os levou para a terra de Sinar, para a casa do seu deus, e pôs os utensílios na casa do tesouro do seu deus. E disse o rei a Aspenaz, chefe dos seus eunucos, que trouxesse alguns dos filhos de Israel, e da linhagem real e dos príncipes. Jovens em quem não houvesse defeito algum, de boa aparência, e instruídos em toda a sabedoria, e doutos em ciência, e entendidos no conhecimento, e que tivessem habilidade para assistirem no palácio do rei, e que lhes ensinassem as letras e a língua dos caldeus" (Daniel 1.1-4).

Certamente você conhece algum irmão que viveu essa história. Estava na Igreja e buscava ao Senhor incansavelmente com o coração puro e quebrantado. Ele não queria fama nem reconhecimento, muito menos a riqueza e a glória desse mundo. Tudo o que esse irmão desejava era mais do Senhor. Certo dia, como Jesus disse que quem busca encontra, esse santo

recebe Dele uma unção especial. Seja para pregar, cantar ou compor. No início, o Espírito Santo tem liberdade na vida desse ungido e a Igreja é edificada através da vida dele. Nesse instante, o Nabucodonosor desse mundo começa a se aproximar desse irmão ungido, começam a surgir elogios e mais elogios. Note que eu não tenho nada contra quem elogia. O problema está com o irmão ungido que retém os elogios para si e começa a se sentir especial. O ungido que orava em sigilo agora faz questão de informar a Igreja sobre a sua rotina sacrificante de oração. Isso quando não faz questão de divulgar nas redes sociais. E o povo olha e diz: “que irmão ungido!”. E as portas dos palácios babilônicos continuam se abrindo. Lá dentro o ungido encontrará religiosidade e hipocrisia. Então, começam a surgir inúmeros convites para pregar em vários lugares. Isso é muito bom! O problema é que esse ungido passa a pensar que ele é o máximo. Vislumbrado com o palácio babilônico, ele começa a dar autógrafos e a tirar fotos com os seus fãs da Igreja. O próximo estágio planejado por Nabucodonosor é levar o ungido para aparecer em seus programas de TV. Desse ponto em diante, o ungido será tentado a se sentir e agir como agem as celebridades da Babilônia. Outras pessoas famosas se aproximam dele e o dinheiro começa a trazer todo tipo de conforto e afago de ego. Elogios e mais elogios se seguem. Nesse estágio, se o ungido for um cantor, a Babilônia já terá substituído, em seu coração, o conceito de adoração quebrantada pelo de show. Se for um pregador, sua pregação já não passa de elogios a si mesmo, psicologia e discussões teológicas sem nenhuma vida. Pregar o que o Espírito Santo manda estará fora de questão. Pois seria pregar contra a Babilônia. O pior de tudo é que o abençoado, nessa situação, pensa que o Senhor é quem está abrindo as portas para ele no mercado dos shows. Ele que, no início, ministrava aonde o Senhor o enviasse, agora, classifica os convites de acordo com qual Igreja ou evento o pagará mais, afinal, agora ele é uma celebridade. Seja como um *pop star* ou uma diva *gospel*. E as iguarias do rei da Babilônia cegam o ungido e ele se esquece das Palavras do Senhor Jesus:

“Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos odeia” (João 15.19).

O que o Senhor está dizendo é que o mundo só ama aqueles que são dele. Então, se o mundo está amando o ungido e abrindo-lhe espaço nos melhores programas de TV e horários, provavelmente, o ungido já está comprometido com o mundo. Não estou dizendo de comprometimento de pecado, isso é no Egito. Na Babilônia, a coisa é mais sutil. O Nabucodonosor propõe contratos, parcerias e acordos com o ungido e seu ministério. O ungido poderá continuar cantando e pregando para o resto da vida que o Nabucodonosor não se importará. Ele sabe que o Espírito Santo não terá mais o controle do ungido como no início. Por isso, toda a pregação e louvor se tornará apenas entretenimento para a multidão na Igreja. E a multidão entretida ainda pensará: “Deus está com esse ungido! Olha como ele prosperou e ficou famoso!”. Exatamente como aconteceu aos príncipes de Israel nos palácios da Babilônia. Não sei onde nossos queridos líderes e ungidos irmãos leram que o mundo, em algum momento, passaria a amar a Igreja. Lembra da causa do cativeiro na Babilônia?

“Os sacerdotes não disseram: Onde está o SENHOR? E os que tratavam da lei não me conheciam, e os pastores prevaricavam contra mim, e os profetas profetizavam por Baal, e andaram após o que é de nenhum proveito” (Jeremias 2.8).

Isso é Babilônia! Mistura de coisa quente com coisa fria, que resulta em coisa morna como a Igreja de Laodicéia. Finalizando a questão dos príncipes de Israel nos palácios da Babilônia, vejamos mais um ensino do Senhor Jesus:

“Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem e quando vos separarem, e vos injuriarem, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem. Folgai nesse dia, exultai; porque eis que é grande o vosso galardão no céu, pois assim faziam os seus pais aos profetas. Mas ai

de vós, ricos! porque já tendes a vossa consolação. Ai de vós, os que estais fartos, porque tereis fome. Ai de vós, os que agora rides, porque vos lamentareis e chorareis. Ai de vós quando todos os homens de vós disserem bem, porque assim faziam seus pais aos falsos profetas" (Lucas 6.22-26).

O Senhor Jesus está dizendo que quanto mais o mundo estiver nos odiando, mais devemos nos alegrar, pois maior é o nosso galardão no céu. E o contrário também é verdadeiro. Que Ele nos guarde!

Longe de mim esteja te passar a ideia de que eu seja um super crente ou crítico da Igreja. A Igreja somos nós. Todos os que professam o nome do Senhor. Assim como você, também acho muito difícil esse Evangelho. Talvez seja por isso que o Senhor Jesus o chamou de Porta Estreita.

"Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela. E porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem" (Mateus 7.13-14).

No livro de Neemias somos informados sobre todas as doze portas que havia em Jerusalém: Porta Velha, Porta do Monturo, Porta do Peixe, Porta da Fonte, Porta do Cárcere, Porta das Águas, Porta do Vale ou Porta Dourada, Porta dos Cavalos, Porta Oriental, Porta da Atribuição, Porta de Efraim e a Porta das ovelhas. A Porta das Ovelhas era a menor entre as doze portas e não foi feita para passagem de homens e, sim, de ovelhas. Era sobre essa Porta das Ovelhas que o Senhor Jesus se referiu quando disse *porta estreita*, pois ela, realmente, era estreita, só passava uma ovelha por vez, não era possível passar um homem. Então, o que o Senhor está nos ensinando ao nos mandar entrar por essa porta? Simples! Que a nossa natureza humana não pode passar por ela. Temos de nos tornar ovelhas primeiro. Uma vez que a ovelha entrasse por essa porta, ela passava por cinco tanques onde era lavada e limpa. Para quê? Simples de novo! Só assim a ovelha poderia ser levada para ser sacrificada. Isso mesmo! No evangelho de hoje só existe a cruz de Jesus. Porém, no Evangelho que Jesus pregou, havia sim a cruz Dele, mas

também havia a nossa cruz.

"E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim" (Mateus 10.38). "Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me." (Mateus 16.24)

Mas, esse negócio de cruz e crucificação era costume do Império Romano para punir os seus desafetos. Isso nos conduzirá ao último cativeiro de Israel, o do Império Romano nos tempos do Senhor Jesus. Por agora, oremos para que nós, como Igreja, despertemos como Daniel e seus amigos. Que o fascínio e sedução da Babilônia não tenham mais lugar em nosso coração, e que o mesmo avivamento que Daniel experimentou na Babilônia seja derramado sobre nós nesses últimos dias.

Capítulo 3

Cativos do Império Romano (Político)

Enfim, chegamos à época em que o Senhor Jesus viveu encarnado aqui na Terra e, como sabemos, foi também o tempo em que Israel estava sofrendo com o cativeiro imposto pelo Império Romano. Esse representa o terceiro nível de cativeiro que todo crente distraído poderá tomar sobre si. O primeiro foi o Egito, o mundo. O segundo a Babilônia, a religiosidade. No Império Romano, deparamos com o maior nível de trevas que a Igreja pode experimentar. Dizemos trevas no sentido de cegueira espiritual. No Egito Israel estava fora da sua terra, ou seja, fora da Presença do Pai. Na Babilônia, os líderes de Israel estavam fora da sua terra (Presença do Pai) e cooperavam para que o povo, que permaneceu na terra, aceitasse os costumes da Babilônia. Porém, no Império Romano, Israel permaneceu em sua terra, em Jerusalém, contudo, foi Roma que entrou em Israel. O mundo entra na Igreja e começa a ditar as ordens, por isso a Bíblia diz que o Senhor Jesus veio na plenitude dos tempos, quando as coisas estavam mais tenebrosas.

"*Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei" (Gálatas 4.4).*

Na Babilônia, ainda vemos surgir profetas como Ezequiel e Obadias, porém, nos quatrocentos anos do chamado período Inter bíblico, que marca o fim do Velho Testamento e o início do Novo, nenhum profeta ou ministério surgiu. Esse período também é conhecido como o período de silêncio. Espiritualmente falando, nada de relevante aconteceu em Israel nesse período. Assim como hoje, quando falta relevância espiritual sobram arranjos políticos. Nesse período, vários eventos políticos aconteceram em Israel. No ano 538 a.C., o rei da Pérsia, Ciro, tomou a Babilônia, e assinou um Edito autorizando os judeus a voltarem para Jerusalém. O período foi relativamente tranquilo, pois os persas permitiam aos judeus o livre exercício de suas instituições religiosas. A Judéia era dirigida pelos sumo sacerdotes, que prestavam contas ao governo persa, fato que, ao mesmo tempo, permitiu aos judeus uma boa medida de autonomia e rebaixou o sacerdócio a uma função política. Aqui podemos encontrar a principal característica desse período: o sacerdócio tornou-se uma função política. E a política na Casa de Deus, como sempre, trouxe seus ardis: inveja, intriga e até mesmo assassinato tiveram seu papel nas disputas pela honra de ocupar o sumo sacerdócio. Joanã, filho de Joiada (Ne 12.22), é conhecido por ter assassinado o próprio irmão, Josué, no recinto do templo. Depois dos persas, os gregos dominaram a Judéia e depois os sírios. Em todos esses conflitos os sacerdotes políticos tiveram uma participação decisiva. Sempre procurando galgar vantagens políticas com quem estivesse no poder. Por fim, o Império Romano estabeleceu seu domínio definitivo na Judéia. No campo eclesiástico surgiram os fariseus, os saduceus, os essênios, os escribas e os herodianos. Cada um desses grupos se considerava melhor que o outro e lutava por poder político. Exatamente como acontece hoje nas Igrejas evangélicas. Cada denominação se considera superior às outras e luta para eleger seus representantes políticos. A maioria dos líderes evangélicos de hoje não buscam mais o poder espiritual, preferem alcançar o poder político. Eles acreditam que com políticos evangélicos poderão realizar a Obra de Deus. Esse foi o pensamento dos líderes religiosos

da época de Jesus. O sumo-sacerdote acusou o Senhor Jesus diante de Pilatos de crime político contra Roma:

"E, LEVANTANDO-SE toda a multidão deles, o levaram a Pilatos. E começaram a acusá-lo, dizendo: ***Havemos achado este pervertendo a nossa nação, proibindo dar o tributo a César****, e dizendo que ele mesmo é Cristo, o rei" (Lucas 23.1-2).*

Outra pessoa que acreditava que o poder político libertaria Israel era Judas Iscariotes. Uma das explicações etimológicas que, ao longo dos tempos, foram surgindo para o nome «Iscariotes», apresenta uma conotação política, ligando-o ao grupo dos sicários, uma ramificação do grupo dos zelotes que perpetrava violentos ataques contra as forças romanas na Palestina. O fato é que, nessa época, o Templo do Senhor havia sido transformado em casa de comércio. Os líderes que deviam conduzir o povo ao Senhor se preocupavam em manter resguardadas suas posições políticas e sociais. Eles tinham a função dada por Roma de manter o povo sob controle, evitando qualquer tipo de alvoroço que pudesse levar a uma rebelião. Esse quadro tenebroso é o retrato da segunda parte da Igreja de Laodicéia:

"Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu" (Apocalipse 3.17).

Aos seus próprios olhos, Laodicéia era rica e esplendorosa. Contudo, aos olhos do Senhor, ela estava em um estado de miséria, cegueira e nudez. Nos dias de hoje, nós como Igreja, temos considerado como nossa riqueza os templos maravilhosos, as emissoras de rádio e TV e os representantes políticos. Porém, a nossa verdadeira riqueza é, de acordo com o Senhor, o ouro provado no fogo, roupas brancas e colírio. E isso tudo comprado Dele mesmo: *"Aconselho-te que* ***de mim compres ouro provado no fogo****, para que te enriqueças;* ***e roupas brancas****, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez;* ***e que unjas os teus olhos com colírio****, para que vejas" (Apocalipse 3.18).*

O cativeiro político de Roma é a consequência natural de quem não abandonou o religioso da Babilônia. O Egito no coração conduz à religiosidade Babilônica, que por sua vez, conduz à Roma. O Faraó desse século sabe que não pode segurar o povo no Egito. Então, ele se apresenta como Nabucodonosor e procura seduzir os líderes do povo de Deus com seus palácios. Porém, para o desgosto de Nabucodonosor, sempre existirão os iguais a Daniel, que não se curvarão e nem se importarão com as riquezas oferecidas pela Babilônia. Aleluia! Então, a única saída de Nabucodonosor será se apresentar como Imperador romano e encher os líderes religiosos de poder político. Assim, eles mesmos poderão perseguir os crentes iguais a Daniel, que se atreverem a abandonar a Babilônia. Tem sido assim em toda história da Igreja Cristã. O próprio Senhor Jesus advertiu seus discípulos sobre essa questão:

"Expulsar-vos-ão das sinagogas; vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar cuidará fazer um serviço a Deus" (João 16.2).

Quando o verdadeiro avivamento chegou a Jerusalém, através da descida do Espírito Santo sobre os cento e vinte discípulos que permaneceram no cenáculo, o que foi profetizado pelo Senhor Jesus no texto acima de João 16.2 começou a se cumprir. Os líderes religiosos com poderes políticos começaram a perseguir a Igreja. Entre eles estava Saulo:

"Porque já ouvistes qual foi antigamente a minha conduta no judaísmo, como sobremaneira perseguia a igreja de Deus e a assolava" (Gálatas 1.13).

Saulo era um dos religiosos mais zelosos da época. Ele podia ser considerado hebreu de hebreus.

"Circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; segundo a lei, fui fariseu. Segundo o zelo, perseguidor da igreja, segundo a justiça que há na lei, irrepreensível" (Filipenses 3.5-6).

Não tivesse Saulo caído do cavalo a caminho de Damasco ele nunca teria se libertado da religiosidade com poder político. Veremos, mais adiante,

como é vital que todo líder caia do cavalo algum dia. O fato é que, ao longo da História, os líderes religiosos foram se entranhando cada vez mais na política, até que, em 312 d.C., o imperador Constantino declarou o Cristianismo a religião oficial do Império Romano. Nesse instante estava fundida a Igreja e a política, e essa fusão, apesar dos seus percalços históricos, se mantém viva até hoje. A Igreja, chamada cristã, cresceu tanto politicamente que até virou um país, o Vaticano. Se estudarmos o livro do Apocalipse veremos que a Babilônia narrada nele é a Igreja católica. Porém, o que nos importa nesse momento como evangélicos é lembrarmo-nos da Reforma Protestante e o porquê ela foi deflagrada. Lembrarmo-nos também das práticas religiosas que os lideres cristãos impunham sobre o povo e do valor que a Igreja, dita Cristã, atribuía ao dinheiro, ao status e aos prazeres da carne. Talvez, lembrando-nos dessas coisas tenebrosas da história da Igreja Cristã e observando como estamos hoje como Igreja Protestante, comece a brotar no nosso coração a necessidade de deflagrarmos, em nossa vida, a reforma da reforma e assim, abandonarmos definitivamente o cativeiro político do Império Romano. Não estamos dizendo que líder evangélico não pode se candidatar ou se envolver com política. Só estamos chamando a atenção para que não permitamos que nossos líderes evangélicos se transformem em papas gospel. Por isso, oremos por eles!

Segunda Parte

Saída do Egito

Todos nós sabemos que o Egito simboliza o mundo, o Império das trevas de onde o Cordeiro nos libertou. Na noite anterior à décima praga, as famílias estavam reunidas ao redor da mesa. Todos estavam vestidos e prontos para viajar para fora do Egito e também estavam se alimentando do Cordeiro, pães ázimos e ervas amargas. Exatamente como o Senhor havia ordenado:

"Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês tome cada um para si um cordeiro, segundo as casas dos pais, um cordeiro para cada família. E tomarão do sangue, e pô-lo-ão em ambas as ombreiras, e na verga da porta, nas casas em que o comerem. E naquela noite comerão a carne assada no fogo, com pães ázimos; com ervas amargosas a comerão. Não comereis dele cru, nem cozido em água, senão assado no fogo, a sua cabeça com os seus pés e com a sua fressura" (Êxodo 12.3-9).

Aqui temos um panorama da Igreja que está decidida e pronta para sair do Egito. A Igreja somos você e eu. Já saímos "fisicamente" do Egito quando fomos salvos. A questão agora é abandonarmos também as práticas e o jeito de pensar do Egito, caso contrário, seremos como aquela geração que saiu fisicamente, mas que permaneceu cativa nas práticas do Egito. O resultado?

Ficou prostrada no deserto. Se o panorama que passaremos a descrever não aparece em sua vida ou na igreja que você frequenta, examine-se para saber se, mesmo estando livre fisicamente do Egito, ainda não se encontra cativo nas práticas.

Capítulo 4

Famílias Reunidas

A estratégia de saída começou com a reunião das famílias. A Bíblia relata que durante o cativeiro no Egito as famílias judaicas sofreram várias investidas de Faraó. O nascimento de Moisés foi marcado por uma dessas investidas. Faraó havia ordenado que, quando nascesse um menino judeu, a criança seria lançada no rio (*Êxodo 1.22*). Imagina o que sentiam os pais em relação aos seus filhos? E o que sentiam os filhos em relação aos seus pais? Uma menina olhava para seus pais e pensava: “eu só estou viva porque sou mulher, senão, vocês teriam me jogado no rio para morrer”. Que estrutura familiar terrível! Os pais procuravam não nutrir muito apego por seus filhos por que nem sabiam se eles viveriam. Quantos pais assistiram suas filhas serem violentadas pelos egípcios sem poder esboçar nenhuma reação? Quantas mães assistiram seus filhos sendo maltratados e humilhados injustamente? Essa era a estrutura emocional das famílias de Israel. Nesse quadro, o Senhor manda que as famílias se reúnam para comer do Cordeiro. Famílias reunidas nos fala de comunhão. Que o Senhor abra os nossos olhos para o poder que está guardado para nós na comunhão. Na verdade, todo o poder está no Cordeiro de Deus, porém, só podemos nos alimentar desse

Poderoso Cordeiro sob o manto santo da comunhão. No livro de Malaquias, o Senhor anuncia a manifestação do Seu Cordeiro. Contudo, antes do Cordeiro, viria Elias convertendo o coração dos pais aos filhos e o dos filhos aos pais. Aleluia!

"E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição" (Malaquias 4.6).

O fato é que se algum judeu, porventura, tivesse seu próprio cordeiro e quisesse comê-lo sozinho, Deus não aceitaria e nem abençoaria tal judeu. Por quê? Simples! Porque o Poder do Cordeiro de Deus se manifesta na comunhão. E o que esse negócio de comunhão em família tem a ver com a Igreja? Você pode estar pensando. Reparou que eu te chamei de irmão? Sabe quem começou com esse negócio de chamar o povo da Igreja de irmãos? O Senhor Jesus. Ele, ao longo do Seu Ministério, chamava Deus de Pai e seus seguidores de servos e discípulos. Depois, próximo à Sua crucificação, chamou-os de amigos. Disse: *vós sois meus amigos se fizerdes os que Eu vos mando* (João 15.14). Porém, quando Ele ressuscitou e encontrou com Maria na porta do túmulo, disse:

"Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus" (João 20.17).

No Egito, Israel conhecia o Senhor como o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Através do Cordeiro Ele os libertou e queria revelar-Se a eles como Pai. Após ressuscitar, o Cordeiro Santo chama seus seguidores de irmãos, manifestando o Pai como sendo o Pai deles também. Só após eles terem a consciência de Deus como Pai, Jesus manifesta o Pai como o Deus deles. A primeira pregação Dele, depois de ressuscitar, foi nos ensinar que Deus é o nosso Pai e que somos todos irmãos, ou seja, uma família:

"Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus" (Efésios 2.19).

Deus é Deus de comunhão. Ele exige que seus filhos tenham comunhão com Ele e entre si. A Bíblia está repleta de textos ensinando-nos a:

1. Suportar uns aos outros

   "Mas nós, que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar a nós mesmos" (Romanos 15.1).

2. Carregar as cargas uns dos outros

   "Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gálatas 6.2).

3. Amar uns aos outros

   "O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Isto vos mando: Que vos ameis uns aos outros" (João 15.12 e 17).

O Senhor Jesus, próximo do seu martírio, se preocupou em reforçar aos discípulos a importância de se amarem. Ele colocou tal situação como primordial para que o mundo cresse que eles eram Seus discípulos: *"Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (João 13.35).*

O conceito de Amor do Senhor é tão diferente do conceito humano quanto o dia o é da noite. Associamos o amor a sentimentos. Pense comigo um pouquinho: Se o amor fosse um sentimento, o Senhor não poderia nos ordenar que nos amássemos. Como poderia alguém produzir em si mesmo um sentimento? Ele nos ordenou porque o Amor não é um sentimento. O Amor é um estilo de vida que só quem O conhece pode praticar. Precisa haver uma escolha de amar. O Senhor Sempre nos dará o direito de escolher. Observe o que Sua Palavra diz sobre o Amor: *"O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal. Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta" (1 Coríntios 13.4-7).*

Se você ler a partir do verso primeiro desse capítulo, verá uma série de obras que nos deixariam de queixo caído. Porém, para Ele, essas obras sem Amor não são nada. Por quê? Simples! O Amor é a base da comunhão. Sem Amor não pode haver a comunhão verdadeira e sem a comunhão verdadeira não se pode participar do Cordeiro e sem o Cordeiro permanecemos nas práticas do Egito.

"Mas, se andarmos na luz, como ele na luz está, ***temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado****" (1 João 1.7).*

Perceba a seriedade da necessidade de comunhão no versículo acima. A Bíblia diz que se estamos na Luz temos comunhão uns com os outros. Então, podemos dizer também que quem não está em comunhão está nas trevas. Outro texto confirma isso.

"Aquele que diz que está na luz, e odeia a seu irmão, até agora está em trevas" (1 João 2.9).

Na igreja de hoje se algum irmão tem problemas com o vício é posto em disciplina. Se o problema dele for com a pornografia, provavelmente será excluído. Agora, se algum outro irmão maltrata, ofende e humilha outros irmãos, não tem problema algum, nem é considerado pecado. Onde está a comunhão? De acordo com o ensino do Senhor, a falta de comunhão deveria ser o único pecado que poderia provocar a exclusão de alguém da igreja:

"Ora, se teu irmão pecar contra ti, vai, e repreende-o entre ti e ele só; se te ouvir, ganhaste a teu irmão; mas, se não te ouvir, leva ainda contigo um ou dois, para que pela boca de duas ou três testemunhas toda a palavra seja confirmada. E, se não as escutar, dize-o à igreja; e, se também não escutar a igreja, considera-o como um gentio e publicano" (Mateus 18.15-17).

O Senhor está sendo categórico em dizer que se algum irmão escolher não reatar a comunhão na Igreja, ele deve ser considerado fora dela. Jesus andou com os gentios e publicanos. Eram pessoas que andavam com Ele, mas que, por algum motivo, não davam o último passo. Preferiam viver na multidão.

Aquele jantar, naquela última noite no Egito, foi o mais longo da história de Israel, durou a noite toda. Imagine quantos pais já não falavam com seus filhos há tempos e vice versa! Para o povo judeu comer junto à mesa tem um significado muito forte. A mesa igualava a todos. Ela pregava que todos os que estavam reunidos em volta dela comendo eram iguais. Por isso que os fariseus horrorizavam ao ver Jesus sentado à mesa com, os considerados por eles, pecadores. O fato é que muita coisa teve de ser consertada naquela noite diante do cordeiro. Oro para que o Senhor traga esse mesmo conserto para às nossas igrejas hoje. Porque sem a comunhão, sem o estar ao redor da mesa, não há libertação do mundo. Não sei onde os pregadores de hoje encontraram esse evangelho individualista que andam pregando. Dizem: "Eu tenho é porque sou fiel e não tenho nada a ver com aqueles meus irmãos que não são". Dizem ainda: "Deus vai te dar isso! Deus vai te dar aquilo e aquilo!". Resumindo, Deus vai satisfazer a multidão em tudo o que ela desejar!

E o que dizer da falta de perdão? Nem é pregada mais, afinal, os tempos mudaram e "somos crentes, mas não somos bobos". Contudo, o nosso Senhor não muda:

"Porque eu, o SENHOR, não mudo; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos" (Malaquias 3.6).

Ele continua sendo o mesmo! De acordo com o ensino do nosso Senhor Jesus, o Espírito Santo pode nos libertar de qualquer pecado e Seu sangue pode nos purificar de todos eles também. Exceto do pecado de não perdoar. Lembra-se da parábola do credor incompassível?

"Por isso o reino dos céus pode comparar-se a um certo rei que quis fazer contas com os seus servos. E, começando a fazer contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos. E, não tendo ele com que pagar, o seu senhor mandou que ele, e sua mulher e seus filhos fossem vendidos, com tudo quanto tinha, para que a dívida se lhe pagasse. Então aquele servo, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: Senhor, sê generoso para comigo, e tudo te pagarei. Então o senhor daquele servo, movido de íntima compaixão,

soltou-o e perdoou-lhe a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos, que lhe devia cem dinheiros, e, lançando mão dele, sufocava-o, dizendo: Paga-me o que me deves. Então o seu companheiro, prostrando-se a seus pés, rogava-lhe, dizendo: Sê generoso para comigo, e tudo te pagarei. Ele, porém, não quis, antes foi encerrá-lo na prisão, até que pagasse a dívida. Vendo, pois, os seus conservos o que acontecia, contristaram-se muito, e foram declarar ao seu senhor tudo o que se passara. Então o seu senhor, chamando-o à sua presença, disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste Não devias tu, igualmente, ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti? E, indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que devia. Assim vos fará, também, meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas" (Mateus 18.23-35).

O Senhor perdoou nossa impagável dívida para com Ele. Então, Ele exige que façamos o mesmo. Que perdoemos os nossos irmãos e que mantenhamos a comunhão.

O fato triste é que o único pecado que Ele não perdoa, nós nem temos considerado como pecado. O pecado de não perdoar é o maior pecado que um cristão pode praticar, pois esse atinge não somente a sua vida individualmente, mas toda a Igreja:

"Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós. "Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas" (Mateus 6.14 e 15).

Inclusive, Ele nos ensinou a pedir que o Pai nos perdoasse da mesma forma que também estamos perdoando os outros:

"E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores" (Mateus 6.12).

E as diferenças entre o evangelho de hoje e o Evangelho de Jesus não

param por aí. Para a Igreja de hoje alguém que seja fiel nos dízimos e nas ofertas está no mais alto grau de santidade. Para Ele a comunhão é maior e mais importante do que a oferta.

"Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta" (Mateus 5.23-24).

Você vai me achar um chato, mas deixe-me compartilhar contigo somente mais uma situação que nos mostra a imensa preocupação do Senhor com a nossa Comunhão.

A Ceia do Senhor

A festa da Páscoa se aproximava e Jesus sabia que seria crucificado nela. Então, o que Ele fez? Uma Ceia. Estando todos à mesa, exatamente como naquela noite no Egito, a comunhão era tão intensa que o traidor foi desmascarado e fugiu do local. Muitos traidores estão escondidos nas Igrejas de hoje porque não existe ainda uma comunhão tão intensa entre os verdadeiros irmãos que revele e expulse os traidores. O Senhor pegou o pão, partiu-o e disse que era o corpo Dele e todos comeram, exatamente como no Egito. Depois, Ele pegou um cálice e disse que era Seu Sangue e todos beberam. Não sei se você lembra que a primeira Páscoa foi exatamente naquela última noite no Egito, daí em diante o Senhor estabeleceu a Páscoa como uma festa anual em Israel, para que todos se lembrassem do cativeiro no Egito e do Cordeiro que os tirou de lá.

"E acontecerá que, quando vossos filhos vos disserem: Que culto é este? Então direis: Este é o sacrifício da páscoa ao SENHOR, que passou as casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu aos egípcios, e livrou as nossas casas. Então o povo inclinou-se, e adorou" (Êxodo 12.26,27).

Quando eles acabaram de comer o pão, a carne do Cordeiro e o cálice, o

Seu Sangue, o que aconteceu? O poder da comunhão foi tão intenso que o Senhor Jesus se Revelou a eles. Aquelas pessoas conheciam o Jesus que fazia milagres e curava, porém agora, debaixo do manto de comunhão na Ceia, Ele revelou coisas muito profundas ao Seu respeito, revelou que Ele era a Videira e nós os ramos. Revelou que nós não somos do mundo; que Ele iria preparar-nos lugar; revelou a Pessoa e a obra do Espírito Santo e muito mais *(João 13, 14, 15, 16 e 17).*

As revelações estavam fluindo tanto que chegou um momento que o Senhor resolveu parar, pois os discípulos já não estavam suportando mais tanto poder: *"Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora" (João 16.12).*

Ele disse que o Espírito Santo iria continuar a nos ensinar. Aleluia!

O fato é que quando estamos assentados à mesa, na ceia em comunhão, o Cordeiro se revela, aí podemos nos alimentar Dele para sairmos do mundo. Exatamente como Israel fez naquela noite para sair do Egito. O salmista conhecia muito bem a importância da comunhão na vida dos irmãos.

"Oh! quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união. É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão, e que desce à orla das suas vestes. Como o orvalho de Hermom, e como o que desce sobre os montes de Sião, porque ali o Senhor ordena a bênção e a vida para sempre." (Salmos 133.1-3)

Vamos ver os benefícios na comunhão mais de perto?

• É como o óleo precioso sobre a cabeça,(unção do Espírito Santo).
• e que desce à orla das suas vestes.(e essa unção se espalha por todo corpo Igreja)
• Como o orvalho de Hermom, e como o que desce sobre os montes de Sião, (prosperidade)
• porque ali o Senhor ordena a bênção (revelação Dele mesmo)
• e a vida para sempre (vida eterna, ou seja, salvação).

E o tempo passou e passou e a Igreja começou a ter problemas com a Ceia.

Ela perdeu o verdadeiro entendimento do significado da Ceia do Senhor. Paulo corrigiu esse problema na Igreja de Coríntios:

"Nisto, porém, que vou dizer-vos não vos louvo; porquanto vos ajuntais, não para melhor, senão para pior. Porque antes de tudo ouço que, quando vos ajuntais na igreja, há entre vós dissensões; e em parte o creio. E até importa que haja entre vós heresias, para que os que são sinceros se manifestem entre vós. De sorte que, quando vos ajuntais num lugar, não é para comer a ceia do Senhor. Porque, comendo, cada um toma antecipadamente a sua própria ceia; e assim um tem fome e outro embriaga-se. Não tendes porventura casas para comer e para beber? Ou desprezais a igreja de Deus, e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto não vos louvo. Porque eu recebi do SENHOR o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão. E, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha. Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice. Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do SENHOR. Por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem. Porque, se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando somos julgados, somos repreendidos pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo" (1 Coríntios 11.17-32).

A comunhão na igreja de Coríntios estava enfraquecida. Havia muitas brigas e discussões entre os irmãos (v 18). Sem comunhão a igreja pode ter o melhor pão e o melhor cálice, porém, não estará realizando a verdadeira Ceia

do Senhor (v 20). Contudo, como sempre, existiam lá os sinceros e a multidão (v19). Em qual grupo você se enquadra hoje? Eles faziam e praticavam a diferenciação entre irmãos (v 21). Do verso 23 ao 25, Paulo passa a lembrá-los do verdadeiro significado da Ceia do Senhor. Porém, toda a revelação está do verso 26 em diante.

Desde criança sempre frequentei Igreja evangélica. Um privilégio inestimável que o Senhor me deu! Então, já participei de centenas de ceias nesse tempo todo. E sempre foi assim. No dia da ceia nós sempre ficávamos preocupados com os versos 27 ao 29:

"Portanto, qualquer que comer este pão, ou beber o cálice do Senhor indignamente, será culpado do corpo e do sangue do Senhor. Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e assim coma deste pão e beba deste cálice. Porque o que come e bebe indignamente, come e bebe para sua própria condenação, não discernindo o corpo do SENHOR."

Nesse dia, o pastor sempre pregava sobre a existência de pecados em nossa vida, então começávamos a puxar pela memória todos os pecados cometidos e a pedir perdão a Deus. Tudo para não participar indignamente. Quantas vezes eu deixei de ir ao culto só para não participar da Ceia. Eu entendia que naquele mês meus pecados haviam sido tão intensos que não haveria tempo para consertar todos. O típico crente que trazia o Egito no coração! Até que o Senhor me perguntou um dia e eu refaço a pergunta Dele para você agora:

Você acha que quando estiver diante Dele, no dia do juízo, haverá algum pecado na sua vida? Certamente que sim! João escreveu que se dissermos que não temos pecado estamos mentindo:

"Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós" (1 João 1.8).

O Senhor me mostrou que haverá na minha vida pecados que eu nem sei que são pecados. Aí fiquei confuso, pois a conclusão é imediata. Então, todas as vezes que participei da Ceia, eu o fiz estando com algum pecado, ou seja, participei de forma indigna? Caso assim fosse, estaria sob condenação. Esse

pensamento me atormentou por algum tempo até que Ele me ensinou. Graças a Deus pelo Espírito Santo que nos ensina todas as coisas! No verso 29, Ele fala qual é o único pecado que torna a Ceia do Senhor uma condenação para quem o pratica, a saber, *não discernindo o corpo do SENHOR*. Aleluia! Não discernir o corpo do Senhor é ignorar que a Igreja é o corpo Dele e que somos membros uns dos outros. É esquecer que somos interdependentes e que necessitamos uns dos outros, assim como qualquer membro do nosso corpo carnal necessita de todos os outros.

"Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação. Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros" (Romanos 12.4 e 5).

Não discernir o corpo do Senhor é não zelar pela comunhão na Igreja. Não estou abolindo os outros pecados. Temos que pedir perdão por cada um deles, porém, como vimos, o pecado da falta de perdão Ele não perdoa, enquanto não perdoamos aos que nos ofenderam. Novamente a Igreja não tem se importado, durante a Ceia, com o único pecado que, na Ceia, o Senhor não admite. A Ceia é a comunhão no Seu Corpo e no Seu Sangue. É a lembrança do Cordeiro. Ninguém pode participar do Cordeiro sem estar sentado à mesa da comunhão.

"Se andarmos na luz como Ele na luz está, temos ***comunhão*** *uns com os outros* ***e o Sangue de Jesus Cristo, Seu filho nos purifica de todo pecado"*** *(1 João 1.7).*

Dica

Amado, se você tem problemas com algum outro irmão, seja na Igreja onde congrega atualmente ou onde congregou no passado, resolva a questão. Esse é o primeiro passo para a conquista de uma vida santa e sem a influência do Egito.

De que maneira?

1. Arrependa-se por ter deixado essa ferida aberta no Corpo de Cristo todo esse tempo. Peça perdão ao Senhor por todas as vezes que essa ferida impediu que Ele se revelasse a você e à Igreja. Não importa quem estava certo ou errado. O pecado de não perdoar, assim como todo pecado, pode ser praticado por ação ou por omissão. Talvez você tenha sido ofendido, injustiçado e ferido. Quem fez isso contra você, certamente pecou. Porém, se não perdoou, você praticou o pior pecado de todos no Corpo de Cristo.
2. Ore e peça ao Senhor que lhe dê sabedoria e ocasião para tratar o problema.
3. Quando for possível, vá até a pessoa e diga: "Lembra-se daquele ano, quando ocorreu isso e aquilo?". A pessoa tentará fazê-lo desistir dizendo que não tem mais nada a ver, que ficou no passado, *etc.* Simplesmente diga: "Eu preciso pedir perdão pelo ocorrido". Não se importe com a reação dela. Você está fazendo a Vontade do Pai, não a vontade dela e muito menos a sua. Isso nos leva ao próximo passo.
4. Vai doer! Você sentirá vergonha diante da pessoa. Provavelmente se sentirá humilhado. Isso é ótimo! Significa que, no mundo espiritual, algo está acontecendo. O Senhor disse:
   "Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado" (Lucas 18.14).
5. Talvez a pessoa em questão nem seja da Igreja, mas um familiar: cônjuge, filho, irmão, pai, mãe, parente, amigo, *etc.* Siga os mesmos passos.
6. Siga o mesmo caminho toda vez que o Senhor o fizer lembrar-se de um fato e toda vez que outro conflito ocorrer de agora em diante.
7. Você verá os resultados. Verá que sua comunhão com o Senhor não será mais sofrida. Bastará clamar por Ele que logo sentirá Sua maravilhosa presença. Por exemplo: Enquanto todos estarão achando o culto e a oração frios e sem graça, você estará se derramando diante Dele.

8. Seja persistente nesse propósito!

Capítulo 5

Alimentavam do Cordeiro Pascal

Naquela noite, todos os que desejavam deixar o Egito estavam em volta da mesa. Se desejamos também ser libertos do poder do mundo devemos fazer o mesmo. Como aprendemos, sentar-se à mesa é resolver nossos problemas de comunhão ou a falta dela. Resolvida essa questão, todos podiam se alimentar. Contudo, não se tratava de um *self service*, onde cada um escolheria seu alimento predileto. O alimento já havia sido definido por Deus. A propósito, longe de mim querer desapontar os líderes de hoje. Só quero lembrá-los que quem escolhe e define o alimento do Seu povo continua sendo Ele. O salmista sabia disso e declarou:

"O SENHOR é o meu pastor, nada me faltará. Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas" (Salmos 23.1,2).

Ele é quem conduz suas ovelhas aos pastos verdejantes e às águas tranquilas. Antigamente, meus avôs cozinhavam no fogão a lenha; meus pais no fogão a gás e em minha casa cozinhamos, quase tudo, no forno micro-ondas. Meu filho prefere ir ao restaurante ou pedir a comida pronta para ser entregue em casa. Note como as coisas mudam de geração para geração!

Porém, nosso Deus não muda. Aleluia! Conheci uma geração de pregadores que não cursou faculdade e nem possuía muito conhecimento humano. Contudo, quando abriam a boca, todos reconheciam que era o Senhor quem nos estava alimentando. Hoje nossos pregadores são mais modernos e criaram uma espécie de *fast food* espiritual. O freguês é quem escolhe o que quer comer. Se quiser o evangelho da autoajuda, tem. Se preferir o evangelho psicológico, também tem. Se a preferência for pelo evangelho do dinheiro e da carne, oh, se tem! Esses evangelhos são aqueles que inflam tanto o ego de quem os ouve que até se esquecem de Deus. São os prediletos da multidão. O inimigo tentou o Senhor Jesus nesses três evangelhos no deserto. Ele até usou a própria Bíblia, lançando mão da expressão "está escrito". Mais ou menos como tem sido feito hoje em dia nos púlpitos por aí a fora.

"ENTÃO foi conduzido Jesus pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, tendo jejuado quarenta dias e quarenta noites, depois teve fome. E, chegando-se a ele o tentador, disse: Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães. Ele, porém, respondendo, disse: Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus. Então o diabo o transportou à cidade santa, e colocou-o sobre o pináculo do templo. E disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo; porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito, E tomar-te-ão nas mãos, Para que nunca tropeces em alguma pedra. Disse-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor teu Deus. Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe todos os reinos do mundo, e a glória deles. E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás" (Mateus 4.1-10).

No verso primeiro, vemos que foi o Espírito Santo quem conduziu Jesus ao deserto para ser tentado. O quê? O Espírito Santo foi pego de surpresa por Satanás? Não! Ele sabia de tudo desde o início, como sempre. Dê uma olhada no verso três. Vamos colocá-lo na linguagem dos púlpitos de hoje? Meu

irmão você é filho de Deus! Não pode ficar ai nesse deserto com fome! Você não merece sofrer! Você tem direito de comer o melhor dessa Terra! Então, manda que essas pedras se transformem em pães! Está aí o apetitoso evangelho da autoajuda. O verso cinco diz que Satanás colocou Jesus no Pináculo do Templo, ou seja, no ponto mais alto do Templo. E disse, no verso seis "atira-te daqui abaixo". Na linguagem de hoje seria: "Irmão, Deus o colocou num lugar alto, num lugar de honra! Você é um líder! Você merece ser tratado por Deus de forma diferente porque você é fiel! Então irmão é tudo ou nada! Brigue com Deus e não aceite ficar nesse deserto passando necessidade! Diga pra Deus: eu vou pular e se o Senhor não me honrar eu deixo o ministério!". Esse é o evangelho da psicologia. Esse evangelho psicológico utiliza-se de mirabolismos de argumentos sem o aval do Espírito Santo. Contudo, Satanás ainda pregou o evangelho do dinheiro e da glória humana para o Senhor Jesus. Esse evangelho é o que a multidão, geralmente, não consegue resistir. No verso oito, Satanás mostrou a Jesus todos os reinos do mundo e glória deles e disse, no verso nove: "tudo isso te darei se prostrado me adorares". Irmão, eram todos os reinos do mundo e a glória deles! Toda a riqueza do mundo. Tudo de melhor que o dinheiro pode comprar. Toda honra humana. Na atualidade, essa oferta, geralmente, tem feito muitos se prostrarem. Esse evangelho, nem precisamos traduzi-lo para a linguagem de hoje porque ele tem sido a linguagem de hoje. A multidão sempre procura seu conforto e bem-estar. Ela não se preocupa em fazer a pergunta: "das mãos de quem está vindo essa suposta bênção?". O Senhor Jesus poderia ter recebido toda a glória do mundo no conforto e sem passar pela cruz. Para a multidão seria um negócio imperdível. E quem disse que a Igreja é um negócio?

O fato é que hoje temos nas igrejas muitas comidas espirituais, mas se quisermos ser libertos do Egito, teremos de comer da comida que o Senhor determinou, que é o Cordeiro Santo.

Naquela última noite no cativeiro, o alimento sobre a mesa dos que

estavam para sair do Egito era o cordeiro, acompanhado do pão sem fermento e das ervas amargas.

O que Deus usou para libertar o povo do Egito? O cordeiro. E como foi que Ele fez? O sangue do cordeiro fez separação entre os judeus e os egípcios. Quem estivesse debaixo do sinal do sangue que estava nos umbrais das portas estaria livre do julgamento do anjo da destruição. Isso é poder de Deus! E a carne do cordeiro seria a única energia que eles teriam para aguentar a longa caminhada pelo deserto para fora do Egito. É triste ver como nós, Igreja, temos esquecido de nos alimentar do Cordeiro! Se eles tivessem permanecido sob a proteção do sangue, mas não tivessem se alimentado da carne do cordeiro, não teriam forças para, efetivamente, sair do Egito. Não teriam forças para caminhar na vida com Deus. Não seria esse o problema dos cristãos de hoje? Estão guardados pelo sangue, porém, não encontram forças para abandonar as práticas do Egito. Por quê? Porque não estão sendo alimentados com a carne do Cordeiro. Qual foi a última vez que você ouviu uma pregação sobre o sangue do Cordeiro? Provavelmente já faz tempo. Se é que alguma vez você ouviu. E qual foi a última vez que você ouviu sobre se alimentar de Jesus, comer a carne do Cordeiro? E sobre crucificar a nossa carne, a erva amarga, quanto tempo faz que você não é alimentado com elas? E o pão sem fermento, a sã doutrina? Doutrina? Isso é coisa do passado, alguém dirá. Sabe qual é o papel do fermento no pão? Inchar! Encher sem nutrir. Hoje em dia encontramos muitas pessoas, frequentadoras de Igrejas Evangélicas, que pensam estar sendo alimentadas e nutridas, porém, nunca vimos também tantas pessoas que se desviaram do Caminho. Em todo lugar encontramos alguém desviado. O que aconteceu? Provavelmente essas pessoas estavam cheias, mas desnutridas. Quando veio a provação, não possuíam forças para resistir e se desviaram.

Será que a multidão na Igreja de hoje saiu, efetivamente, do Egito e, principalmente, tirou o Egito do coração?

Um papo com a Multidão

No capítulo seis do Evangelho segundo João, o Senhor Jesus instruiu a multidão sobre a questão do que comer. Como veremos mais adiante, nessa época, Israel estava debaixo do cativeiro do Império Romano. Todo judeu almejava a liberdade. E o Cordeiro Jesus veio precisamente para libertá-los:

"Enviou-me a pregar libertação aos cativos" (Lucas 4.19).

Porém, a multidão almejava a libertação das suas necessidades carnais, não a libertação dos seus pecados:

"DEPOIS disto partiu Jesus para o outro lado do mar da Galileia, que é o de Tiberíades. E grande multidão o seguia, porque via os sinais que operava sobre os enfermos. E Jesus subiu ao monte, e assentou-se ali com os seus discípulos. E a Páscoa, a festa dos judeus, estava próxima. Então Jesus, levantando os olhos, e vendo que uma grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pão, para estes comerem? Mas dizia isto para o experimentar; porque ele bem sabia o que havia de fazer. Filipe respondeu-lhe: Duzentos dinheiros de pão não lhes bastarão, para que cada um deles tome um pouco. E um dos seus discípulos, André, irmão de Simão Pedro, disse-lhe: Está aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos; mas que é isto para tantos? E disse Jesus: Mandai assentar os homens. E havia muita relva naquele lugar. Assentaram-se, pois, os homens em número de quase cinco mil. E Jesus tomou os pães e, havendo dado graças, repartiu-os pelos discípulos, e os discípulos pelos que estavam assentados; e igualmente também dos peixes, quanto eles queriam. E, quando estavam saciados, disse aos seus discípulos: Recolhei os pedaços que sobejaram, para que nada se perca. Recolheram-nos, pois, e encheram doze alcofas de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobejaram aos que haviam comido. Vendo, pois, aqueles homens o milagre que Jesus tinha feito, diziam: Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo. Sabendo, pois, Jesus que haviam de vir arrebatá-lo, para o fazerem rei, tornou a retirar-se,

ele só, para o monte" (João 6.1-15).

No verso quatro vemos algo muito importante e profético: a Páscoa estava perto. A festa que trazia à lembrança de Israel seu cativeiro no Egito estava chegando. Então, o senhor Jesus vendo a multidão resolveu lembrar-lhes do verdadeiro alimento: **Ele mesmo**. No verso dez, o Senhor Jesus fez uma mini mesa de comunhão, mandando que todos se assentassem em grupos. Outra vez o poder da comunhão sendo mostrado. E Ele multiplicou os pães e os peixes e todos comeram e se fartaram. E ainda sobraram doze cestos cheios. Quando a multidão viu que Jesus havia saciado sua fome, o que ela fez? Quis coroá-lo Rei (verso 15). Com a multidão é assim mesmo. Qualquer um que encher sua barriga e satisfizer suas necessidades carnais será coroado rei. Eles queriam iniciar uma rebelião contra o Império Romano tendo o Senhor Jesus como líder. A multidão já conhecia um homem chamado Barrabás que era o líder de um movimento de rebelião contra Roma. Mas, diante do prodígio que Jesus acabara de realizar, a multidão com a barriga cheia, entre Jesus e Barrabás, escolheu Jesus como rei. Certamente acertaram na escolha. Porém, com a revelação errada. O problema foi que a multidão não se importou muito com a Vontade de Deus. E Jesus só se importa com a Vontade do Pai. Se Ele quisesse ter sido coroado rei por conta própria, teria aceitado a proposta de Satanás no deserto: "te darei todos os reinos e a glória deles". Então, mais uma vez, o Senhor Jesus foi obrigado a se afastar da multidão, que nem percebeu que Ele havia se afastado, só perceberam no outro dia quando a sua necessidade carnal, no caso a fome, apareceu de novo. E voltaram a procurá-lo. Essa é a principal característica da multidão. Ela procura o Senhor quando está em necessidade e para que Ele a supra. Quando a multidão o encontrou novamente, o Senhor quis ensiná-los:

"Vendo, pois, a multidão que Jesus não estava ali nem os seus discípulos, entraram eles também nos barcos, e foram a Cafarnaum, em busca de Jesus. E, achando-o no outro lado do mar, disseram-lhe: Rabi, quando chegaste aqui? Jesus respondeu-lhes, e disse: Na verdade, na verdade vos digo que me

buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque a este o Pai, Deus, o selou. Disseram-lhe, pois: Que faremos para executarmos as obras de Deus? Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou. Disseram-lhe, pois: Que sinal, pois, fazes tu, para que o vejamos, e creiamos em ti? Que operas tu? Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes a comer o pão do céu. Disse-lhes, pois, Jesus: Na verdade, na verdade vos digo: Moisés não vos deu o pão do céu; mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu. Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo. Disseram-lhe, pois: SENHOR, dá-nos sempre desse pão. E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede. Mas já vos disse que também vós me vistes, e contudo não credes. Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora. Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou. E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia. Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia. Murmuravam, pois, dele os judeus, porque dissera: Eu sou o pão que desceu do céu" (João 6.24-41).

No verso vinte e seis, o Senhor revela a intenção da multidão: "Vocês vieram atrás de mim porque comeram do pão e do peixe e se fartaram, não por causa dos sinais". E no verso vinte e sete o Senhor os aconselha a trabalhar pela comida certa. Aqui o Senhor nos dá uma revelação importante. A multidão andava para lá e para cá atrás Dele e Ele reconheceu esse trabalho da multidão. Contudo, disse que eles deveriam trabalhar pela comida certa, aquela que só Ele poderia dar. Ele estava dizendo que não adiantava todo ativismo da multidão se eles não quisessem se alimentar Dele. Talvez nunca

tenha havido, na história da Igreja, uma época com tanto ativismo como nos tempos de hoje. Isso é bom, desde que o propósito seja alimentar a Igreja Dele, o Cordeiro. Todo e qualquer ministério que não tenha como único propósito revelá-Lo ao povo é ministério da multidão. Nos versos seguintes o Senhor Jesus abriu a revelação para a multidão sobre de qual cativeiro Ele os libertaria. O cativeiro do Egito onde há pecado e morte.

E o Senhor Jesus continuou, em João capítulo 6, a se revelar à multidão:

"Respondeu, pois, Jesus, e disse-lhes: Não murmureis entre vós. Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia. Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu vem a mim. Não que alguém visse ao Pai, a não ser aquele que é de Deus; este tem visto ao Pai. Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim tem a vida eterna. Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo. Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como nos pode dar este a sua carne a comer? Jesus, pois, lhes disse: Na verdade, na verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos.

Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele" (João 6.43-56).

Repare que, no verso quarenta e sete, o Senhor diz que quem se alimentasse Dele teria a vida eterna, ou seja, seria liberto do cativeiro da morte. A multidão estava preocupada com o pão que caiu no deserto e sustentou o povo. Porém, o Senhor, no verso quarenta e nove, disse que todos os que comeram do pão no deserto morreram. Ele estava querendo que a

multidão tirasse seus olhos do carnal e enxergasse o céu. No verso cinquenta e um, o Senhor se revela como o verdadeiro Cordeiro Pascal. Ele era aquele que foi simbolizado naquela noite no Egito. E pronuncia a grande revelação: *"Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia."* Aleluia! Estamos livres do cativeiro do Egito mortal se nos alimentarmos do Cordeiro.

Hoje, na maioria dos púlpitos evangélicos, só se ouve pregações visando o suprimento das necessidades carnais do povo. Tais necessidades são justas, o próprio Senhor disse isso. Na ocasião da multiplicação dos pães, quando os discípulos viram que já estava ficando tarde e que a multidão estava com fome, disseram a Jesus: *"Despede a multidão para que se virem para arrumar algo para comer pelo caminho"* . O Senhor achou essa ideia um absurdo e disse: "Dá-lhes vós mesmos de comer" e multiplicou os cinco pães e dois peixes. Contudo, Ele deixou claro mais à frente que essa era uma necessidade secundária. Você tem se alimentado do Cordeiro na sua vida cristã? Se não, está explicado a sua dificuldade em deixar as práticas mundanas do Egito. Não importa seu caráter elevado, nem tão pouco a sua imensa força de vontade. E, por mais que se esforce, a sua vida tem sido assim. Luta ferozmente contra o pecado, mas o desejo de comer as cebolas do Egito permanece vivo. E, de vez em quando, esse desejo é tão grande que você não consegue resistir e cai. Não estou falando de qualquer pecado, pois todos nós temos pecados.

"Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós" (1 João 1.8).

Estou dizendo do pecado cebola. Israel no deserto teve saudades das cebolas do Egito. Por que cebola? Quem come cebola fica com o gosto na boca por muito tempo. O pecado cebola é aquele persistente. Aquele que o gosto insiste em não sair da nossa boca. Nosso paladar é totalmente receptivo a ele. Para alguns pode ser a pornografia, para outros a prostituição, lascívia, mentira, maledicência, *etc.* O fato é que se você tem um pecado do tipo

cebola você sabe qual é. Como eu sei disso? Também já tive os meus. Enquanto não aprendi que o segredo era trocar o gosto da cebola pelo do Cordeiro, meus constantes fracassos me perseguiram.

Como nos alimentar do Cordeiro

A carne de cordeiro não é muito comum para nós no ocidente, mas uma coisa é certa: seja qual for o tipo de carne, não dá para comê-la crua. Na região de Israel era muito comum assar a carne no fogo. Naquela noite no Egito, eles comeram o cordeiro assado. E se tivesse alguém lá que gostasse de carne crua? Iria comer assado assim mesmo. Pois o Senhor mandou assar: *"Não comereis dele cru, nem cozido em água, senão assado no fogo, a sua cabeça com os seus pés e com a sua fressura" (Êxodo 12.9).*

Muito da dificuldade que encontramos para nos alimentar do Cordeiro de Deus é que nossos líderes se esqueceram desse detalhe. Só é possível alimentar do cordeiro assado. Para assar, como o Senhor mandou, precisamos de fogo não é mesmo? Fogo, na Bíblia, é um dos símbolos mais importantes da Pessoa Maravilhosa do Espírito Santo. O Espírito Santo é o único que pode fazer o Cordeiro se tornar palatável para nós. Sem o Espírito Santo ninguém pode se alimentar do Cordeiro. O próprio Senhor Jesus disse que Ele tinha muito ainda que revelar aos discípulos, porém, eles não poderiam suportar naquele momento. Contudo, quando o Espírito Santo viesse, Ele os ensinaria sobre todas as coisas, os faria lembrar Suas Palavras e ainda os revelaria o que haveria de acontecer.

"Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele, o Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir" (João 16.12-13).

Como podemos negligenciar a obra do Espírito Santo? Hoje muitos líderes evangélicos têm preferido usar de psicologia digestiva do que contar com o

fogo do Espírito Santo para tornar o Cordeiro digerível para o povo. O medo dos cristãos de hoje parece ser aquele ditado: Quem brinca com fogo acaba se queimando. Posso atestar que, no que se refere ao Fogo do Espírito Santo, isso é verdade. Aleluia! O fogo do Espírito nos queima. Só mais uma revelação sobre nosso querido Espírito Santo. O Tabernáculo de Moisés era formado por três partes: o Átrio, o Lugar Santo e o Santo dos Santos. O Átrio ficava do lado de fora da tenda. Era onde o Cordeiro era sacrificado e sua carne queimada. Por isso o Cordeiro de Deu, Jesus, foi sacrificado fora da cidade. O Gólgota significa o Átrio. Quando nos achegamos à cruz entramos no Átrio, o primeiro lugar do relacionamento com Deus. Pelo sacrifício do Cordeiro nossos pecados são perdoados e podemos entrar na tenda, no Lugar Santo. Entrar para quê? Não eram só os Sacerdotes que entravam? Eram sim. Mas, no que você acha que o Senhor Jesus nos transformou?

"Mas vós sois a geração eleita, o ***sacerdócio real****, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Pedro 2.9).*

Isso mesmo! O Senhor Jesus nos transformou em Sacerdotes. Tudo porque o Pai deseja que entremos na Tenda em direção ao Santo dos Santos, onde Ele está. Ele mesmo, inclusive, já rasgou o véu que separava o Santo Lugar do Santo dos Santos. Todo Sacerdote no Velho Testamento podia entrar no Santo Lugar. Porém, só o Sumo Sacerdote, uma única vez por ano, podia entrar no Santo dos Santos. Nosso Sumo Sacerdote Jesus entrou com seu sangue no Santo dos Santos e ofereceu um sacrifício tão perfeito e maravilhoso que o Pai rasgou o véu.

"Onde Jesus, nosso precursor, entrou por nós, feito eternamente sumo sacerdote, segundo a ordem de Melqui-sedeque" (Hebreus 6.20).

Agora, você e eu, como sacerdotes reais, podemos entrar onde só o Sumo Sacerdote podia. A dificuldade da Igreja está em atravessar o Lugar Santo para chegar ao Santo dos Santos. Sabe por quê? A tenda era coberta. Possuía um telhado feito de peles de animais. Não era descoberta e aberta como o

Átrio, que era iluminado pelo sol. O sol é natural a todo ser humano. Porém, a única luz que iluminava todo o Lugar Santo e que permitia aos Sacerdotes realizarem a sua adoração e enxergar direção do Santo dos Santos, vinha do candelabro. O candelabro era feito de sete hastes e nele queimava um fogo santo. Ele era o símbolo do Espírito Santo. As sete hastes representavam as sete manifestações do Espírito Santo.

"E repousará sobre ele o Espírito ***do SENHOR****, o* ***espírito de sabedoria*** *e de* ***entendimento****, o espírito* ***de conselho*** *e* ***de fortaleza****, o* ***espírito de conhecimento*** *e* ***de temor do SENHOR****" (Isaías 11.2).*

O maravilhoso é que o fogo também era usado para queimar o cordeiro no Átrio, sobre a pia de bronze, apresentando-o ao Pai. Agora, no próximo estágio da nossa salvação, onde nos tornamos Sacerdotes, o fogo ilumina o nosso caminho até o Santo dos Santos. No Átrio entramos pecadores. E, pelo sacrifício do Cordeiro, somos transformados em Sacerdotes e podemos entrar no Lugar Santo. Quando o Senhor apareceu para Moisés numa sarça ardente, o que Ele disse a Moisés? "Tira as sandálias dos seus pés porque aqui é lugar santo". Aleluia! A Igreja habita o Lugar Santo. Contudo, parece que hoje os sacerdotes não se preocupam em manter acesso o candelabro. Com isso, mesmo estando no Lugar Santo, não conseguem enxergar o caminho ao Santo dos Santos. O resultado é que ficam todos no escuro, trombando uns nos outros e brigando entre si. Essa era a situação dos Fariseus que o Senhor chamou de cegos que queriam guiar outros cegos.

"Ai de vós, condutores cegos! pois que dizeis: Qualquer que jurar pelo templo, isso nada é; mas o que jurar pelo ouro do templo, esse é devedor. Insensatos e cegos! Pois qual é maior: o ouro, ou o templo, que santifica o ouro? Insensatos e cegos! Pois qual é maior: a oferta, ou o altar, que santifica a oferta? Condutores cegos! que coais um mosquito e engolis um camelo" (Mateus 23.16,17,19 e 24).

Então, se você e eu, como Igreja, não voltarmos a depender do Espírito Santo não teremos o Cordeiro assado e nem a Luz para nos guiar no Lugar

Santo na direção do Santo dos Santos. O Espírito Santo é tudo para a Igreja hoje. Quem o substituiu por diplomas universitários e cursos preparatórios faz jus ao título de cego.

O fato é que sem se alimentar da carne do Cordeiro a Igreja não conseguirá deixar o Egito para trás. Estaremos nos nossos templos, fisicamente separados dele, mas trazendo suas práticas no coração. O Senhor levou aproximadamente 40 dias para tirar o povo fisicamente do Egito. Porém, gastou 40 anos para tirar o Egito do coração do povo. Uma geração inteira foi perdida no deserto. Não experimentaram o melhor do Senhor simplesmente porque não se livraram do Egito. O Egito estava tão impregnado no coração deles que mesmo vendo as maravilhas das dez pragas, o mar Vermelho se abrindo e eles atravessando a pé enxuto e o maná do Senhor, bastou Moisés se ausentar que eles fizeram um bezerro de ouro e começaram a adorá-lo e a dizer que o bezerro de ouro os havia tirado do Egito. Terrível o que o Egito no coração pode causar ao povo de Deus!

O bezerro nada mais era do que um filhote de boi. O boi nos lembra da força que serve aos propósitos do homem. Lembra-nos das carnes suculentas e apetitosas que tanto satisfazem nosso apetite carnal. E ainda tinha de ser de ouro. Nunca, em toda a história da igreja evangélica, se falou tanto de ouro. Somos ridicularizados pelo mundo de tanto que temos adorado o ouro, principalmente nossos líderes. Temos sido levados a crer como a igreja de Laodicéia. Ela acreditava no poder da sua riqueza e foi duramente repreendida pelo Senhor em Apocalipse.

"E ao anjo da igreja que está em Laodicéia escreve: Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus. Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu. Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e roupas

brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas. Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê pois zeloso, e arrepende-te" (Apocalipse 3.14-19).

A Igreja de Laodicéia foi a última igreja citada pelo Senhor, então, ela é um símbolo da última Igreja que estará na Terra antes da volta do Senhor. A Igreja morna. Nem fria, nem quente. Fora no Egito, mas com o Egito no coração.

Certamente o cativeiro no Egito foi o pior e o mais marcante vivido por Israel. Afinal, eles foram cativos no Egito por 430 anos. Quantas gerações nasceram e morreram no cativeiro? Chegou um tempo em que, para as novas gerações de israelitas, as práticas do Egito eram mais naturais e aceitáveis do que as maravilhosas histórias antigas sobre o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Hoje também encontramos, em nossas igrejas, uma geração que, na sua maioria, aceita com naturalidade as práticas do Egito. Para eles, questões como santidade, namoro santo, virgindade, obediência aos pais e muitas outras não fazem o menor sentido. As práticas do mundo são mais naturais para eles. São salvos, são o Israel de Deus, porém, trazem no coração uma imagem muito remota de quem é o Senhor nosso Deus. Eles têm se alimentado pouco da carne Dele. A Igreja que eu frequentei durante minha infância e juventude com meus pais considerava a pregação da Palavra uma coisa muito séria. Hoje em dia fico preocupado na hora da pregação da Palavra em nossos cultos. Primeiro, por causa do conteúdo da maioria das pregações. Como vimos, não se ouve mais sobre o sangue do Cordeiro, sobre a comunhão, as ervas amargas e os pães sem fermento. Esses são os ingredientes indispensáveis para qualquer Igreja se livrar do Egito, e também porque vejo os jovens e adolescentes saindo do templo na hora da pregação. Até os ministros de louvor costumam sair na hora da Palavra. A ausência do Cordeiro, o Verbo, na dieta da Igreja nos leva ao próximo cativeiro, o da Babilônia.

Dica

1. Ore sobre o assunto de se alimentar de Jesus.
2. Busque ouvir pregações e ler livros que falem somente de Jesus. Ele é o nosso único alimento.
3. Peça ao Espírito Santo que revele Jesus pra você a cada dia.
4. Existe um ditado entre os nutricionistas que diz que “somos o que comemos”. É verdade! Alimente-se de Jesus através da Bíblia e você verá que se tornará mais parecido com Ele a cada dia.

Capítulo 6

Prontos para Deixar o Mundo

Ufa! Como é difícil sair do Egito! É sim! Se não fosse o Senhor Jesus não precisaria morrer na cruz. Vimos que foi preciso que, naquela última noite no Egito, as famílias se reunissem e que o cordeiro morresse para doar seu sangue e a sua carne. Porém, como nos mostra o texto, só isso não bastou. Eles deviam estar vestidos apropriadamente. O povo estava vestido com suas roupas de viagem, com a bagagem arrumada e prontos para deixar o Egito. Quer esvaziar a Igreja da multidão? Comece a pregar sobre a volta de Jesus. Sobre deixar essa Terra. Quer enchê-la com a multidão? Pregue sobre conquistar coisas aqui na Terra e sobre ser honrado. Jesus ensinou que não devíamos acumular tesouros na Terra e sim no céu. Note que Ele disse acumular. Acúmulo é ter mais do que o necessário. Coisas acumuladas sempre trazem problemas. Sujeira e desperdício são apenas as mais comuns. No caso dos nossos tesouros, o Senhor Jesus disse eles atraem ladrões e traça, ou seja, falsos líderes e demônios. O líder que Deus usou para libertar Seu povo do Egito foi Moisés. Talvez nenhum outro líder tenha passado por um treinamento tão duro quanto o dele. Lemos a história de Moisés rapidamente e só enxergamos o mar se abrindo, o maná caindo do céu, a água saindo da

rocha e todas as outras maravilhas que Deus operou através da vida dele. Porém, venha comigo dar uma olhada na preparação dele. Durante seus primeiros quarenta anos, Moisés viveu acreditando ser filho da filha de Faraó, um príncipe do Egito. Tinha todas as regalias e conforto que existiam no mundo da época. Aos quarenta anos ele descobre que, na verdade, era filho do povo escravo. Imagine as emoções dele nesse momento! Ele acabava de perder sua identidade como pessoa. Mas, ele também descobriu que nem tudo estava perdido. Afinal, ele fora escolhido por Deus para libertar Seu povo do Egito. Ele deve ter pensado: “Deus acertou na minha escolha. Pois, não há entre o povo Dele outro homem que seja tão sábio e preparado quanto eu. Além disso, tenho contato direto com Faraó e poderei usar da minha influência nessa questão”. Exatamente como a maioria dos líderes pensa de si mesmos hoje. Coincidência? O fato é que Deus precisava tirar Moisés do Egito primeiro, antes que Ele pudesse usar Moisés para guiar o povo para fora também. Moisés, na tentativa de realizar sua missão, matou um egípcio e teve que fugir para o deserto. Durante os próximos quarenta anos da sua vida Moisés passou no deserto. Oh, glória! Antes de sair seguindo um líder, procure saber quantos anos ele passou no deserto. Deus nunca formou um líder no palácio. A escola Dele é o deserto. No deserto Deus tirou o Egito do coração de Moisés, então ele estava pronto para guiar o povo para fora do Egito. Por que a Igreja permaneceria com o Egito no coração? Simples! Porque os seus líderes ainda carregam o Egito em seus próprios corações e são avessos a deserto. Alguns até pregam que se você está no deserto, na prova e na necessidade é porque você está em pecado. Converteram-se ontem e hoje se acham preparados para realizar a obra de Deus. Confiam em seus cursos superiores, na sua inteligência e no seu caráter. Exatamente como Moisés se achava antes do deserto. Contudo, tenho certeza que nesse exato momento, o Senhor está treinando um exército de “Moisés” no deserto. Homens e mulheres que estão aprendendo a detestar o mundo e tendo seus corações purificados do amor a tudo que é carnal. Tomara que você seja um

desses líderes da última noite.

Não sei se você já se deu conta que estamos vivendo os últimos tempos da Igreja aqui na Terra. A própria existência da Igreja de Laodicéia hoje é um sinal disso. O povo saiu do Egito, mas levou o Egito no coração. Queriam ter o melhor do Senhor e do Egito juntos. Não estavam nem lá nem cá. Nem quente nem frio. Exatamente como a Igreja de Laodicéia. O que aquela geração praticou que os fez perecer no deserto? "Mas, nós não estamos no deserto", você poderá dizer. Bom, pode ser. Mas, se você concorda comigo que ainda não estamos em Canaã e que também não estamos mais no Egito, só existe uma coisa entre Canaã e o Egito, o deserto, que é o local onde o Senhor arranca o Egito do meu e do seu coração.

"ORA, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos passaram pelo mar. E todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar. E todos comeram de uma mesma comida espiritual, e beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo. Mas Deus não se agradou da maior parte deles, por isso foram prostrados no deserto. E estas coisas foram-nos feitas em figura, para que ***não cobicemos as coisas más****, como eles cobiçaram.* ***Não vos façais, pois, idólatras,*** *como alguns deles, conforme está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber, e levantou-se para folgar.* ***E não nos prostituamos****, como alguns deles fizeram; e caíram num dia vinte e três mil.* ***E não tentemos a Cristo****, como alguns deles também tentaram, e pereceram pelas serpentes.* ***E não murmureis****, como também alguns deles murmuraram, e pereceram pelo destruidor. Ora, tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos. Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe não caia" (1 Coríntios 10.1-12)*

Note que no verso dois diz que todos foram batizados tanto no mar quanto na nuvem, ou seja, todos eram crentes batizados nas águas e no Espírito. Nos versos três e quatro diz que eles foram alimentados espiritualmente. Eles

tiveram ensinamento. Contudo, eles mantiveram algumas práticas que não agradaram ao Senhor.

Não cobicemos as coisas más

*"Porque o amor ao dinheiro é a raiz de toda a espécie de **males**; e nessa **cobiça** alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores" (1 Timóteo 6.10).*

Imagina uma multidão que havia sido escrava durante toda a vida no Egito. Nunca haviam desfrutado de nenhum luxo e nem possuíam bem algum. De repente, eles amanhecem fora do Egito, livres e cheios de bens.

"Fizeram, pois, os filhos de Israel conforme à palavra de Moisés, e pediram aos egípcios joias de prata, e joias de ouro, e roupas. E o SENHOR deu ao povo graça aos olhos dos egípcios, e estes lhe davam o que pediam; e despojaram aos egípcios. Assim partiram os filhos de Israel de Ramessés para Sucote, cerca de seiscentos mil a pé, somente de homens, sem contar os meninos. E subiu também com eles muita mistura de gente, e ovelhas, e bois, uma grande quantidade de gado" (Êxodo 12.35-38).

O fato é que a liberdade e os bens subiram à cabeça deles e passou a existir disputas entre os israelitas provocadas pela avareza, inveja, *etc.* A riqueza que serviria para o bem comum tornou-se um ídolo. A riqueza é a bênção que possui um potencial enorme de se transformar em maldição.

A Bíblia nos dá um exemplo claro na história de Ló. A mulher de Ló não conseguiu abandonar sua casa e suas coisas em Sodoma quando os anjos foram retirá-los antes da destruição da cidade. Ela olhou para trás com o coração apegado e virou uma estátua de sal. Essa seria uma história isolada se o evangelho de Lucas não tivesse relacionado esse fato com o final dos tempos.

"Como também da mesma maneira aconteceu nos dias de Ló: Comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam. Mas no dia em que

Ló saiu de Sodoma choveu do céu fogo e enxofre, e os consumiu a todos. Assim será no dia em que o Filho do homem se há de manifestar. Naquele dia, quem estiver no telhado, tendo as suas alfaias em casa, não desça a tomá-las; e, da mesma sorte, o que estiver no campo não volte para trás. Lembrai-vos da mulher de Ló. Qualquer que procurar salvar a sua vida, perdê-la-á, e qualquer que a perder, salvá-la-á" (Lucas 17.28-33).

Sabemos que a Igreja de Laodicéia será a Igreja dos últimos dias. E o Senhor Jesus, no texto acima do evangelho de Lucas, nos afirma que os últimos dias serão como nos dias de Ló. E, no verso trinta e dois, nos alerta para lembrarmos da mulher de Ló. Então, podemos concluir que na Igreja de Laodicéia haverá crentes iguais à mulher de Ló, com o coração apegado às coisas desse mundo. E o Senhor termina nos advertindo a perdermos nossa vida aqui nesse mundo para podermos ganhá-la com Ele. Oro para que você e eu sejamos capazes de manter o nosso coração desapegado das coisas desse mundo que está condenado como Sodoma estava nos dias de Ló.

Não vos façais, pois, idólatras

"Porque é bastante que no tempo passado da vida fizéssemos a vontade dos gentios, andando em dissoluções, concupiscências, borrachices, glutonarias, bebedices e abomináveis idolatrias" (1 Pedro 4.3).

Nós evangélicos temos o costume de considerar algumas religiões idólatras. Ficamos apontando para as imagens e dizendo: é idolatria! E é mesmo! Porém, nesse texto, a Bíblia está dizendo que o povo de Deus se tornou idólatra. O episódio do bezerro de ouro confirma isso muito bem. Contudo, a idolatria citada no texto é a idolatria da comida, da bebida e da diversão. O que isso significa? Que a Igreja iria ser tentada com a idolatria da carne. Satisfazer a carne é idolatria. É coisa da multidão, lembra? A multidão procurava satisfazer a todo custo suas necessidades carnais. Se o nosso problema fossem as imagens de fundição, teríamos o menor dos problemas.

O nosso problema é um ídolo que é muito mais terrível do que qualquer imagem. Esse é o único ídolo que pode, efetivamente, parar a obra de Deus em nossa vida. Esse ídolo é muito forte mesmo. E seu nome é o nosso eu. Como amamos nosso eu! O resultado desse nosso amor incondicional pelo nosso eu são as divisões, brigas, discussões e toda carnalidade em nosso meio. O Senhor nos chama de idólatras quando adoramos qualquer coisa acima Dele, mesmo que seja a nós mesmos. O ídolo, nosso eu, simplesmente tem conseguido impedir a comunhão em algumas Igrejas. Então, o sentar-se à mesa dignamente para alimentar do Cordeiro na Ceia do Senhor, como vimos, fica completamente comprometido.

"Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (Romanos 14.17).

E não tentemos a Cristo

E o texto de 1 coríntios 10 continua nos advertindo. No verso nove a ordem é não tentar a Cristo. Mas, o que seria tentar a Cristo?

"E sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja. Que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos" (Efésios 1.22-23).

A Igreja é o corpo de Cristo, como dito no texto acima. Tentar a Cristo é tentar a Igreja. É realizar deliberadamente ações que farão com que alguns irmão da Igreja cometam pecado. Exemplos? Maledicências, fofocas, roupas sensuais e por aí vai. O problema é que o Senhor Jesus nos aconselhou a tomarmos cuidado para não provocarmos a queda espiritual de nenhum dos seus pequeninos.

"E DISSE aos discípulos: É impossível que não venham escândalos, mas ai daquele por quem vierem! Melhor lhe fora que lhe pusessem ao pescoço uma pedra de moinho, e fosse lançado ao mar, do que fazer tropeçar um destes pequenos" (Lucas 17.1-2).

Oremos e vigiemos para que nunca venhamos a ser pedra de tropeço para qualquer irmão na Igreja.

E não murmureis

Murmurar é falar baixinho, de forma que ninguém possa ouvir. Com a boca louvamos o Senhor para que todos pensem que somos super espirituais. Porém, no coração, bem baixinho estamos reclamando dos desígnios Dele.

Essa atitude é hipocrisia de fariseu que o Senhor não tolera.

Dica

1. Ore para que o Senhor te desapegue desse mundo.
2. Faça a si mesmo a seguinte pergunta: Se o Senhor me perguntasse se eu queria ser a pessoa mais rica e famosa do mundo ou a pessoa mais cheia do Espírito Santo, o que eu escolheria? Se o seu coração escolheu a primeira opção, volte ao tópico 1 e ore mais.
3. Porém, se o seu coração escolheu a segunda opção. Volte também ao tópico 1 e continue orando para que seu coração nunca volte a ser seduzido pelo mundo. Só para lembrar: *"Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe não caia"* (1 Coríntios 10.12).

Terceira Parte

Saída da Babilônia

De uma coisa podemos estar certos: abandonar a Babilônia será muito mais difícil para nós do que foi abandonar o Egito. No caso do Egito o Senhor foi quem nos tirou de lá.

"O qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor" (Colossenses 1.13).

Ele fez com Israel do mesmo jeito, entrou no Egito e arrancou seu povo de lá. Ele não pediu permissão e nem licença a Faraó. Afinal, Ele é o Senhor de tudo e de todos. Ele é Senhor sobre Faraó e também sobre Nabucodonosor. Faraó se considerava um deus. Ele exigia adoração e devoção. Ele é o símbolo de Satanás. Uma criatura que se encheu tanto de orgulho que se considerou deus. Essa foi a causa da queda e expulsão de Satanás do céu.

"Como caíste desde o céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte. Subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. E contudo levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo" (Isaías 14.12-15)

E da mesma forma que o Faraó do Egito foi afogado, junto com seu exército, no mar Vermelho, Satanás também foi derrotado no mar vermelho de sangue vindo da cruz do Senhor Jesus.

"E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo" (Colossenses 2.15).

Quando lemos o texto bíblico sobre a travessia de Israel pelo mar Vermelho e vemos como Faraó foi aniquilado, é impossível não nos emocionar. Foi tão emocionante que a Bíblia relata que Mirian pegou um tambor e saiu cantando e dançando de alegria, adorando ao Senhor. E todo o povo a seguiu. Olhando essa cena, somos levados a pensar: Agora sim! Israel jamais estará cativa de novo. Contudo, como vimos, Israel precisou ficar quarenta anos no deserto para que o Egito saísse do coração deles. E, após os quarenta anos, finalmente, Israel entrou na sua terra de bênçãos sem fim. Daí em diante a vida deles seria feita somente de alegrias e vitórias, certo? Seria! Se Israel não tivesse dado lugar a Nabucodonosor, que é o símbolo da religiosidade. No livro de Daniel, Nabucodonosor aparece consultando e adorando aos deuses da Babilônia, através dos seus magos.

E logo depois ele aparece adorando também ao Senhor Deus de Daniel. O nome Nabucodonosor também significa *antigo rei de Nínive*. E esse significado nos fala muito. No livro de Jonas lemos que a cidade de Nínive tinha um rei mau, idólatra, corrupto e devasso. Contudo, ele e toda a cidade creram na pregação de Jonas e se arrependeram. Daí em diante, a cidade de Nínive experimentou os benefícios de se ter um rei transformado pelo Senhor. E, em consequência do arrependimento do rei, toda a cidade de Nínive também se arrependeu e experimentou um avivamento genuíno. Então, significa que o arrependimento do líder abrirá caminho para o arrependimento do povo que trará o avivamento? Certamente que sim! Israel se libertou da Babilônia porque o líder Daniel e seus amigos se arrependeram dos seus próprios pecados e dos pecados de Israel. Eles se quebrantaram diante do Senhor. A decisão de não se contaminar com a Babilônia foi

tomada por somente quatro entre os vários líderes judeus que estavam lá. Porém, foi suficiente para fazer cair o domínio babilônico sobre Israel. A boa notícia é que não foi necessário que todos os líderes de Israel tomassem a mesma decisão, para que Nabucodonosor caísse. Na história dos avivamentos vemos sempre o mesmo. Alguns servos do Senhor caem em si e não se conformam mais com a Babilônia. A despeito de todo conforto e privilégios que a Babilônia possa oferecer-lhes, eles passam a buscar a face do Senhor com arrependimento e o avivamento começa a se formar. O fato é que, depois de Faraó ter caído, em nossa vida, Nabucodonosor é quem deve cair na sequência. A religiosidade babilônica está representada em Nabucodonosor , o antigo rei de Nínive, que representa o rei antes de ter passado pelo processo de arrependimento, ou seja, ele representa os líderes que se recusam a abandonar a Babilônia e a guiar o povo do Senhor, sob seus cuidados, no caminho santo do Senhor. Passaremos agora a ver o processo e a luta que Daniel enfrentou. O preço que ele pagou e a renúncia que fez para que o povo de Deus fosse livre da Babilônia. Oremos para que o Senhor desperte em nós o mesmo sentimento e renúncia despertados em Daniel.

Capítulo 7

A Crise de Daniel

Como vimos, na Babilônia os príncipes do povo de Deus foram colocados em posições “melhores” de escravidão. Com qual objetivo? Sendo eles reconhecidos e influentes no meio do povo judeu, a ideia de Nabucodonosor era agradar-lhes para que eles não deixassem nascer no coração do povo o desejo de serem livres da religiosidade babilônica, aquele desejo incontrolável de voltar-se para o Senhor em avivamento. Daniel era um desses príncipes. Foi escolhido por Nabucodonosor para servi-lo no palácio. Puxa! Que privilégio! É o que a maioria dos líderes de hoje diriam. Na verdade, a maioria dos outros líderes de Israel também pensou assim. Muitos invejavam a posição de Daniel. Imagine se o homem mais rico e poderoso do mundo escolhesse você para morar com ele em seu palácio? O palácio mais luxuoso do mundo. Sua função seria aconselhá-lo na administração dos seus muitos negócios. Você estaria ao lado dele nas festas, nas fotos e em todas as ocasiões. Certamente você ficaria muito famoso no mundo todo. Frequentaria os melhores restaurantes do mundo e vestiria as melhores roupas. Era essa a situação de Daniel na Babilônia. Sabe por que temos mais dificuldade em sair da Babilônia do que do Egito? Simples!

Como podemos querer sair do lugar onde nossa carne e ego são tão bem tratados? No Egito, os cativos viviam humilhados em alojamentos sujos e desconfortáveis destinados aos escravos. Porém, na Babilônia os cativos viviam nos palácios. Fico imaginando os jovens de Israel almejando estar na posição de Daniel e de seus amigos. Imagino também se, de vez em quando, Daniel realizava uma conferência em Israel e pregava ao povo mais ou menos assim: “Irmãos, vocês estão vendo o que Deus tem feito na minha vida? Eu vivo num palácio com o rei desse século. Na minha mesa estão as melhores iguarias desse mundo. Eu sou honrado e reconhecido no mundo todo. Se vocês forem fiéis como eu, Deus também fará vocês viverem num palácio desses”. E a multidão eufórica gritava e batia palmas. E até davam glória à Deus. Esse cenário existe na minha imaginação e em algumas igrejas evangélicas de hoje! Daniel, assim como muitos líderes evangélicos, estava numa crise interna. Por quê? Ora irmão, continuemos a descrever o cenário. Imagine se o tal homem rico exigisse de você apenas uma coisa. Que você permanecesse na Babilônia. Isso significaria você aceitar os costumes da Babilônia. A sua mistura. Você poderia praticar seu culto ao Senhor, desde que você também se curvasse diante dos ídolos da Babilônia quando fosse necessário. Parece ser a proposta perfeita. Para o seu povo evangélico você continuaria sendo admirado e elogiado. O líder dos sonhos. Ninguém saberia do seu acordo secreto com Nabucodonosor. Mesmo se soubessem acreditariam que você está fazendo a vontade de Deus. Afinal, você é um poderoso ungido Dele. Que situação difícil foi a de Daniel! Ele era de carne e osso como você e eu. De um lado a carne clamando pelo luxo, conforto e glória do mundo. Do outro lado o Espírito Santo sussurrando em seu coração fazendo o convite que Ele sempre nos faz: “Abandone a carne e siga-me”. O que você escolheria? Claro que eu escolheria o Senhor! Você dirá. Amém! Contudo, a Bíblia nos diz que cada um de nós é tentado em nossos próprios desejos. E com Daniel não foi diferente. A grande questão é o que amamos de fato. Pois o que amamos escolheremos.

"Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo. E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre" (1 João 2.15-17).

Daniel precisava passar pelo seu negue-se a si mesmo. Assim como você e eu temos de fazê-lo a cada dia, se quisermos conhecer o Senhor de fato.

"E dizia a todos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo" (Lucas 9.23a).

Repare na expressão: dizia a todos. Isso significa que o negue-se a si mesmo é para você e para mim. É também para todos os nossos líderes de hoje que se acham o máximo? Sim, todos quer dizer exatamente isso: todos. O cativeiro babilônico sempre acontece após o crente ter sido liberto do Egito. É o segundo nível de provação e cativeiro. Para sair do Egito bastou o Cordeiro morrer na cruz. Agora, para ficarmos livres da religiosidade da Babilônia, o negar a nós mesmos deve operar. E isso é extremamente mais difícil. Ouvirmos alguém falar da cruz de Jesus e do seu Sangue derramado por nós já é difícil nas mensagens de hoje. Ouvirmos alguém falar da renúncia da nossa carne, ego, vaidade e orgulho é muito mais raro. Na sequência do negar-se, vem o tome a sua cruz e siga-me.

"...e tome cada dia a sua cruz, e siga-me" (Lucas 9.23).

O negar-se vem primeiro depois vem a nossa cruz. O negar-se representa a entrada da ovelha pela porta estreita para ser purificada para, só depois, ser crucificada. É o que Senhor Jesus enfrentou no Getsêmani.

"Dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas a tua. E apareceu-lhe um anjo do céu, que o fortalecia. E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até ao chão" (Lucas 22.42-44).

Alguns estudiosos dizem que esse momento foi o ápice da obra do Senhor Jesus. Dizem que, no Getsêmani, Ele entregou a sua alma à morte. E a

crucificação foi uma consequência dessa decisão tomada. Eu não me atrevo a dizer qual dos instantes foi o mais ou o menos difícil para o Senhor. Contudo, uma coisa é certa, no Getsêmani não foi fácil. Repare no texto a expressão *não seja feita a minha vontade, mas a Sua*. Quantos de nós podemos orar dessa forma hoje? A diferença entre a vontade do Senhor Jesus e a do Pai era tão grande que o Senhor Jesus suou sangue. O texto descreve o estado emocional do Senhor como agonia. Algo extremamente terrível! O negue-se a si mesmo é uma agonia para nossa alma. No nosso caso é, sem dúvida nenhuma, a parte mais difícil de ser vencida. Só pelo Espírito Santo mesmo! Negarmos a nossa vontade, ego, vaidade, prestígio, fama, dinheiro e tudo o mais que faz tão bem para nossa carne é agonizante. Essa é a causa por que muitos cristãos não frutificam no Senhor. É a diferença entre os discípulos da Igreja Primitiva e os discípulos de hoje. O Senhor disse também que se o grão de trigo cair na terra e não morrer ele fica só. Mas, se morrer dá muito fruto.

"Na verdade, na verdade vos digo que, se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto" (João 12.24).

A questão não é se podemos ou não frutificar e, sim, se morremos ou não. Contudo, antes de morrer, o grão de trigo tem de cair. Não foi sem propósito que o jardim se chamava Getsêmani, pois significa Jardim de Deus. É no Getsêmani que o grão de trigo decide morrer ou não morrer. Ah! Quantas vezes você já ouviu uma mensagem dizendo que o propósito de Deus é nos fazer cair na terra? Logo depois do negue-se a si mesmo no Getsêmani, vem o tome a sua cruz. O negar-se é negar a glória que a religiosidade da Babilônia nos oferece. Agora podemos entender de forma mais clara o drama que o nosso irmão Daniel estava passando. Nabucodonosor havia escolhido os melhores de Israel, aqueles que apresentavam habilidades humanas reconhecidas. E ele estava no meio dos escolhidos. Hoje, provavelmente, pensaríamos assim: nós, os escolhidos de Nabucodonosor, somos muito inteligentes e instruídos. Então, não podemos agir como agiriam os crentes ignorantes do passado. Nós podemos usar a nossa capacidade humana e

avaliar o contexto político da Igreja de hoje. Dessa forma poderemos adaptar a Lei do Senhor aos novos tempos modernos. Essa nossa abordagem moderna permitirá que agrademos ao Senhor sem desagradar Nabucodonosor. Isso não parece a forma de pensar de muitos líderes de hoje? Como estão errados!

Quando a igreja começa a acreditar na capacidade humana de seus pregadores, cantores e evangelistas, ela começa a dar lugar ao cativeiro religioso babilônico. O Senhor diz em sua Palavra que Ele escolheu as coisas que não são, as piores, para reduzir a nada aqueles que acham que são, para a que a glória seja toda Dele.

"Porque, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes. E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são. Para que nenhuma carne se glorie perante Ele" (1 Coríntios 1.26-29).

Na construção do Tabernáculo, o Senhor repetiu várias vezes para Moisés: "Faça conforme Eu mostrei no monte". Por quê? Porque Moisés era um homem versado em toda a ciência do Egito.

"E Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios; e era poderoso em suas palavras e obras" (Atos 7.22).

Moisés certamente seria tentado a usar a sua arquitetura aprendida no Egito para levantar o Tabernáculo do Senhor. É até engraçado ler os textos onde o Senhor dá instruções a Moisés sobre a construção do Tabernáculo e de seus utensílios. Parece que o Senhor via que Moisés não estava gostando muito do projeto Dele. Daí Ele repetir tanto: "Tenha cuidado de fazer exatamente como Eu mostrei no monte". A conclusão que chegamos é a seguinte: o Senhor não tem o menor interesse em nossos cursos universitários, por mais triste que isso possa nos parecer. O único que sabe o que temos que fazer e como fazer é o Espírito Santo. Tenho saudades do tempo em que os conselhos nos

gabinetes pastorais eram guiados pelo Espírito Santo e não pelos manuais de psicologia de Freud. Temos de estudar e nos desenvolver intelectualmente, mas temos de ter a certeza absoluta que nada disso poderá ocupar o lugar do Espírito Santo em nosso trabalho para o Senhor.

Para Nabucodonosor Daniel era grande. Porém, para Daniel ele era pequeno. Daniel recebeu de Nabucodonosor o nome de Beltessazar, que significa “que o deus Baal proteja o rei”. Para Nabucodonosor Daniel era tão esplendoroso que fez dele uma espécie de amuleto da sorte. Se fosse nos dias de hoje, Daniel viveria nos melhores canais de TV dando entrevistas sobre os mais variados assuntos, afinal, ele era uma espécie de conselheiro do rei e suas opiniões deveriam ser ouvidas e respeitadas. Daniel estava na posição que a maioria dos líderes evangélicos de hoje perseguem a todo custo. Ele era uma celebridade na Babilônia. Os milhões de reais gastos, todos os meses pelas igrejas evangélicas para custear programas de TV, resolveriam o problema da miséria no Brasil. Se a Igreja resolvesse utilizar esse dinheiro dessa forma, o Brasil e o mundo seriam impactados com a demonstração de Amor da Igreja Evangélica. Então, a maioria das pessoas abriria o coração para ouvir a pregação da Palavra. Porém, esse modelo esbarra em dois obstáculos.

O primeiro é que a maioria dos nossos líderes não consegue trabalhar junto a outro líder. Cada um se acha mais ungido e, portanto, mais especial do que os demais. O segundo obstáculo é que ninguém se torna uma celebridade se não estiver na TV. Então, junto ou mesmo à frente da pregação da Palavra, aparece a promoção da imagem do pregador ou propaganda do ministério. Como se o ministério fosse uma empresa à procura de clientes fiéis. É, na maioria das vezes, pregado um evangelho fermentado de autoajuda, onde a satisfação das necessidades da carne humana é evidenciada. Isso atrai a multidão. Da mesma forma que os pães e os peixes multiplicados e distribuídos gratuitamente por Jesus no deserto atraiu a multidão daquela época. A multidão é sempre multidão! É interessante perceber que o

significado do nome da última Igreja Laodicéia é: a justiça feita pelo povo. Lembre-se que o livro de Apocalipse afirma que, no fim dos tempos, a Babilônia estará em plena atividade, e que o Senhor Jesus repreendeu a Igreja de Laodicéia chamando-a de morna, ou seja, misturada, nem fria nem quente. É o tal evangelho que vemos constantemente na TV, onde as bênçãos do Senhor são mais apregoadas do que Ele mesmo e sua Obra Redentora.

"Jesus respondeu-lhes, e disse: Na verdade, na verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes" (João 6.26).

Eis a grande diferença entre os discípulos e a multidão! Os discípulos também sempre tiveram suas necessidades supridas pelo Senhor, porém, o foco deles era o próprio Senhor. Obedecê-Lo a qualquer custo.

"E disse-lhes: Quando vos mandei sem bolsa, alforje, ou alparcas, faltou-vos porventura alguma coisa? Eles responderam: Nada" (Lucas 22.35).

O fato é que se eles tivessem de abandonar tudo por causa Dele, abandonariam. A propósito, o evangelho que o Senhor Jesus pregou a cada um dos Seus discípulos foi simplesmente "Segue-me!". Onde estão as promessas de fortuna e glória nesse mundo? O Senhor Jesus esqueceu-se de pregar para eles? Seguramente que não! E a garantia de honra, lugares elevados, mansões e benefícios que tanto ouvimos dos púlpitos hoje, onde estavam? Na verdade, essas coisas não estavam presentes no Evangelho que o Senhor Jesus pregava aos discípulos. Hoje ouvimos: "venha para Jesus e Ele lhe dará dinheiro, honra, conforto e prestígio social". O Senhor pregava segue-me! E se para segui-Lo for preciso abandonar sua empresa lucrativa? E se for preciso abandonar a sua posição social privilegiada? Para todas essas perguntas a única resposta do Senhor é: segue-me!

"E Jesus, andando junto ao mar da Galileia, viu a dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, os quais lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores. E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então eles, deixando logo as redes, seguiram-no. E, adiantando-se

dali, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, num barco com seu pai, Zebedeu, consertando as redes. E chamou-os; eles, deixando imediatamente o barco e seu pai, seguiram-no" (Mateus 4.18-22).

A Bíblia nos mostra que Pedro e seu irmão André tiveram de abrir mão da empresa de pesca da família. O mesmo aconteceu com os irmãos Thiago e João. Você pode estar se perguntando: Irmão, isso não é muito difícil? Impossível! Só mesmo o Espírito Santo pode tornar possível.

"E Jesus, passando adiante dali, viu assentado na recebedoria um homem, chamado Mateus, e disse-lhe: Segue-me. E ele, levantando-se, o seguiu" (Mateus 9.9).

Nosso irmão Mateus abandonou uma das posições sociais mais privilegiadas da época. Isso é ainda mais impossível para a multidão fazer algo assim. Só pelo Espírito Santo mesmo! Diante desse quadro, somos inclinados a pensar da seguinte forma: Bom, esses irmãos foram especiais e tiveram um chamado muito elevado, por isso foi exigido tanto deles. Olha o que o próprio Senhor Jesus diz sobre isso:

*"Assim, pois, **qualquer de vós**, que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser meu discípulo" (Lucas 14.33).*

Reparou na expressão qualquer de vós? Nela estamos incluídos todos nós. Isso não significa que a vontade do Senhor é que nunca tenhamos coisa alguma. Significa que a vontade Dele é que o nosso coração não esteja nas coisas que temos ou que desejamos ter. A Bíblia diz que sempre somos tentados naquilo que desejamos. Ela chama esse desejo de concupiscência.

"Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência. Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte" (Tiago 1.14-15)

A pergunta que surge naturalmente é: como surge a concupiscência em nossos corações? A resposta está em 1 Timóteo 6.9,10:

"Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e

ruína. Porque o amor ao dinheiro é a raiz de toda a espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores."

Observe que a Palavra diz que o desejo desenfreado de adquirir coisas nesse mundo é o que desencadeia a corrida atrás do dinheiro. A questão não é se temos ou não temos, a questão é o que amamos de fato, o que consideramos o nosso tesouro. O Senhor disse que onde estiver nosso tesouro, ali também estará nosso coração (Mateus 6.21), e nesse mesmo capítulo, Ele nos coloca na mesma posição de escolha de Daniel na Babilônia.

"Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de odiar um e amar o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e as riquezas. Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestuário?" (Mateus 6.24-25).

No verso 24, podemos usar uma técnica básica de interpretação bíblica que é a inter-relação da ordem em que os enunciados aparecem.

Como podemos ver, no final do verso, Deus é citado primeiro, depois riquezas. Então as palavras odiar e dedicará também estão relacionadas à palavra Deus. Assim como as palavras amar e desprezará estão relacionadas à palavra riquezas. Bom, deixando a técnica teológica de lado, o que podemos ver é que o Senhor Jesus está dizendo que quem odeia a Deus, ama as riquezas e vice-versa. E quem se dedica, de fato, a Deus, despreza as riquezas e vice-versa. No verso 25 o Senhor Jesus nos dá um exemplo de quando alguém está servindo às riquezas. Ele inicia com a expressão "por isso vos digo". Deixando claro que o verso 25 é a conclusão do verso 24. O fato é que, no verso 25, o Senhor Jesus está nos dizendo que quem vive ansioso e preocupado com o que vai comer, vestir ou beber está servindo às riquezas. Essas preocupações têm ocupado quase que a totalidade das pregações nos

púlpitos de hoje. Então, como está profetizado no Apocalipse, o evangelho da Babilônia está em plena atividade na Igreja dos últimos dias na qual vivemos.

Daniel sabia que ele não poderia servir ao Senhor Deus de Israel e também à glória da Babilônia. Ele não poderia aceitar o convite do Espírito Santo e, ao mesmo tempo, aceitar o convite de Nabucodonosor. Ninguém pode servir a dois senhores, como disse o Senhor Jesus. Nem Daniel, nem você e eu. Nem mesmo o pastor super espiritual que aparece na TV? Desculpe se o desaponto, mas nem mesmo o pastor super espiritual da TV pode. Ninguém significa ninguém. Isso significa que cristão não pode ter dinheiro e bens? Claro que não! O Senhor disse servir. Servir é se curvar, é adorar, é amar. Ele mesmo foi convidado a se render às riquezas no deserto. Como já foi lembrado, a Palavra diz que Satanás mostrou ao Senhor todos os reinos do mundo e a glória deles. Não era pouca riqueza, era toda a riqueza do mundo. Todo crente, em algum momento da vida, receberá o convite para se curvar em troca de benefícios materiais, glória, reconhecimento, prestígio e todas as outras coisas inúteis desse mundo. Infelizmente nunca, em toda história da Igreja Evangélica, o amor ao dinheiro e aos cuidados dessa vida foi tão pregado e adorado. Isso é o evangelho da Babilônia. Muitos de nossos líderes têm se engalfinhado e se curvado publicamente a trás de t oda sorte de glória desse mundo. Parece que já fizeram a escolha deles, contudo, você e eu temos a liberdade de fazer a nossa própria escolha. Da mesma forma que a maioria dos príncipes de Israel escolheu se curvar diante da estátua de ouro de Nabucodonosor. Porém, Hananias, Misael e Azarias escolheram não curvar. Graças a Deus essa escolha é pessoal e individual! Oro para que o Senhor levante, nesses últimos dias, mais crentes como Daniel, Hananias, Misael e Azarias. E oro, principalmente, para que você e eu estejamos entre esses.

Dica

1. Ore para que o Senhor o ajude a se desapegar desse mundo.
2. Leia e releia os textos Bíblicos citados e peça ao Espírito Santo que os torne realidade na sua vida.
3. Decida se você quer a Glória de Deus ou a glória desse mundo.

Capítulo 8

A Religiosidade Babilônica

Se você se sentiu meio confuso no capítulo anterior, aleluia! O Espírito Santo conseguiu novamente! Isso porque a ideia era mesmo permitir que cada um de nós sentisse a confusão que se passava na cabeça do nosso irmão Daniel. A confusão é uma das especialidades da religiosidade. Daniel era, até então, um jovem que não conhecia ao Senhor de perto.

"Ó Deus de meus pais, eu te dou graças e te louvo, porque me deste sabedoria e força; e agora me fizeste saber o que te pedimos, porque nos fizeste saber este assunto do rei" (Daniel 2.23).

A expressão "o Deus de meus pais" não parece ser de alguém que conhecia ao Senhor intimamente. Tudo que o jovem Daniel sabia eram as histórias antigas do poderoso Deus de Israel. Ele sabia também da Lei e conhecia alguns profetas, ou seja, Daniel tinha uma religião. Situação muito parecida com a da maioria dos cristãos de hoje. Vivemos apoiados nos maravilhosos feitos que o Senhor realizou no passado em algum lugar. Comigo sempre foi assim. Sempre lendo e relembrando as maravilhosas histórias de avivamentos em diversos países. Contudo, em minha vida esse avivamento nunca ocorrera. Nessa situação, a cada ano que passa, parece que nossa fé vai se diluindo e

ficando normal. Sem que percebamos, começamos a aceitar certos costumes e opiniões que seriam impensáveis no início da nossa caminhada cristã. Lemos o livro dos Atos e a coisa parece que nem se trata do mesmo Deus. Para piorar a situação, quase todo dia aparece algum novo líder evangélico dizendo que teve a revelação de uma fórmula mágica para avivar a Igreja. É sempre algum novo estilo musical para animar os períodos de louvor ou alguma nova regra sobre vestuário, cultos e costumes cotidianos. Lembro-me que passei toda minha adolescência discutindo se Deus aceitaria ou não uma canção tocada no ritmo de samba. E o pior foi que não se chegou a nenhuma conclusão na época. Só serviu para criar contenda na Igreja. Acaloradas discussões também aconteciam por assuntos mais importantes, como por exemplo: qual o tamanho ideal da saia que uma mulher evangélica deveria usar? Os rapazes poderiam ou não usar camisas sem as mangas? A bateria era um instrumento que Deus gosta ou Ele só gosta dos instrumentos de sopro e cordas? E mais uma interminável lista de assuntos religiosos se seguiu. Parece brincadeira ou mesmo piada, mas foi isso que fiquei acompanhando durante minha juventude na Igreja. Uma discussão atrás da outra. Sabe por que essa situação ocorreu? Simples! Era a operação da religiosidade da Babilônia. Na religiosidade, cada crente tem uma opinião e faz de tudo para que sua opinião prevaleça. Isso faz com que o dono da opinião vencedora pareça ser mais espiritual do que os outros. A verdade era que ninguém conhecia o Senhor suficientemente de perto. Igual a Daniel, só sabíamos lembrar Seus grandes feitos do passado. A propósito, quem decorasse o maior número de feitos do Senhor também ganhava o *status* de super espiritual. Quando a Igreja começava a esvaziar, os pastores logo tratavam de buscar uma nova super fórmula para o crescimento da Igreja, que funcionaria por algum tempo. Lembro-me de quando alguns líderes começaram a procurar um jeito de facilitar o Evangelho. Diziam coisas como: “os jovens de hoje não conseguem mais ouvir a pregação da Palavra, então, vamos aumentar o período de louvor e diminuir o da Palavra. A Bíblia não pode mais ser

aplicada totalmente na sociedade moderna de hoje. Os tempos mudaram e a Igreja precisa se modernizar". E o evangelho do entretenimento começou a se espalhar por quase todos os púlpitos evangélicos no Brasil. O mesmo processo que ocorrera na Europa e que havia transformado as Igrejas avivadas do passado em mausoléus dos avivamentos ocorridos. Esses líderes estavam fazendo exatamente o que Nabucodonosor esperava que os príncipes de Israel fizessem: adaptar a Palavra do Senhor aos costumes da Babilônia. E para quê? Para manter e agradar a multidão. E também para poderem continuar desfrutando do *status* de celebridades na Babilônia. Em troca, o Nabucodonosor começou a abrir espaço para tais líderes nas mais diversas formas de mídia. Eles se tornaram uma espécie de celebridades *gospel*. O fato é que a Igreja dos últimos dias foi ficando cada vez mais morna com a religiosidade, exatamente como a igreja de Laodicéia.

Foi lá no deserto, diante do monte fumegando com a presença do Senhor, e com a possibilidade de desfrutar o primeiro grande avivamento na Terra, que a multidão de judeus reinventou a religiosidade. Eles tinham acabado de deixar o Egito onde viram várias formas de religião. Porém, todas essas religiões tinham algo em comum, um sacerdote, uma figura humana que se colocava como o único guia dos seguidores da determinada religião. Parece que essa religiosidade aprendida no Egito atrapalhou o povo de Deus de viver o avivamento no deserto.

"E todo o povo viu os trovões e os relâmpagos, e o sonido da buzina, e o monte fumegando; e o povo, vendo isso retirou-se e pôs-se de longe. E disseram a Moisés: Fala tu conosco, e ouviremos: e não fale Deus conosco, para que não morramos" (Êxodo 20.18-19).

No verso 19, vemos que o povo optou por ouvir a Moisés, a figura humana, e não a Deus diretamente. Essa atitude é a principal manifestação da religiosidade. Não estou dizendo que não podemos ouvir nossos líderes, muito pelo contrário. A questão é que tudo o que os líderes podem e devem fazer é exatamente o que Moisés fez naquela ocasião. Ele conduziu o povo a

um lugar onde cada um poderia ouvir diretamente ao Senhor.

"E disse Moisés ao povo: Não temais, Deus veio para vos provar, e para que o seu temor esteja diante de vós, afim de que não pequeis" (Êxodo 20.20).

Moisés, no verso 20, explica ao povo que quando eles ouvissem a Voz do Senhor brotaria o temor do Senhor no coração deles e seriam mais resistentes ao pecado. Isso é liderar. Observe que qualquer pessoa, naquela enorme multidão no deserto, podia ver exatamente o que Moisés via. A saber, a Nuvem de Deus que os guiava durante o dia e a Sua Coluna de fogo que os guiava a noite. Então, por que o povo era tão dependente de Moisés? Simples! Eles se recusavam a olhar diretamente para o Senhor preferiam olhar para Moisés e ele que tratasse de olhar para o Senhor e dizer o caminho que eles deveriam seguir. Se todo o povo resolvesse olhar diretamente para a Nuvem e para a Coluna de fogo e segui-las, o trabalho de Moisés teria sido muito mais fácil, não é mesmo? Ninguém precisaria perguntar a Moisés o caminho, pois todos estariam olhando para cima e veriam a Nuvem e a Coluna movendo-se, seria só segui-las. Eles consultariam a Moisés nas questões mais específicas do seguir ao Senhor, não nas questões básicas. Enquanto Moisés se ocupava em olhar para cima, o povo se ocupava em olhar para baixo, para as suas necessidades carnais: "Estamos com fome! Estamos com sede! Onde está a nossa fantástica Terra Prometida?". E mais uma série de murmurações se seguiam. A propósito, produzir murmuração é outra especialidade da religiosidade. O fato é que Deus planejou que todo o povo visse a Sua glória, mas a religiosidade os impediu. Imagine a situação: Deus querendo que o Seu povo visse a Sua glória, mas o povo só tendo olhos para Moisés. Qual foi a solução que nosso amável Senhor encontrou? Chamou Moisés para o cume do monte e pôs o brilho da Sua Glória no rosto dele.

"*E aconteceu que, descendo Moisés do monte Sinai trazia as duas tábuas do testemunho em suas mãos, sim, quando desceu do monte, Moisés não*

sabia que a pele do seu rosto resplandecia, depois que falara com ele. Olhando, pois, Arão e todos os filhos de Israel para Moisés, eis que a pele do seu rosto resplandecia; por isso temeram chegar-se a ele" (Êxodo34.29-30).

Já que o povo só tinha olhos para a face de Moisés, eles seriam tocados pela glória Dele resplandecente em Moisés. E a multidão, mais uma vez, fugiu do contato direto com a glória do Senhor. Ela pediu para que Moisés cobrisse o rosto com um véu: *"Assim que Moisés acabou de falar com eles, pôs um véu sobre o seu rosto" (Êxodo 34.33).*

O Espírito Santo ensinou, através de Paulo no livro de 1 Coríntios capítulo11, que é vergonhoso para o homem cobrir o rosto com véu. A lição que aprendemos é que a multidão prefere ter um líder que traz vergonha do que ter um líder que a expõe à glória de Deus. É a religiosidade de sempre colocando um homem no lugar da glória de Deus! Enquanto o Senhor estava forjando a Sua glória no rosto de Moisés e dando-lhe as tábuas com a Sua Palavra, Arão, o líder da multidão, estava forjando, à pedido da multidão, um bezerro de ouro. Arão também foi separado pelo próprio Senhor para ajudar Moisés no ministério. No mesmo dia que Ele chamou Moisés também chamou Arão. O único problema do líder Arão foi que ele dava ouvidos às necessidades da multidão e não às Palavras do Senhor. A multidão reclamou que não poderia seguir a um deus que não podiam ver, por isso exigiram que Arão lhes fizesse um ídolo. A verdade é que todos os deuses do Egito tinham imagens e sacerdotes e a multidão queria ser como os egípcios. Quando a multidão dizia que não podia seguir a um Deus que não podia ver estavam mentindo. Todos podiam ver a Nuvem e a Coluna de fogo. A questão era que olhar para a glória do Senhor produziria, em seus corações temor, arrependimento e quebrantamento, coisas que a multidão sempre achou fora de moda e ainda acha até hoje. Ao contrário, olhar para o bezerro de ouro produziria no coração deles orgulho pela maravilhosa obra das suas mãos, além de trazer também lembranças dos tempos de Egito. Arão realizava cultos focados nas necessidades da carne humana e na sua própria exaltação

de grande líder. Hoje, quando assistimos a maioria dos programas evangélicos, podemos ver como o bezerro de ouro ainda continua sendo adorado pela multidão. Os *Arões* de hoje não forjam mais estátuas, dizem que isso é coisa do Catolicismo. Porém, seus bezerros são seus ministérios, a sua própria imagem de celebridade, suas riquezas e glória desse mundo. Os *Arões* de hoje sentem prazer em divulgar quão ricos são e o luxo que possuem. Gostam de dar autógrafos, entrevistas e tudo o mais que é de direito das celebridades na Babilônia. O espantoso é que a multidão segue esses *Arões* dançando e pulando de euforia, admirando seus bezerros de ouro, exatamente como aconteceu no deserto. É a religiosidade colocando o desejo carnal da multidão no lugar da glória de Deus.

Nos tempos do profeta Samuel, Deus planejava reinar diretamente sobre Seu povo, porém, novamente a religiosidade impediu. A multidão do povo de Deus desejava ser como as outras nações que tinham um homem como rei e, por isso, rejeitaram ao Senhor.

"E disseram-lhe: Eis que já estás velho, e teus filhos não andam pelos teus caminhos; constitui-nos, pois, agora um rei sobre nós, para que ele nos julgue, como o têm todas as nações. Porém esta palavra pareceu mal aos olhos de Samuel, quando disseram: Dá-nos um rei, para que nos julgue. E Samuel orou ao SENHOR. E disse o SENHOR a Samuel: Ouve a voz do povo em tudo quanto te dizem, pois não te têm rejeitado a ti, antes a mim me têm rejeitado, para eu não reinar sobre eles" (1 Samuel 8.5-7).

O objetivo final da religiosidade é exatamente esse: colocar o homem no trono. Na Babilônia isso quase aconteceu, mas Daniel atrapalhou esse intento. O ministério público de Daniel começou quando, através da unção de Deus na vida dele, interpretou o primeiro sonho de Nabucodonosor. O resultado é descrito no texto abaixo. Nabucodonosor fez Daniel ficar famoso instantaneamente. Que bênção! A maioria dos líderes de hoje diria.

"Então o rei engrandeceu a Daniel, e lhe deu muitas e grandes dádivas, e o pôs por governador de toda a província de Babilônia, como também o fez

chefe dos governadores sobre todos os sábios de Babilônia" (Daniel 2.48).

A questão era que a glória da Babilônia não enchia o coração e nem os olhos de Daniel, como acontece com a maioria dos líderes de hoje. Daniel queria e perseguia um avivamento em sua vida. Ele passou a buscar ao Senhor. Contudo, a Babilônia não se deu por vencida. O filho de Nabucodonosor, Belsazar, deu um banquete. Belsazar retirou os vasos de ouro da casa de Deus e os levou para a festa, para que bebessem vinho neles enquanto louvavam aos deuses da Babilônia. Uma afronta ao Senhor! Durante a festa apareceu uma mão escrevendo algo na parede que ninguém podia entender.

"Havendo Belsazar provado o vinho, mandou trazer os vasos de ouro e de prata, que Nabucodonosor, seu pai, tinha tirado do templo que estava em Jerusalém, para que bebessem neles o rei, os seus príncipes, as suas mulheres e concubinas. Então trouxeram os vasos de ouro, que foram tirados do templo da casa de Deus, que estava em Jerusalém, e beberam neles o rei, os seus príncipes, as suas mulheres e concubinas. Beberam o vinho, e deram louvores aos deuses de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de madeira, e de pedra. Na mesma hora apareceram uns dedos de mão de homem, e escreviam, defronte do castiçal, na caiadura da parede do palácio real; e o rei via a parte da mão que estava escrevendo. Mudou-se então o semblante do rei, e os seus pensamentos o turbaram; as juntas dos seus lombos se relaxaram, e os seus joelhos batiam um no outro. E gritou o rei com força, que se introduzissem os astrólogos, os caldeus e os adivinhadores; e falou o rei, dizendo aos sábios de Babilônia: Qualquer que ler este escrito, e me declarar a sua interpretação, será vestido de púrpura, e trará uma cadeia de ouro ao pescoço e, no reino, será o terceiro governante, então entraram todos os sábios do rei; mas não puderam ler o escrito, nem fazer saber ao rei a sua interpretação" (Daniel 5.2-8).

Então mandaram chamar a Daniel para interpretar a escrita na parede. Daniel, como todo cristão, foi atender ao chamado. Belsazar fez exatamente o

que a Babilônia de hoje faz com nossos líderes. Primeiramente encheu-o de elogios e reconhecimento, procurando inflar o ego de Daniel. Observe que, para a Babilônia, o ungido de Deus é igual a qualquer mago ou feiticeiro. Belsazar queria satisfazer sua necessidade de saber o que estava escrito na parede. Não importava se seria por intermédio de um servo do Deus Altíssimo ou através de algum mago ou feiticeiro. Observe no texto abaixo:

"A rainha, por causa das palavras do rei e dos seus senhores, entrou na casa do banquete, e respondeu, dizendo: Ó rei, vive para sempre! Não te perturbem os teus pensamentos, nem se mude o teu semblante. Há no teu reino um homem, no qual há o espírito dos deuses santos; e nos dias de teu pai se achou nele luz, e inteligência, e sabedoria, como a sabedoria dos deuses; e teu pai, o rei Nabucodonosor, sim, teu pai, o rei, o constituiu mestre dos magos, dos astrólogos, dos caldeus e dos adivinhadores. Porquanto se achou neste Daniel um espírito excelente, e conhecimento, e entendimento, interpretando sonhos e explicando enigmas, e resolvendo dúvidas, ao qual o rei pôs o nome de Beltessazar. Chame-se, pois, agora Daniel, e ele dará a interpretação.

Então Daniel foi introduzido à presença do rei. Falou o rei, dizendo a Daniel: És tu aquele Daniel, um dos filhos dos cativos de Judá, que o rei, meu pai, trouxe de Judá? Tenho ouvido dizer a teu respeito que o espírito dos deuses está em ti, e que em ti se acham a luz, e o entendimento e a excelente sabedoria. Agora mesmo foram introduzidos à minha presença os sábios e os astrólogos, para lerem este escrito, e me fazerem saber a sua interpretação; mas não puderam dar a interpretação destas palavras. Eu, porém, tenho ouvido dizer de ti que podes dar interpretação e resolver dúvidas. Agora, se puderes ler este escrito, e fazer-me saber a sua interpretação, serás vestido de púrpura, e terás cadeia de ouro ao pescoço e no reino serás o terceiro governante. Então respondeu Daniel, e disse na presença do rei: As tuas dádivas fiquem contigo, e dá os teus prêmios a outro; contudo lerei ao rei o escrito, e far-lhe-ei saber a interpretação" (Daniel 5.10-17).

No verso 16 Belsazar oferece a Daniel o mesmo que ele ofereceria a qualquer mago da Babilônia. Como o deses-pero dele era grande, ofereceu a Daniel o terceiro trono da Babilônia, ouro e roupas de rei. Porém, Daniel era um crente de verdade. Nunca usaria a unção de Deus para se engrandecer, ainda mais na Babilônia. Daniel sabia que os palácios da Babilônia não eram o lugar dele. No verso 17 ele foi até um pouco duro ao negar a proposta de Belsazar. Aleluia

Dica

1. Ore.
2. Saiba que religiosidade é quando servimos ao Senhor com o intuito de aparecer aos homens. Nos evangelhos, os fariseus, escribas e saduceus foram repreendidos pelo Senhor Jesus por essa conduta. Leia os textos, como por exemplo, Mateus 23.
3. Tenha em mente que a religiosidade estará sempre ao seu redor, por isso, o Senhor disse que o negar se é a cada dia.
4. Leia constantemente o livro de Mateus nos capítulos 5, 6 e 7. Neles está a cura para a religiosidade.
5. Seja persistente e creia no Espírito Santo. Não na sua própria força, vontade e caráter.

Capítulo 9

O Líder Religioso da Babilônia

Se de um lado existe a multidão que gosta de toda sorte de religiosidade babilônica. E que acha legal e muito espiritual a existência dos ídolos *gospel*. E que ainda tem orgulho de pertencer a esse ou àquele ministério. Do outro lado, não podemos nos esquecer, da existência dos líderes religiosos que ensinam e sustentam, no coração do povo, a religiosidade babilônica. Vimos o caso de Moisés e Arão. Dois líderes chamados pelo Senhor na mesma ocasião. Ambos foram usados por Deus na obra de tirar o povo do Egito. Eram sempre os dois que iam confrontar a Faraó. Que dupla abençoada e ungida! Porém, no deserto a visão deles deixou de ser a mesma. Enquanto Moisés olhava para o Senhor, Arão olhava para a multidão. Arão tinha sido escravo junto com o seu povo no Egito, durante toda a vida. Quer dizer que ele desfrutou da mesma posição social de qualquer um do povo de Deus, a saber, a posição de escravo humilhado. Portanto, de um dia para o outro, Arão se achou ungido e na posição de um dos líderes do povo e ajudante de Moisés. Situação normal, se a liderança não tivesse subido à cabeça dele. Arão começou a se sentir responsável por responder às necessidades da multidão. Quando isso acontece, sempre buscamos nos recursos da nossa

carne as respostas. Começamos a gastar mais tempo lendo livros cotidianos de liderança do que lendo a Bíblia e na presença de Deus. Começamos a admirar e a citar os considerados grandes líderes que a Babilônia já teve e a imitá-los. Achamos que a Igreja do Senhor é uma empresa e nós seus administradores.

Na ânsia de responder aos anseios da multidão Arão pegou as ofertas e fundiu-as num bezerro de ouro. Tenho certeza de que Arão ouviu coisas do tipo: “Você sim, Arão, é um líder de verdade. Você não é como Moisés que não sabe ao certo o que fazer. Sempre que perguntamos algo a Moisés, ele nos responde dizendo que vai consultar o Senhor. Moisés não possui nenhuma habilidade para nos liderar. Com você é diferente. Você é habilidoso e consegue cuidar das necessidades do povo. Você sempre tem as respostas pra tudo. Moisés só sabe ficar olhando para a Nuvem e não sabe fazer mais nada. Com Moisés na liderança já perdemos vários dias parados aqui nesse deserto. Se você fosse o único líder, temos certeza de que já estaríamos na terra que mana leite e mel”. Hoje, a maioria dos Arões continua ouvindo o mesmo. E, Arão foi se enchendo de si mesmo e se esvaziando de Deus. É impossível alguém estar cheio de si mesmo e, ao mesmo tempo cheio de Deus. A Bíblia diz que o próprio Senhor Jesus teve de se esvaziar para ser capaz de realizar a obra que o Pai desejava que Ele realizasse. Se o Senhor Jesus, que não tinha a nossa natureza pecadora, precisou se esvaziar, imagine o quanto os líderes especiais de hoje não precisam fazê-lo. Arão se esqueceu desse detalhe. Esvaziar-se não é fácil. É nada mais e nada menos do que o Getsêmani que já vimos. O Getsêmani de Moisés durou os quarenta anos que ele viveu exilado na casa do seu sogro. Depois de quarenta anos, quando finalmente o ministério de Moisés iria iniciar, ele viu e se aproximou da sarça ardente. E o que aconteceu? O Senhor exigiu que ele renunciasse às suas sandálias. Creio que aquelas sandálias eram as únicas recordações que Moisés tinha do seu tempo de príncipe do Egito. Elas representavam o período da sua vida no qual ele foi um dos homens mais ricos e poderosos do

mundo.

"E vendo o SENHOR que se virava para ver, bradou Deus a ele do meio da sarça, e disse: Moisés, Moisés. Respondeu ele: Eis-me aqui. E disse: Não te chegues para cá; tira os sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa. Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. E Moisés encobriu o seu rosto, porque temeu olhar para Deus" (Êxodo 3.4-6).

O verso 6 é maravilhoso. Nele, Moisés encobre o rosto com medo de olhar para a glória de Deus. Mas, não é o mesmo Moisés que tempos depois subia no cume do monte Sinai para ver a glória de Deus? Sim, o mesmo. É maravilhoso percebermos que os homens que Deus usou de forma tão poderosa tinham as nossas mesmas fraquezas, não é mesmo? A lição aqui é que, no início do ministério, a única coisa que devemos aprender a buscar é a glória Dele. Nada mais. Foi exatamente o que Moisés fez. A dificuldade que encontramos em praticar o estilo de liderança de Moisés é enorme, por exigir de nós humildade total. Imagine Moisés no deserto à frente de, mais ou menos, cinco milhões de pessoas. Que Igreja grande era a que Moisés liderava! Eles já haviam vencido alguns inimigos e tomado seus despojos. Imagine que Moisés recebesse a visita de um amigo pastor. O diálogo seria mais ou menos assim:

Moisés! Que ministério maravilhoso! Você é líder de uma multidão.

O Senhor é o nosso líder.

Mas, me diga, caro amigo, qual é o seu segredo. O que você fez para sua Igreja crescer tanto? Qual é a sua técnica?

E qual é a sua agenda de pregações?

Bem, o que eu faço é passar o dia olhando para aquela nuvem ali em cima.

O quê? Não acredito! Fale-me a verdade. Eu também quero ser pastor de uma Igreja grande como a sua.

É verdade! Tudo que eu faço é ficar olhando para aquela nuvem. Quando Ela se move eu me movo. Quando Ela fica parada, também ficamos.

Como assim? E o seu planejamento? Seu método?

Só olho para a Nuvem. Às vezes tenho de deixar a Igreja com Arão e subir ao monte por quarenta dias para saber o que fazer.

Você ficou doido Moisés? Deixar seu cargo por tanto tempo? Arão vai acabar tomando o seu lugar.

Eu não tenho nada. Já renunciei tudo. A única coisa que tenho é a Nuvem.

Certamente o pastor amigo de Moisés sairia indignado da visita. Moisés não é um líder de verdade. Um líder sempre arruma um caminho para o povo seguir. Um líder sempre tem um planejamento e nunca deixa seu lugar desocupado. Ele nunca arriscaria perder sua posição diante do povo. E Moisés sairia dessa conversa e procuraria um bom lugar de onde pudesse ver a nuvem claramente.

Moisés sabia que a mesma Glória que havia transformado a sua vida transformaria a vida de cada pessoa da Igreja que entrasse em contato com Ela. Ele sabia que liderar era simplesmente olhar para a nuvem de Deus, perceber o movimento Dele e acompanhá-Lo.

Infelizmente muitos líderes hoje pensam que liderar é comandar o povo. É decidir, por cada um, o que é certo e o que é errado. O que pode ser feito e o que não pode. Eles agem dessa forma porque a sensação de domínio sobre cada aspecto da vida dos seus liderados infla seus egos carentes e lhes dá uma sensação de superioridade espiritual, além de engrandecê-los na sociedade babilônica. Com essa falsa liderança, o povo permanece no estado de criança espiritual e, corre atrás de qualquer bezerro de ouro que apareça, pois permanecem sem conhecer, pessoalmente, a voz do Senhor. Por isso o temor do Senhor tem sido algo muito raro hoje. E quando algum pastor prega algo que a multidão não gosta? Simples! A multidão procura outra Igreja e tudo estará resolvido, e com medo dessa reação da multidão, os pastores ao estilo de Arão ficam moldando suas pregações de acordo com os diversos gostos e necessidades da multidão. Isso é religiosidade pura! O jeito Arão de liderar.

Dica

1. Ore.
2. Ore pelo seu pastor para que ele seja guardado do fascínio da Babilônia.
3. Nunca esteja sendo alimentado somente por Arão. Prefira sempre Moises e sua Nuvem.

Capítulo 10

Ainda Bem que Daniel Era Daniel

Algo que sempre me impressiona é como o Espírito Santo cuidou de todos os detalhes quando escreveu, através de seus vários servos, as Sagradas Escrituras. Cuidado que aparece até na escolha de Daniel. A origem do nome Daniel é Hebraica. Significa *Deus é meu juiz*. Indica uma pessoa que não se preocupa com a opinião dos outros; o importante para ele é estar em paz com a própria consciência e com seus princípios morais. Incrível! Só mesmo um Daniel teria coragem de questionar a confusa relação do povo de Deus com a Babilônia. Enquanto que a maioria dos líderes de Israel estava tranquila, desfrutando do luxo e privilégios oferecidos pela Babilônia, Daniel, alheio às opiniões teológicas deles, deixava germinar no coração as sementes que, certamente, o Senhor também semeou em seu coração, meu amado irmão. Sementes como: o Evangelho que vemos na Bíblia é para ser vivido hoje, então, por que o livro dos Atos dos apóstolos nos parece algo tão inatingível? Tudo bem que hoje os líderes evangélicos desfrutem do *status* de celebridades por causa do crescimento da multidão de evangélicos, exatamente como Daniel e seus amigos desfrutavam na Babilônia. Porém, *status*, honra e prosperidade não conseguiram calar o desejo de Daniel de

conhecer o Senhor pessoalmente e intimamente. Contrariando todos, exceto seus quatro amigos, Daniel pôs-se a buscar o Senhor do jeito que ele achava que daria certo. Na verdade o que Daniel estava fazendo era romper com a religiosidade.

"Então me disse: Não temas, Daniel, porque desde o primeiro dia em que aplicaste o teu coração a compreender e a humilhar-te perante o teu Deus, são ouvidas as tuas palavras; e eu vim por causa das tuas palavras" (Daniel 10.12).

Nosso irmão Daniel não foi como Arão. A despeito da sua posição, ele se humilhava publicamente diante de Deus, revelava as suas fraquezas e incapacidade. Enquanto todos na Babilônia o tinham por sábio, ele simplesmente consultava ao Senhor em todas as questões. A mesma estratégia de liderança de Moisés. Essa forma de agir pode ser considerada muito humilhante para nós líderes, contudo, é o que Deus espera de nós. Quantos de nós, em nossa liderança, temos feito de nossas pregações verdadeiros tributos a nós mesmos? "Que eu isso, que eu aquilo!". E, com isso, a multidão passa a nos considerar uma espécie de super heróis espirituais. Ganhamos muitos fãs e admiradores no meio no povo de Deus. Em o Novo Testamento, o Daniel foi Paulo. Em suas cartas, Paulo sempre revelou as suas fraquezas e ainda confrontou os líderes super heróis da época. Na carta aos Coríntios repreendeu a existência dos fãs clubes na Igreja e expôs os líderes que exploravam os irmãos. Para Paulo a situação piorou quando os líderes passaram a brigar publicamente, através de discussões vazias e sem sentido. Ele expôs a ideia carnal por trás dessas brigas. O vencedor da discussão terá o maior número de seguidores.

"E eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnais, como a meninos em Cristo. Com leite vos criei, e não com carne, porque ainda não podíeis, nem tampouco ainda agora podeis, porque ainda sois carnais; pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnais, e não andais segundo os homens? Porque, dizendo um:

Eu sou de Paulo; e outro: Eu de Apolo; porventura não sois carnais? Pois, quem é Paulo, e quem é Apolo, senão ministros pelos quais crestes, e conforme o que o SENHOR deu a cada um?" (1 Coríntios 3.1-5).

No texto acima, Paulo descreve o retrato da igreja acostumada com a religiosidade babilônica. Os irmãos amavam ouvir seus líderes, mas não procuravam ouvir ao Senhor diretamente. Essa situação criava divisão e partidarismos na igreja. Parece o retrato da igreja de hoje. Oro para que os líderes da atualidade pensem e preguem como o apóstolo Paulo. Quem somos nós?

"Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento" (1 Coríntios 3.6).

Considerando o exemplo de Paulo, repare que a função dos líderes é plantar e regar. Eles não podem interferir no processo natural de crescimento da planta. Ela precisa aprender a se relacionar com o solo e com o sol a fim de extrair deles tudo que precisa para crescer, caso contrário, a planta ficará raquítica podendo até morrer. O mesmo acontece com cada crente. Todos precisam aprender a extrair do solo fértil da Palavra e do Sol da Justiça o seu crescimento.

O super Saulo, o fariseu por excelência, aquele que sabia tudo da Lei, mas não conhecia a Jesus, começou seu ministério caindo do cavalo. Saulo era um líder religioso que achava que estava fazendo a vontade de Deus perseguindo e matando os que criam em Jesus. Era legalista, se achava o máximo e estava montado num cavalo. Você conhece algum líder assim hoje? Infelizmente, não é difícil encontrá-los. Qualquer líder que ainda esteja montado em um cavalo deve ser seguido com cuidado. Não tenho nada contra os líderes e muito menos contra os cavalos. Porém, no livro do Apocalipse, só um dos que aparecem montando cavalo é verdadeiro, o Senhor Jesus. Os outros cavaleiros que aparecem são do mal. Se eu ou qualquer outro líder aparecer montado em um cavalo, certamente será um cavalo descendente das quatro espécies malignas. No cavalo onde está assentado o Cordeiro ninguém mais pode sentar. Só Ele é digno e Deus não dará a Sua glória para ninguém.

"Por amor de mim, por amor de mim o farei, porque, como seria profanado o meu nome? E a minha glória não a darei a outrem" (Isaías 48.11).

O Senhor não dará a Sua glória nem mesmo para o super líder que aparece na TV? Ninguém é ninguém. O cavalo branco de Apocalipse 6, o seu cavaleiro é o anticristo. O evangelho do anticristo tem sido pregado por muitos líderes nesse cavalo branco.

"Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo. E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre. Filhinhos, é já a última hora; e, ***como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos se têm feito anticristos****, por onde conhecemos que é já a última hora. Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós" (1 João 2.16-19).*

O texto acima afirma que todo líder que dá lugar à concupiscência da carne, à concupiscência dos olhos e à soberba da vida está dando lugar ao espírito do anticristo. Que o Senhor nos proteja! Continuando em Apocalipse 6, o cavalo vermelho representa a guerra. Quantos líderes têm feito guerra contra os irmãos de outras denominações por estarem montados nesse cavalo? Assistimos a essa guerra todos os dias na TV, na Internet e nos jornais. Uma tragédia! E os usuários do cavalo vermelho ainda saem se vangloriando das suas pseudo vitórias. O cavalo amarelo é a fome. Os líderes montados no cavalo amarelo não se preocupam em alimentar suas ovelhas. Não se preocupam em encontrar os pastos verdejantes e nutritivos que as ovelhas tanto precisam. Ao invés disso, suas ovelhas comem dos pastos secos e amarelos. Uma alimentação que não passa de regras humanas e que não possuem nenhuma vida. As consequências são crentes cheios de regras e vazios da vida do Senhor. O cavalo preto é a morte. Vários líderes evangélicos têm provocado a morte espiritual de muitos por estarem

montados nesse cavalo preto. Não tratam as ovelhas com o amor e doçura que elas tanto precisam para frutificar, ao contrário, pensam que quanto mais desprezo e ofensa despejarem dos púlpitos sobre as ovelhas, mais elas se tornarão fortes. Um equívoco terrível! A Bíblia diz que todo aquele que odeia a seu irmão é assassino. O Senhor nos mandou amar uns aos outros e inclusive nos mandou amar os nossos inimigos.

"Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos. Quem não ama a seu irmão permanece na morte. Qualquer que odeia a seu irmão é homicida. E vós sabeis que nenhum homicida tem a vida eterna permanecendo nele. Conhecemos o amor nisto: que ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos. Quem, pois, tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas, como estará nele o amor de Deus? Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade" (1 João 3.14-18).

O fato é que nossa carne quer sempre estar montada num cavalo. O cavalo representava, nos tempos antigos, posição de autoridade. Quando dois exércitos se encontravam para a batalha, seus líderes sempre vinham montados em cavalos imponentes. Havia também a cavalaria composta pelos soldados de elite. Os cavalos eram muito valiosos e não podiam ser montados por qualquer soldado raso. A regra é que se o líder vive reivindicando sua autoridade sobre os irmãos, sua carne está querendo montar num cavalo. Pregações desse tipo sempre aparecem: "Deus me levantou e me pôs aqui, por isso todos têm de me obedecer. Fui ungido para ser líder. Deus me tirou de trás da malhada e me honrou com esse ministério". E por aí vai. Irmão, se você tem um líder assim, ore para que ele desista desse cavalo. Porque se ele conseguir montar em algum, certamente será em um descendente do cavalo branco, vermelho, amarelo ou preto. Puxa! Quanta confusão teológica na Babilônia! A propósito, Babilônia significa confusão. A despeito dessa confusão Daniel fez a única coisa que qualquer cristão pode fazer para se livrar da Babilônia: ele se voltou para a Palavra do Senhor, que é a

ferramenta que a Igreja possui para desfazer a confusão promovida pela Babilônia.

Dica

1. Ore.

2. Esteja certo de que se você estiver atrás de elogios humanos, será uma presa fácil para a Babilônia.

3. Defina no seu coração o quanto você está disposto a renunciar pelo Senhor. Peça ao Espírito Santo que lhe dê forças para permanecer firme em sua decisão.

4. Se você quiser seguir a maioria, estará seguindo a multidão para a Babilônia. O próprio Senhor Jesus disse que são poucos os que decidem entrar pela porta estreita.

Capítulo 11

A Revelação da Palavra nos Liberta da Babilônia

Qualquer pessoa que estivesse cativa no Egito desejaria, com todas as suas forças, ser livre dele. No Egito a vida de todo cativo é terrível. Na verdade o cativo nem tem uma vida propriamente dita. Lembra-se de quando você estava cativo no Egito do mundo? Quanta tristeza você experimentava? Uma vida completamente sem sentido e significado. Não conhecia o verdadeiro significado do amor e mais uma série de sofrimentos que todos nós lembramos muito bem. Porém, um dia o Senhor nos libertou do Egito através do Sangue e da Carne do Cordeiro. Aleluia! O problema é que depois do Egito, acabamos caindo cativos na Babilônia. Começamos a congregar em alguma Igreja Evangélica e, quase sempre, passamos a ter uma religião. Não sei quem foi o abençoado que transformou o Evangelho Poderoso de Jesus numa religião. Talvez esse indivíduo não fosse tão abençoado assim. A questão é que a religiosidade e suas práticas inflam nossa carne. Você já se pegou julgando algum irmão da Igreja porque ele não consegue andar no seu padrão de santidade? É disso que estou falando! Dessa religiosidade. Eu já me peguei várias vezes na religiosidade. Passamos a nos preocupar mais com

a nossa aparência de santidade diante da Igreja do que com a realidade da nossa vida para com o Senhor. Sabe quem agia exatamente dessa forma? Os Fariseus e Saduceus que o Senhor Jesus tanto repreendeu. Ele chegou a chamá-los de sepulcro caiado. Por fora uma beleza, mas por dentro cheio de carne morta. O próximo estágio da carreira religiosa é lutarmos por posição de autoridade na Igreja. Debaixo do pretexto de trabalhar para o Senhor fazemos de tudo para termos um ministério e, se possível, sermos o líder dele. E tem mais! Geralmente gostamos dos ministérios que aparecem nos cultos principais, quando o auditório está cheio. Isso é a operação da religiosidade. Quantos pregadores só aceitam convites com o cachê predeterminado? Pura religiosidade! E por aí vai uma série de situações sem fim que, se formos sondar o nosso coração como o Senhor mandou, veremos que estamos praticando nossa religiosidade babilônica. Sabe aquelas vezes na vida em que fizemos algo para o Senhor e demos um jeito de todo mundo na Igreja ficar sabendo? Era a nossa carne se alimentando de religiosidade, seja orar, ler a Bíblia, evangelizar, visitar e tudo o mais, se fizemos qualquer coisa com o objetivo de sermos vistos pela Igreja, agimos como os fariseus que Jesus repreendeu.

"GUARDAI-VOS de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás, não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus. Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita. Para que a tua esmola seja dada em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, ele mesmo te recompensará publicamente. E, quando orares, não sejas como os hipócritas; pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em

secreto, te recompensará publicamente" (Mateus 6.1-6).

A nossa religiosidade tem criado ídolos do tipo *gospel* e aberto as portas do show *business* babilônico para os nossos cantores e pregadores. Muitos desses nossos queridos irmãos têm negociado com a Babilônia seus ministérios, unção, graça e até mesmo a salvação. Como já dissemos, essa é a razão porque é tão difícil para o povo de Deus abandonar a Babilônia. Nela, a nossa vaidade, ego, orgulho e tudo mais que é obra da carne são massageados. Para que o Seu povo saísse do Egito o Senhor fez grandes sinais e maravilhas, não foi mesmo? Então, a pergunta natural que podemos fazer é: quais serão os grandes feitos que o Senhor fará para nos tirar da Babilônia? A resposta é simples! Nenhum!

O quê? Como assim não fará nenhum grande feito? Você pode estar pensando. Pois é irmão, tudo que Ele fará é nos convidar a sair da Babilônia e voltar o coração novamente para Ele e o convite que Ele nos faz é através da Sua Palavra.

"E DEPOIS destas coisas vi descer do céu outro anjo, que tinha grande poder, e a terra foi iluminada com a sua glória. E clamou fortemente com grande voz, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e covil de todo espírito imundo, e esconderijo de toda ave imunda e odiável. Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição, e os reis da terra se prostituíram com ela; e os mercadores da terra se enriqueceram com a abundância de suas delícias. E ouvi outra voz do céu, que dizia: ***Sai dela, povo meu****, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas" (Apocalipse 18.1-4).*

Gostou do convite "sai dela povo meu"? Repare que a frase não termina com um sinal de exclamação, o que caracteriza que não é uma ordem. Por isso, é um convite ou uma sugestão. A verdade é que a Babilônia não tem poder de manter o crente cativo contra a vontade dele. A Palavra de Deus determinou que o cativeiro babilônico durasse setenta anos.

"Porque assim diz o SENHOR: Certamente que passados setenta anos em

Babilônia, vos visitarei, e cumprirei sobre vós a minha boa palavra, tornando a trazer-vos a este lugar. Porque eu bem sei os pensamentos que tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz, e não de mal, para vos dar o fim que esperais. Então, me invocareis, e ireis, e orareis a mim, e eu vos ouvirei. E buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes com todo o vosso coração. E serei achado de vós, diz o SENHOR, e farei voltar os vossos cativos e congregar-vos-ei de todas as nações, e de todos os lugares para onde vos lancei, diz o SENHOR, e tornarei a trazer-vos ao lugar de onde vos transportei" (Jeremias 29.10-14).

Da mesma forma que o cativeiro na Babilônia de Israel tinha seu tempo de duração determinado, o cativeiro na Babilônia espiritual de Apocalipse capítulo 18 também tem. Devemos considerar com muito carinho o convite que o Senhor nos faz para sairmos dela antes que o tempo se esgote. No capítulo 25 de Jeremias o Senhor explica o motivo do cativeiro babilônico e como ele seria.

"Desde o ano treze de Josias, filho de Amom, rei de Judá, até o dia de hoje, período de vinte e três anos, tem vindo a mim a palavra do SENHOR, e vo-la tenho anunciado, madrugando e falando; mas vós não escutastes. Também vos enviou o SENHOR todos os seus servos, os profetas, madrugando e enviando-os, mas vós não escutastes, nem inclinastes os vossos ouvidos para ouvir. Quando diziam: Convertei-vos agora cada um do seu mau caminho, e da maldade das suas ações, e habitai na terra que o SENHOR vos deu, e a vossos pais, para sempre. E não andeis após outros deuses para os servirdes, e para vos inclinardes diante deles, nem me provoqueis à ira com a obra de vossas mãos, para que não vos faça mal. Porém não me destes ouvidos, diz o SENHOR, mas me provocastes à ira com a obra de vossas mãos, para vosso mal. Portanto assim diz o SENHOR dos Exércitos: Visto que não escutastes as minhas palavras. Eis que eu enviarei, e tomarei a todas as famílias do norte, diz o SENHOR, como também a Nabucodonosor, rei de Babilônia, meu servo, e os trarei sobre esta terra, e

sobre os seus moradores, e sobre todas estas nações em redor, e os destruirei totalmente, e farei que sejam objeto de espanto, e de assobio, e de perpétuas desolações. E farei desaparecer dentre eles a voz de gozo, e a voz de alegria, a voz do esposo, e a voz da esposa, como também o som das mós, e a luz do candeeiro. E toda esta terra virá a ser um deserto e um espanto; e estas nações servirão ao rei de Babilônia setenta anos. Acontecerá, porém, que, quando se cumprirem os setenta anos, visitarei o rei de Babilônia, e esta nação, diz o SENHOR, castigando a sua iniquidade, e a da terra dos caldeus; farei deles ruínas perpétuas. E trarei sobre aquela terra todas as minhas palavras, que disse contra ela, a saber, tudo quanto está escrito neste livro, que profetizou Jeremias contra todas estas nações" (Jeremias 25.3-13).

A causa do cativeiro foi que o povo, apesar de advertido várias vezes pelo profeta, não deu ouvidos à Palavra do Senhor. Andaram de acordo com a maldade de seus corações e as obras das suas mãos e ainda seguiram após outros deuses. Puxa, que povo rebelde! Você pode estar pensando: Bem que mereceram serem entregues à religiosidade babilônica, não é mesmo? Pois é, mas a pergunta que fica é: será que a Igreja evangélica pratica essas mesmas coisas que poderiam levá-la ao cativeiro da religiosidade da Babilônia de Apocalipse? Infelizmente, sim. Observando tudo que já dissemos sobre a Babilônia fica fácil perceber que, boa parte dos evangélicos, já está cativa na religiosidade babilônica. Vamos dar uma olhada mais de perto?

a) Não dão ouvidos à Palavra do Senhor. Procure entre as igrejas evangélicas as que pregam a Palavra pura e simples do Senhor. Você verá como será difícil encontrar. A maioria está pregando um evangelho psicológico e de autoajuda, na intenção de agradar a multidão.
b) Andam de acordo com as obras das suas mãos. Parece que estamos vivendo uma época onde a visão do Reino de Deus está nublada. Cada líder procura construir seu próprio império, a obra das suas mãos. Não é fácil ver dois pastores caminhando juntos com seus rebanhos visando o

Reino de Deus. Os ministérios passaram a ser vistos como empresas e o povo como clientes. Então, vale a máxima no comércio: “o cliente sempre tem razão”. Por isso, a última Igreja é a Laodicéia que significa o direito do povo.

c) Andam após outros deuses. Ah, não! Essa não! Idolatria é coisa de católico, não de evangélico. Na verdade deveria ser, porém, a Bíblia trata a avareza como idolatria.

“Mortificai, pois, os vossos membros, que estão sobre a terra: a prostituição, a impureza, a afeição desordenada, a vil concupiscência, e a avareza, que é idolatria” (Colossenses 3.5).

Lembra que o Senhor Jesus nos advertiu que ninguém pode servir a Deus e as riquezas? No entanto, é triste ver como o nome dinheiro tem sido mais falado em algumas igrejas do que o Nome de Jesus.

Para que fôssemos libertos do Egito, o Cordeiro Jesus foi morto. Agora, para sermos libertos da Babilônia, o Verbo, a Palavra Jesus deve ser vivificada em nós.

“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1.14).

A Palavra do Senhor desceu sobre o rei Ciro, que tinha derrotado Nabucodonosor e conquistado a Babilônia, e fez a sua Obra.

“No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia (para que se cumprisse a palavra do SENHOR, pela boca de Jeremias), despertou o SENHOR o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino, como também por escrito, dizendo: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O SENHOR Deus dos céus me deu todos os reinos da terra, e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá” (Esdras 1.1-2).

O livro de Esdras foi escrito, provavelmente, entre 460 e 440 a.C. e o livro de Isaías foi escrito entre 701 e 681 a.C. Quando o rei Ciro, que não conhecia ao Senhor, encontrou o seu nome nos escritos do profeta Isaías, que tinham sido escritos a mais de duzentos anos antes no seu nascimento, ele não teve

outra escolha senão reconhecer que a Palavra de Deus é poderosa e se curvar diante Dela. Diante da poderosa Palavra de Deus o rei Ciro permitiu que o povo de Israel voltasse para Jerusalém. Contudo, séculos depois, quando os religiosos e conhecedores da Lei de Deus viram o Verbo Jesus, que havia sido profetizado pelo mesmo profeta Isaías, preferiram manter sua religiosidade e posição social a se curvarem diante Dele. Essa decisão terrível ainda continua sendo tomada por alguns religiosos evangélicos de hoje. Preferem manter seus privilégios, conforto e status babilônicos a se voltarem para a verdade da Palavra. Isso é trágico, mas não é decisivo na sua e na minha vida com Deus. Daniel alcançou suas maiores experiências com Deus estando na Babilônia. Então, você e eu não podemos colocar a culpa pela falta de avivamento na nossa vida na Igreja. É comum encontrarmos crentes reclamando da igreja onde congregam. Dizem que se a igreja fosse avivada eles também seriam. Isso pode até ser verdade, contudo, não é uma justificativa aceitável. Esse argumento deve ter sido usado pelos príncipes de Israel que se curvaram diante da estátua e se misturaram com toda sorte de religiosidade babilônica. Oro para que você e eu sejamos como Daniel. Sem nos preocuparmos com a religiosidade alheia, busquemos ao Senhor em oração, jejuns e tendo a Sua Palavra como único guia. A escassez da pregação da verdadeira Palavra de Deus é o principal objetivo do Nabucodonosor desse século. Ele sabe que sem a Palavra, a Igreja não possui uma arma de ataque eficaz. Em Efésios 6.14-17 está descrito a armadura que Deus providenciou para Seu povo. No verso 17 diz:

"Tomai também o capacete da salvação, ***e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus****" (Efésios 6.17).*

A Palavra de Deus é a espada do Espírito, ou seja, só o Espírito Santo pode nos ensinar a manusear a espada da Palavra. Sem o Espírito Santo, a Bíblia não pode ser utilizada adequadamente e Seu poder não pode ser liberado para nós. A própria Bíblia testifica de que, sem o Espírito Santo, Ela é somente letra, e letra que pode matar os que se atreverem a tocá-la sem o Espírito

Santo.

"O qual nos fez também capazes de ser ministros de um novo testamento, não da letra, mas do espírito; ***porque a letra mata e o espírito vivifica****" (2 Coríntios 3.6).*

Em outro texto a Bíblia nos afirma que Ela opera em nós uma obra profunda de separação da carne e do Espírito.

"Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, ***e penetra até*** *à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração" (Hebreus 4.12).*

O nosso grande problema é que o Espírito Santo opera em nós depois da cruz, como aconteceu no Pentecostes dos apóstolos em Atos 2. Primeiro a cruz, depois o Espírito Santo e todo o poder da Palavra. A cruz era coisa do Império Romano que veremos mais adiante. O fato é que a multidão não gosta desse negócio de negar-se e ser crucificada. Ela prefere condenar os outros à cruz, como fizeram com o próprio Senhor. Escolheram Barrabás e crucificaram o Senhor Jesus. Barrabás era o principal herói da multidão da época. Ele achava que tinha o ministério de libertar a Israel. Porém, seu suposto ministério era exercido na sua força e habilidades carnais, através das armas mundanas. Para a multidão ele era tão ungido que até conseguiu fugir da cruz quando a coisa ficou feia. O herói da multidão! A questão será sempre a mesma: queremos a glória de Deus ou a glória do mundo? Não podemos ter as duas juntas. Nem o Senhor Jesus pode.

"Eu não recebo glória dos homens" (João 5.41). "Quem fala de si mesmo busca a sua própria glória; mas o que busca a glória daquele que o enviou, esse é verdadeiro, e não há nele injustiça" (João 7.18).

"Eu não busco a minha glória; há quem a busque, e julgue" (João 8.50).

"Jesus respondeu: Se eu me glorifico a mim mesmo, a minha glória não é nada; quem me glorifica é meu Pai, o qual dizeis que é vosso Deus" (João 8.54).

Podemos simplificar a questão da seguinte forma: a glória de Deus se consegue através da cruz; a glória do mundo se consegue fugindo da cruz. No deserto, o Senhor Jesus jejuou durante quarenta dias e quarenta noites, na verdade, qualquer religioso consegue fazer isso. Eu já vi e ouvi vários pregadores divulgando orgulhosos que fizeram esse terrível sacrifício, e, por causa dessa enorme fidelidade deles, Deus os abençoava. Isso é a glória da Babilônia, a religiosidade que produz a recompensa. Pena que a maioria desses pregadores para por aí! No caso do Senhor foi diferente. Além do jejum, Ele enfrentou e venceu a sedução da Babilônia.

"Novamente o transportou o diabo a um monte muito alto; e mostrou-lhe ***todos os reinos do mundo, e a glória deles. E disse-lhe: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares****. Então, disse-lhe Jesus: Vai-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás" (Mateus 4.8-10).*

Esse texto nos mostra que foi oferecido ao Senhor Jesus toda a glória do mundo e Ele não precisaria ir à cruz para consegui-la. É sempre assim, irmão! A glória no mundo anula a necessidade da cruz. Satanás procurou encher o ego do Senhor dizendo coisas como: "Você é filho de Deus e não merece ficar com fome. Você merece sempre ter o melhor desse mundo", e por aí vai.

Uma coisa é certa, quando a Babilônia espiritual de Apocalipse cair e estivermos na Nova Jerusalém diante Dele, tudo terá valido a pena. Toda renúncia, humilhação e quebrantamento desaparecerão instantaneamente diante do primeiro sorriso Dele para nós. O fato é que está profetizado que a Igreja dos últimos dias seria Laodicéia. E está profetizado também que haveria apostasia, falsas doutrinas e falta de amor nela. Também está profetizado que a Babilônia estará em plena atividade. Esses fatos não podem mudar. Contudo, podemos estar na Babilônia, mas não precisamos nos curvar diante dos seus deuses, exatamente como fez Daniel e seus amigos. Um estudo rápido de Apocalipse nos mostrará que a Babilônia é a Igreja Católica,

representada pelo Vaticano na cidade de Roma. Em 1517, Martinho Lutero se levantou contra a Babilônia na Reforma Protestante. Porém, hoje em dia creio que o Senhor está preparando novos servos, como Daniel e Lutero, para realizarem a reforma da Reforma Protestante, que tanto se faz necessária. Chega da religiosidade babilônica na Igreja Evangélica! Chega de papas evangélicos! Chega das indulgências que hoje são chamadas de dízimos e ofertas. Voltemos para o Senhor!

Dica

1. Ore.
2. Saiba que a Bíblia é a única lâmpada para os seus pés e a única luz para o seu caminho. Davi sabia muito bem disso:

   "Lâmpada para os meus pés é tua palavra, e luz para o meu caminho" (Salmos 119.105).

Quarta Parte

Saída do Império Romano

Podemos considerar que a saída histórica da Igreja de Jesus de Roma ocorreu em 31 de outubro de 1517, através de Martinho Lutero e suas 95 teses. Contudo, veremos que existe um cativeiro político romano espiritual que pode escravizar o crente, mesmo estando dentro da Igreja Evangélica. O desejo de possuir e exercer poder sempre foi a maior das tentações humanas. No Jardim do Éden o homem sucumbiu à tentação de ser igual a Deus, ou seja, poderoso e dono de si mesmo. O problema é que o verdadeiro poder espiritual, vindo do Espírito Santo, só se pode alcançar através da cruz. Com o próprio Senhor Jesus foi desse jeito.

"De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus. Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas, esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens. E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz. Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome." (Filipenses 2.5-9).

Entretanto, para a multidão de Laodicéia, esse negócio de se humilhar e ser crucificado são coisas de crente fanático. Para eles existe uma maneira mais rápida de se obter poder. A política. Quando dizemos política não estamos nos referindo somente aos partidos políticos. Estamos incluindo principalmente a política praticada na Igreja. Alguns irmãos tendo privilégios sobre outros por causa do poder financeiro ou social que possuem. Líderes sendo levantados de acordo com a conveniência política dos pastores. Existência de partidarismos e facções. E por aí vai uma série de situações de acordos políticos praticados no seio da Igreja. A sede de possuir poder, seja ele de qualquer fonte, tem cegado muitos líderes evangélicos de hoje. O problema é que líderes cegos produzem liderados cegos. Contudo, o Senhor continua sendo bom e misericordioso. Aleluia! Com essa certeza no coração veremos o caminho para a libertação de Roma e oremos para que estejamos sempre livres dela.

Capítulo 12

Roma Conseguiu o que a Babilônia Tentou

Relembrando a situação de Israel nos tempos do cativeiro romano veremos que os líderes do povo de Deus, os sacerdotes, estavam completamente comprometidos com a política de Roma. O sumo sacerdócio havia deixado de ser considerado ministério e se transformado em posição política. O sumo sacerdote sempre estava presente nas reuniões com os governadores romanos e participava das decisões. O sumo sacerdote, inclusive, foi quem julgou o Senhor Jesus em primeiro lugar. Para Roma, a função do sacerdote era deixar a multidão satisfeita e apaziguada. Roma não se opunha às práticas religiosas do povo e até fazia questão de respeitá-las. Tudo para que a multidão ficasse contente com a sua condição e não deixasse aflorar esse tal de avivamento. Os líderes do povo estavam felizes também. Além do prestígio social e religioso que desfrutavam diante do povo e de Roma, os templos estavam sempre lotados, as ofertas sendo feitas e todo tipo de comércio acontecendo dentro da casa de Deus. O Senhor Jesus, certa feita, se irou com esse comércio e expulsou os cambistas do templo. Nesse período, havia quatrocentos anos que o Senhor estava em silêncio. Israel tinha perdido

toda a essência da presença e manifestação de Deus. Imagino a pregação dos sacerdotes no templo:

– Irmãos, nós estamos prosperando como nunca. O Império Romano nos reconhece e nos respeita. Estamos em Jerusalém, temos o maior templo do mundo, a maior religião do mundo e alcançamos prestígio na sociedade.

– Pastor, (um irmão corajoso pergunta) o senhor não acha que, a despeito de toda essa estrutura religiosa, temos encontrado muitos doentes, endemoninhados, lunáticos, paralíticos, ladrões, imorais e mentirosos no meio do nosso povo? Onde está o Cordeiro Pascoal que, com seu Sangue, nos tirou do domínio do Egito? E mais pastor, onde está a Palavra viva que, na boca de Daniel, derrubou a Babilônia e trouxe nosso povo para reconstruir Jerusalém?

– Irmão, deixa de ser rebelde! Se eu, que sou ungido e escolhido por Deus, estou dizendo que estamos bem, então estamos. A propósito, temos um tanque chamado Betesda no qual, uma vez por ano, um anjo move as águas e o primeiro que entra no tanque é curado imediatamente. Agora, quem não consegue entrar no tanque é porque é um fraco e incrédulo. Aí não é nossa responsabilidade.

E a igreja grita eufórica e bate palmas. E a pregação continua:

– Irmãos, nós temos mais bênçãos ainda para contar. Deus nos elevou de tal modo que eu fui diante de Pilatos e exigi que ele nos soltasse um preso escolhido por nós em toda Páscoa. Sabe o que aconteceu? Pilatos concordou. Aleluia!

– Aleluia, glória a Deus! Grita a multidão.

– Irmãos, nesse ano temos de soltar nosso irmão Barrabás. É certo que Barrabás cometeu alguns exageros no ministério, porém, ele queria libertar-nos do domínio romano. Ele estava fazendo a obra de Deus. E, na obra de Deus, às vezes temos de realizar algumas coisas que antes não precisávamos realizar. Afinal, os tempos são outros e temos de nos modernizar.

E o irmão corajoso de antes interrompe de novo:

– Mas, pelo que sei, Barrabás é um ladrão e assassino.

– Ele envergonhou a Palavra Deus agindo dessa forma e nunca se arrependeu.

– Estão vendo irmãos? É disso que estou falando. Os homens que fazem a obra de Deus, como nós e Barrabás, sempre são criticados. E o pior de tudo é que se fosse o mundo, o Império Romano, que nos criticasse estaria tudo bem. Porém, são os crentes que estão em nosso meio que nos repreendem. Eles não entendem que os tempos mudaram. Hoje não faz sentido pregar a Bíblia totalmente. Daqui a pouco esse irmão, que não entende de Teologia e questiona tudo, vai me perguntar por que paramos de oferecer sacrifícios para o perdão dos nossos pecados no templo, como manda a Lei. Irmãos, no tempo de Moisés, o templo servia só para a adoração a Deus. Porém, hoje estamos inseridos numa sociedade moderna. O templo também precisa ser usado para outras atividades, senão, não poderemos manter esse ministério funcionando. É incabível sangue de cordeiro misturado com as mercadorias que temos de vender no templo, não é mesmo? É tudo uma questão de administração. E a multidão extasiada com tanta sabedoria dava glórias a Deus.

E o irmão, já sendo cercado pelos obreiros, ainda se atreve a fazer mais uma pergunta:

– Mas, se não estamos mais utilizando o sangue do cordeiro e nem nos arrependendo dos nossos pecados, isso não significa na Lei que estamos separados da Presença de Deus?

– Meu Deus, quanta ignorância! A Lei de Deus nos manda sacrificar o cordeiro e derramar o sangue no altar. Porém, quando um irmão vende o cordeiro que seria sacrificado e oferta o seu valor é a mesma coisa. Para esse irmão, ele sacrificou o seu cordeiro na obra. E ainda não nos indispomos com o mundo romano, pois, eles não gostam de ouvir sobre pecado e arrependimento, para eles cada um tem o direito de fazer o que quiser da sua vida. Vejam só, o próprio Pilatos tem uma pergunta que ele

sempre faz: o que é a verdade? Ele já me perguntou uma vez e eu disse, com base na Psicologia, que a verdade é a verdade de cada um em determinado instante. Ele me aplaudiu e mandou publicar no jornal. Falo isso para a glória de Deus, irmãos!

– Aleluia, aleluia, glória a Deus!

E essa poderosa reunião termina com a multidão eufórica. Contudo, o irmão corajoso volta para a casa com a cabeça confusa e o coração queimando por algo que ele nem sabe o que é. Ele sente uma necessidade de ouvir uma voz que clama no deserto. O sacerdote sai da reunião cheio de si:

– Viu como a igreja me aplaudiu? Hoje eu preguei muito.

Volta para o seu palácio, se assenta no trono e espera a próxima reunião.

O cenário acima é a vida da Igreja de Laodicéia. Ela diz: *sou rica e abastarda, de nada tenho falta*. Não é difícil ver esse cenário em algumas igrejas evangélicas de hoje. Muitos dos nossos líderes têm se esforçado em conseguir prestígio social e político. Negociam com candidatos os votos do rebanho na próxima eleição. Alguns até permitem que o culto ao Senhor seja interrompido para que o candidato faça a sua campanha. Alguns têm colocado sua unção e chamado recebidos do Senhor nos palanques de campanha política. Declaram apoio aberto a políticos que zombam do nome do Senhor e do Seu povo. A tristeza é ainda maior quando um sumo sacerdote reconhecido apoia um candidato e outro sumo sacerdote, igualmente reconhecido, apoia outro candidato. E ficam os dois sacerdotes trocando acusações nas mais diversas formas de mídia. Qualquer candidato que lhes oferecer mais privilégios receberá seu apoio e o apoio dos seus liderados. E o mundo fica zombando do povo de Deus: “Uai irmão, e hoje ainda existem os sumo sacerdotes?”. Desde que o véu do templo foi rasgado, quando o Senhor Jesus entregou a Sua Vida na cruz, não existe mais sumo sacerdote, a figura daquele que era o único que podia entrar na Presença de Deus, porém, alguns de nossos pastores têm dificuldade de aceitar esse fato. O fato de que qualquer crente pode e deve entrar na Presença de Deus. Agem

como se somente eles soubessem a vontade de Deus. Estão sempre dando entrevistas sobre os mais variados assuntos e se colocando como a voz do povo de Deus na Terra. Uma tragédia! O que eles não percebem é que, do mesmo jeito que o irmão corajoso saiu da nossa reunião fictícia, muitos irmão de carne o osso estão sendo levados pelo Espírito Santo a querer mais que explicações psicológicas sobre tudo. Eles querem de volta a Vida e o Poder, comuns ao Evangelho Verdadeiro. Oro para que você e eu sejamos um deles.

Dicas

1. Ore incansavelmente pela Igreja e seus líderes.
2. Saiba que o Senhor está no controle. Ele vai conduzi-lo até a voz que clama no deserto.

Capítulo 13

Uma Voz Começou a Clamar no Deserto

Enquanto a vida da Igreja de Laodicéia seguia seu curso em Jerusalém, algo muito estranho começou a acontecer. Nos arredores da cidade, lá no deserto, uma voz começou a clamar. E a voz era João. Não bastasse o incômodo que o clamor provocava nos ouvidos espiritualmente surdos dos líderes da época, ele ainda tinha de ser feito por alguém chamado João? Só isso já era uma afronta para os grandes líderes espirituais da época. O significado da forma hebraica do nome João é: “Deus é propício”, “Deus Mostrou Favor”, “Deus Foi Clemente” ou “Graça Divina”. Para os Judeus o significado dos nomes é coisa séria, ainda mais o significado do nome de um homem que o povo reconhecia como profeta. Essa palavra *profeta* sempre perseguiu e ainda persegue os líderes do povo de Deus. Hoje em dia não existe mais a função profética nas Igrejas, apesar de ser um dom mencionado no mesmo texto bíblico onde é mencionado o de pastor. O problema é que os pastores e mestres pensam que a função profética faz sombra sobre o pastorado diminuindo assim seu brilho diante do povo. Porém, a verdade é que Deus sempre usou Seus profetas para chamar a atenção dos reis e

sacerdotes de Israel. Isso não era nada bom aos olhos deles. Então, sempre que podiam, os reis e sacerdotes davam um jeito de se distanciarem dos profetas. Essa estratégia ainda continua sendo adotada e funcionando muito bem nos dias de hoje em nossas Igrejas. O fato é que a Bíblia diz que *"quando não há profeta o povo se corrompe"* (Provérbios 29.18). Talvez, por isso, a Igreja de Laodicéia seja tão Laodicéia. É bem verdade também que a maioria dos que se chamam de profetas não o são, e é verdade também que sempre houve muita confusão provocada pelos auto intitulados profetas. Contudo, esse fato não deveria ser suficiente para eliminarmos a função profética do nosso meio.

Enquanto isso João, alheio ao incômodo do sumo sacerdote, clamava:

"E, NAQUELES dias, apareceu João o Batista pregando no deserto da Judéia. E dizendo: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus. Porque este é o anunciado pelo profeta Isaías, que disse: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, Endireitai as suas veredas" (Mateus 3.1-3).

E, além de clamar uma coisa dessas, João ainda estava rompendo o acordo de paz entre a Igreja e o mundo romano. João repreendeu Herodes em público denunciando o adultério dele com a mulher do seu irmão. É sempre assim. O primeiro sinal de que o avivamento está chegando é quando pecado é pecado e pronto! O segundo sinal é o rompimento com o mundo. O avivamento sempre traz a revelação da Palavra que diz que a amizade com o mundo é inimizade contra Deus.

"Adúlteros e adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus" (Tiago 4.4).

Imagine os líderes políticos ligando para o sumo sacerdote para reclamar de João e ameaçando cortar seus privilégios financeiros, políticos e sociais caso eles não dessem um jeito de calar João. Que situação difícil a dos líderes da Igreja! Se eles fossem agressivos com João o povo da Igreja descobriria

seus acordos com os políticos e suas máscaras ministeriais cairiam, contudo, se eles não calassem João os políticos romperiam o acordo com eles e eles perderiam muitos privilégios.

Agora podemos entender melhor a turbulência que João estava causando no mundo gospel da época. Imagine o sumo sacerdote chegando para mais um culto na Igreja e percebendo que o templo está vazio. Ele chama um dos seus assessores e pergunta:

– Onde está o povo?

– Parece que o povo está no deserto, pastor.

– Como assim? Eles deixaram o ar condicionado e o piso de carpete do nosso maravilhoso templo e foram para o deserto?

– Parece que foi exatamente isso que aconteceu.

– Oh! Povo rebelde! O que eles foram fazer lá no deserto?

– Bem, parece que tem um profeta chamado "Deus é misericordioso" pregando lá no deserto.

– Como assim, "Deus é misericordioso"? Por acaso estamos em pecado para necessitarmos da misericórdia de Deus? O meu ministério é uma bênção! Estamos crescendo e sendo reconhecidos pelo mundo, não estamos?

– Sim, pastor! Estamos!

– E, então? Como pode aparecer um profeta com o nome, que também significa, "Deus Foi Clemente"?

– Não sei responder, pastor.

– Mas, eu sei! Isso só pode ser coisa do inimigo para tentar derrubar o meu ministério. O que esse profeta está pregando?

– Parece que é arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus.

– O que? Que afronta! Não disse que só podia ser coisa do inimigo?

– Como assim pastor?

– O propósito dele é difamar a minha igreja. Assim, o meu povo vai para a igreja dele.

– Bem, pode até ser pastor. Mas, pelo que sei, ele não está construindo um

ministério próprio. Na verdade sempre fala que após ele vem outro do qual não é digno nem de carregar as sandálias.

– O quê? E você acredita nisso? Ninguém ficaria no deserto para levantar o ministério de outro. Eu quero ver isso com meus próprios olhos. Vamos lá.

É até engraçado imaginar o sumo sacerdote, o mais famoso pastor da época, se arrumando para ir visitar o ministério desse tal de João Batista. O pastor vai ao armário e pega seu mais caro e luxuoso terno. Aquele que custou mais do que a maioria dos membros da sua igreja recebe por ano. Enquanto ele se vestia e se arrumava pensava consigo mesmo: "Quero ver esse João me enfrentar. Claro que quando eu chegar lá ele vai me reconhecer e me convidar para ocupar um lugar no altar e darei uma palavra no culto. Se eu encontrar algum crente da minha igreja lá vou colocar em disciplina."

E o pastor pega seu carrão e vai para a reunião na intenção de dar uma lição em João Batista. Porém, para surpresa dele, quando ele aponta na porta o Espírito Santo já dá as boas-vindas Dele.

"E, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus, que vinham ao seu batismo, dizia-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento. E não presumais, de vós mesmos, dizendo: Temos por pai a Abraão; porque eu vos digo que, mesmo destas pedras, Deus pode suscitar filhos a Abraão. E também agora está posto o machado à raiz das árvores; toda a árvore, pois, que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo" (Mateus 3.7-10).

E o sumo sacerdote se sente humilhado, fica revoltado com o atrevimento de João e retorna para a sua igreja para arquitetar seus planos para vencer o ministério concorrente do deserto. Chegando em casa ele chama novamente o seu assistente para uma conversa.

– Você viu que atrevimento daquele pastor sem educação? Mandou que eu me arrependesse. Nem me convidou para entra e assentar.

– Vi sim, pastor. Todos que estavam lá viram.

– Ah, meu Deus! Que vergonha! Você reparou como a reunião dele estava

cheia?

– Sim, parecia que toda Jerusalém e Judeia estavam lá ouvindo-o.

– É por isso que eu não aceito pastor que não estudou Teologia no Seminário. Como eles são ignorantes, conseguem falar mais no nível do povo que também é ignorante.

– É! Deve ser isso mesmo. E se o senhor procurasse aprender a linguagem dos ignorantes também?

– Será que ajudaria?

– Eu acho que sim.

– E você reparou nas vestes dele? Eram vestes de pelos de camelo. Uma vergonha um homem de Deus se vestir tão mal assim. É por isso que o mundo zomba dos crentes.

E por aí vai a conversa. Mas, vamos deixar as lamúrias dele de lado e olharmos para João Batista. Ele era a *voz do que clama no deserto*. Interessante voltarmos ao deserto, não é mesmo? Deus tirou Seu povo do Egito com braço forte e o conduziu ao deserto para Se revelar a eles. Como vimos, a multidão não quis. Agora um profeta, chamado "A Graça de Deus" está novamente no deserto clamando para que a Presença de Deus, que o povo recusou no deserto com Moisés, voltasse para Israel. Isso é preparar o caminho do Senhor! Perceba que o caminho pelo qual o Senhor caminha até nós é o arrependimento. O clamor arrependido. O clamor por perdão e pelo retorno da Presença Dele na Igreja. Todo avivamento na história da Igreja veio através desse caminho. Na história da Igreja toda vez que o povo saiu para o deserto e começou a clamar arrependido, o Senhor veio. Na verdade o Senhor sempre esteve ansioso para que preparássemos o caminho para Ele vir até nós. A prova disso é que Ele expressou esse desejo na Palavra.

"E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra" (2 Crônicas 7.14).

A despeito de todo incômodo que a pregação de João provocava na liderança da época, o que mais incomodava era, com certeza, o que ele fazia. João batizava. Eles sabiam o que significava a palavra batismo: a morte e o sepultamento da carne. Isso já era afronta demais para eles suportarem! A mensagem do Espírito Santo era: “Já que vocês pararam de sacrificar os cordeiros no templo para perdão dos seus pecados, o jeito agora é sacrificar e sepultar o próprio pecador no batismo”. Nosso Deus é simplesmente maravilhoso e todo poderoso.

As duas fases do Avivamento

O avivamento vem sempre em duas fases que se completam. No deserto, na primeira fase o povo de Moisés recusou. Então, o Senhor determinou que, na segunda fase, só os sacerdotes experimentassem Sua Presença no Tabernáculo. Na primeira fase o povo viu o Senhor de longe no monte. Porém, na segunda o encontro acontecia no Tabernáculo, que representava Cristo. Isso nos ensina que a segunda fase do avivamento acontece quando estamos no Tabernáculo, ou seja, em Cristo. Nessa situação, quem olha de fora não consegue diferenciar o Senhor dos Seus adoradores. Tudo que eles veem é o Tabernáculo como um todo. Deus e Seus filhos sendo apenas um. O Senhor Jesus orou ao Pai sobre isso:

“Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. E eu dei-lhes a glória que a mim me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que os tens amado a eles como me tens amado a mim” (João 17.21-23).

Aleluia!

Então, querido irmão, comecemos a preparar o caminho do Senhor com o nosso clamor arrependido. Pecado sempre foi e continuará sendo pecado.

Para a Laodicéia imersa na Babilônia tudo é aceitável. Porém, nosso Senhor não mudou, nós que mudamos. Arrependamos dos nossos pecados para que Ele venha até nós.

Dicas

1. Ore para que o Espírito Santo produza em seu coração arrependimento por ter vivido até hoje uma vida no Egito ou na Babilônia.
2. Ore para que a cada pecado que o Espírito Santo trouxer à sua mente, você reconheça seu erro e se humilhe diante de Deus.
3. Creia no Poder do Sangue do Cordeiro que nos purifica de todo pecado.
4. Tenha a certeza de que nenhum dos seus pecados pegou Deus de surpresa. Ele já sabia de todos os pecados que você cometeria quando o escolheu. Ele também sabia que você se arrependeria diante Dele algum dia.
5. Decida sair do Egito e da Babilônia definitivamente.

Capítulo 14

E Ele Veio

Certo dia estava João Batista fazendo tudo o que ele sabia fazer, que era clamar e batizar o povo. Já havia se passado algum tempo desde que ele começara a clamar, contudo, ele seguia firme no seu clamor. João não tinha recebido nenhum poder para curar os enfermos ou realizar milagres. Todo dia ele ouvia alguém comentando que, lá na Igreja de Jerusalém, todo ano, pelo menos um enfermo era curado no tanque Betesda e, no ministério dele ninguém jamais havia sido curado. Contudo, ele não ligava para essas críticas, simplesmente continuava clamando e batizando. É claro que de vez em quando ele, assim como você e eu, fraquejava na fé ao ouvir os convites da Laodicéia babilônica. Porém, ele logo se lembrava da Palavra de Deus na sua vida e voltava a clamar. Como vimos, somente a Palavra pode nos libertar da sedução babilônica. João Batista sabia muito bem disso. De repente, algo acontece. Ele chega. Aleluia!

"Então veio Jesus da Galileia ter com João, junto do Jordão, para ser batizado por ele" (Mateus 3.13).

Parecia que seria só mais uma reunião comum na Igreja, porém, essa foi totalmente diferente. De uma hora para outra, o avivamento pelo qual João

estava clamando chegou, personificado na pessoa de Jesus. João ao vê-Lo deve ter ficado atônito e sem voz. Quando ele conseguiu dizer alguma coisa, disse o que não devia:

"Mas, João opunhase-lhe, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim? Jesus, porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele o permitiu" (Mateus 3.14-15).

O que João estava dizendo era: Aleluia! Glória a Deus! Agora que o Senhor chegou, o Senhor é quem vai batizar, não é? E pode começar por mim. O Senhor Jesus é mesmo uma Pessoa maravilhosa! Ele sorriu e disse: *"Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça."*

O que o Senhor Jesus estava dizendo era: João, lembra que é você quem batiza com água para arrependimento? Essa é a primeira etapa do avivamento, arrependimento. Contudo João, você mesmo pregou que na segunda etapa é Comigo, lembra? Eu vou batizar com o Espírito Santo e com Fogo. É mesmo Senhor! Então, vamos em frente.

E começa o Avivamento

A manifestação de Deus é a principal marca do avivamento. E nesse caso não poderia ser diferente. Depois de quatrocentos anos de silêncio o Senhor falou e se manifestou na Igreja do deserto.

"E, sendo Jesus batizado, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele. E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo" (Mateus 3.16-17).

Pela primeira vez na vida, a Igreja no deserto viu o Espírito Santo e ouviu a voz de Deus. Imagina a glória no local! João ficou extasiado de felicidade! Finalmente, o avivamento chegara e trouxe consigo um rebuliço, ainda maior, ao já agitado mundo *gospel* de Jerusalém. De repente, os cegos viam, os

paralíticos andavam, os mortos ressuscitavam e toda sorte de enfermidade era curada. Maravilhas do avivamento! Na história da Igreja Evangélica, todo avivamento sempre tem sido assim. O impacto social foi tão grande que até os renegados sociais cobradores de impostos, leprosos, prostitutas e adúlteros foram incluídos e transformados pelo avivamento. Simplesmente não importava quem era a pessoa que se achegava na Igreja do deserto. O fato era que qualquer que se aproximava era transformado pela Presença de Deus. Até o injusto e explorador Zaqueu, que só queria dar uma espiadinha, foi tomado pela glória da Presença de Deus. Uma maravilha! Uma coisa é certa, se a vida dos líderes religiosos já estava difícil com João, agora com o Senhor Jesus a situação deles estava realmente ameaçada. A gota d'água deve ter sido quando o avivamento chegou ao tanque Betesda, que era o orgulho da igreja religiosa. No tanque havia uma multidão de doentes esperando que o anjo agitasse suas águas uma vez por ano.

"Ora, em Jerusalém há, próximo à Porta das Ovelhas, um tanque, chamado em hebreu Betesda, o qual tem cinco alpendres, nestes jazia grande multidão de enfermos, cegos, mancos e ressicados, esperando o movimento da água, porquanto um anjo descia em certo tempo ao tanque, e agitava a água; e o primeiro que ali descia, depois do movimento da água, sarava de qualquer enfermidade que tivesse. E estava ali um homem que, havia trinta e oito anos, se achava enfermo. E Jesus, vendo este deitado, e sabendo que estava neste estado havia muito tempo, disse-lhe: Queres ficar são? O enfermo respondeu-lhe: Senhor, não tenho homem algum que, quando a água é agitada, me ponha no tanque; mas, enquanto eu vou, desce outro antes de mim. Jesus disse-lhe: Levanta-te, toma o teu leito, e anda. Logo aquele homem ficou são; e tomou o seu leito, e andava. E aquele dia era sábado" (João 5.2-9)

Reparou como o avivamento age? O enfermo disse: "Senhor, não tenho homem algum que, quando a água é agitada, me ponha no tanque; mas, enquanto eu vou, desce outro antes de mim."

Ele não sabia que quando o avivamento chega à Igreja ninguém precisará de outra pessoa para entrar no tanque de Deus. Na verdade, o tanque nem existirá mais, e sim, rios de águas vivas fluindo para todos. No avivamento verdadeiro não há lugar para a atuação dos homens. Isso é algo que os líderes religiosos consideram inaceitável e terrível.

Até João Batista

Algo triste aconteceu com João: ele foi preso. Mas, se olharmos do ponto de vista do avivamento, nosso querido João tinha mesmo que sair de cena. O problema é que o povo começou a achar que João Batista era o responsável pelo avivamento. João vivia pregando: "Eu não sou o Cristo! Eu não sou o Cristo!" Contudo, infelizmente o povo teimava em não acreditar.

"E este é o testemunho de João, quando os judeus mandaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para que lhe perguntassem: Quem és tu? E confessou, e não negou; confessou: Eu não sou o Cristo" (João 1.19-20).

Nosso irmão João, diferente da maioria dos líderes evangélicos de hoje, sabia muito bem a quem pertence a glória e a honra.

"E pregava, dizendo: Após mim vem aquele que é mais forte do que eu, do qual não sou digno de, abaixando-me, desatar a correia das suas alparcas" (Marcos 1.7).

A única forma de convencer a multidão de que o pastor mais famoso de Jerusalém, João Batista, era apenas mais um servo do Senhor, era permitindo que ele fosse preso por Roma. João havia rompido com o acordo que a Igreja fizera, através do Sumo Sacerdote, com os políticos de Roma. Ele confrontou o pecado de Herodes. Quer saber se um pastor é voz do que clama no deserto? Simples, observe o relacionamento dele com os políticos de Roma. Se ele for como João não terá acordos secretos com o mundo. Nunca aceitará contratos, riqueza e privilégios mundanos em troca do engano do povo de Deus. João foi uma voz que clamou tanto no deserto e foi tão marcante na vida da Igreja que alguns, mesmo depois que ele morreu, achavam que o Senhor Jesus era João ressuscitado.

“E, chegando Jesus às partes de Cesareia de Filipe, interrogou os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem? E eles disseram: Uns, João o Batista; outros, Elias; e outros, Jeremias, ou um dos profetas” (Mateus 16.13-14).

João Batista marcou sua geração não porque construiu grandes templos ou fez grandes obras. Ele marcou a sua geração porque clamava no deserto. E ele, mesmo preso, queria ter certeza de que seu clamor havia sido respondido ou se deveria continuar clamando. João Batista, um intercessor que clamava com violência pela vinda do avivamento e do Reino de Deus.

“E João, ouvindo no cárcere falar dos feitos de Cristo, enviou dois dos seus discípulos, a dizer-lhe: És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide, e anunciai a João as coisas que ouvis e vedes: Os cegos veem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho. E bem-aventurado é aquele que não se escandalizar em mim” (Mateus 11.2-6)

O Senhor Jesus ama profundamente os intercessores. Talvez seja porque os intercessores fazem o que Ele e o Espírito Santo fazem pela Igreja.

“E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis” (Romanos 8.26).

“Quem é que condena? Pois é Cristo quem morreu, ou antes quem ressuscitou dentre os mortos, o qual está à direita de Deus, e também intercede por nós” (Romanos 8.34).

O próprio Senhor Jesus deu testemunho do impacto do clamor de João Batista. Ele disse que o Reino dos Céus é conquistado pela oração violenta.

“Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João o Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele. E, desde os dias de João o Batista até agora, se faz violência ao reino dos céus, e pela força se apoderam dele”

(Mateus 11.11-12).

O avivamento vem, não por causa dos diplomas dos nossos líderes ou, menos ainda, pela eloquência e capacidade deles. Também não vem por causa das nossas magníficas construções, emissoras de rádio e TV e nem por nenhum outro motivo, a não ser através do clamor violento no deserto, acompanhado do rompimento com o mundo.

Dicas

1. Ore para que o Espírito Santo o conduza ao deserto longe das práticas religiosas que todos praticam automaticamente em Laodicéia.
2. Quem está nos palácios babilônicos nunca estará sedento, pois sempre haverá o vinho da mesa de Nabucodonosor para enganar a verdadeira sede. Se você está sedento por Deus, parabéns! Certamente você já está no deserto.

   Basta começar a clamar como João.

Capítulo 15

O Avivamento com Fogo

Depois da prisão e morte de João, a multidão perdeu aquele que ela considerava seu pop star. A multidão o considerava o pastor da moda e gostava de se divertir nas reuniões na Igreja no deserto. Órfã de entretenimento, não encontrou outra solução a não ser ir atrás do Senhor Jesus.

"João era a candeia que ardia e alumiava, e vós quisestes alegrar-vos por um pouco de tempo com a sua luz" (João 5.35).

O que a multidão não esperava era que o Senhor Jesus trocaria a água do batismo de João pelo Fogo. Exatamente como João havia pregado durante tanto tempo, mas ela não havia prestado atenção na pregação.

"E eu, em verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu; cujas alparcas não sou digno de levar; ele vos batizará com o Espírito Santo, e com fogo. Em sua mão tem a pá, e limpará a sua eira, e recolherá no celeiro o seu trigo, e queimará a palha com fogo que nunca se apagará" (Mateus 3.11-12).

E o Senhor Jesus iniciou a limpeza da Sua eira assim que a multidão começou a segui-lo.

“E JESUS, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos” (Mateus 5.1-12).

Ele começou a pregar coisas como:

Felizes os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus. Felizes os que choram, porque eles serão consolados. Felizes os mansos, porque eles herdarão a terra. Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos. Felizes os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia. Felizes os limpos de coração, porque eles verão a Deus. Felizes os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus. Felizes os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Felizes sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós.

O quê? O Senhor está falando sério? Pensava a multidão consigo mesma. Feliz os pobres, os que choram, os mansos, os injustiçados, os perseguidos e injuriados? Ah, não!

O Senhor Jesus acabara de pregar tudo que a multidão, desde aquela que estava no deserto com Moisés e passando pela Babilônia com Daniel, mais detestava ouvir, a saber: a morte do ego e das necessidades carnais. “Mas, tem o lado bom”, continuava pensando a multidão, “Ele prega essas coisas duras e desagradáveis, porém, Ele também cura as nossas enfermidades, liberta nossos cativos e ainda multiplica o pão e o peixe para encher nossa barriga”. “Então”, raciocinava a multidão, “é só continuar seguindo-O e desfrutando de tudo que é bom, fingindo que não entendemos a pregação”. É a multidão sempre querendo ser mais esperta do que Deus. O que ela tinha esquecido é que Ele sonda as mentes e os corações e sabia qual era a intenção deles.

Um dia o Senhor chamou a multidão para uma conversa mais clara. A Bíblia intitula essa conversa de *o Senhor põe à prova os que queriam segui-*

Lo. E pôs mesmo! O capítulo 6 do evangelho segundo João, descreve essa conversa. Já vimos essa conversa no capítulo 5 Alimentavam do Cordeiro Pascoal. Porém, ela é tão importante e fundamental que quero enfatizá-la de novo. Não sei se você percebeu que o cativeiro do Império Romano foi uma mistura do cativeiro do Egito e da Babilônia. Quando a Igreja Santa do Senhor dá lugar ao mundo e à religiosidade, o resultado é o cativeiro político de Roma. Então, estamos lembrando que para sair do Egito temos de nos alimentar do Cordeiro. Na passagem bíblica, o Senhor havia acabado de multiplicar os pães e os peixes e saciado a multidão. E, como se não bastasse tanta fartura, ainda sobraram doze cestos cheios de pães e peixes. Isso despertou a "adoração" carnal na multidão e queriam proclamar o Senhor rei naquela hora. A multidão sempre acha que pode realizar a obra de Deus no lugar Dele. Contrariado com tanta carnalidade o texto diz que o Senhor Jesus se retirou de todos e foi ficar sozinho em algum lugar. Os discípulos entediados de esperá-Lo resolveram pegar o barco e atravessar o mar em direção a Cafarnaum. Quantos de nós, líderes, nos entediamos e perdemos a paciência de esperar o Senhor? Achamos que Ele está demorando demais e que a obra não pode ficar parada esperando uma Palavra Dele. Aí resolvemos pegar o barco por nossa conta e enfrentar o mar. Afinal, como os discípulos também pensaram, somos homens experientes no mar. Contudo, da mesma forma que sempre acontece com muitas Igrejas que se atreveram a enfrentar o mar sem a Presença Dele, o mar se levantou e eles, os experientes homens do mar, ficaram em pânico, totalmente desorientados na situação. Contudo, da mesma forma como tem acontecido sempre, o Senhor Jesus veio caminhando tranquilamente por sobre o mar. Imagina o temor que o mar demonstrou naquela hora! Afinal, diferentemente dos discípulos, o mar sabia que aquele que pisava sobre ele era o Senhor do Universo e de maneira nenhuma se atreveria a contrariá-Lo. Os discípulos viram, mas não acreditaram no que viram: *O Senhor andando sobre as águas?* Acharam que era um fantasma. Então, o texto diz que o Senhor gritou de longe se identificando para acalmá-

los e entrou no barco. E o mar se aquietou. Ao amanhecer, a multidão procurou-O atrás do café da manhã e, como não O encontraram, também atravessou o mar atrás Dele. Ao encontrá-Lo disseram: Mestre, quando chegaste aqui? (verso 25). O Senhor não suportou tamanha hipocrisia e disparou:

"Jesus respondeu-lhes, e disse: Na verdade, na verdade vos digo que me buscais, não pelos sinais que vistes, mas porque comestes do pão e vos saciastes. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque a este o Pai, Deus, o selou" (João 6.26-27).

O Senhor Jesus quis mostrar-lhes que o ministério Dele não se resumia a encher a barriga deles e saciar suas necessidades. Ele havia se manifestado para dar-lhes a Vida Eterna. E a multidão, atrevida como sempre, questionou o Senhor como ela também poderia realizar a obra de Deus.

"Disseram-lhe, pois: Que faremos para executarmos as obras de Deus? Jesus respondeu, e disse-lhes: A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que ele enviou" (João 6.28-29).

O Senhor deve ter frustrado muita gente com essa resposta. "Então, nada de multiplicar pão e peixe? Temos de crer Nele?". E a multidão, num instante de total insanidade, disse: *"Disseram-lhe, pois: Que sinal, pois, fazes tu, para que o vejamos, e creiamos em ti? Que operas tu? Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Deu-lhes a comer o pão do céu" (João 6.30-31).*

Irmãozinho querido, a multidão havia acabado de comer os pães e peixes na noite anterior. O que eles queriam era induzir o Senhor a repetir o milagre, porque estavam com fome de novo. "Que sinal fazes Tu para que creiamos em Ti?". Igual acontece hoje, nas reuniões de busca de prosperidade em nossas Igrejas: "Senhor faz isso porque eu creio. Senhor faz aquilo porque eu sou fiel" e, por aí vai. Parece que aprenderam essa afronta com o Diabo quando dizia no deserto: "Se és Filho de Deus faça isso e aquilo". A intenção

por trás das palavras é a mesma, inverter os papéis, colocando Deus como sendo o servo e o servo como deus. À vista dessa atrocidade religiosa o Senhor ainda corrigiu -os de novo, lembrando-os quem, de fato, havia sustentado Moisés e todo Israel no deserto:

"Disse-lhes, pois, Jesus: Na verdade, na verdade vos digo: Moisés não vos deu o pão do céu; mas meu Pai vos dá o verdadeiro pão do céu. Porque o pão de Deus é aquele que desce do céu e dá vida ao mundo" (João 6.32-33).

E a multidão carnal pensou: "Bem, não importa se foi Moisés ou Deus que alimentou nossos pais no deserto. O que importa é que eles foram saciados", então, pediram que o Senhor lhes desse do mesmo pão. Pensavam que suas barrigas nunca mais se esvaziariam:

"Disseram-lhe, pois: SENHOR, dá-nos sempre desse pão" (João 6.34).

Diante de tamanha cegueira espiritual o Senhor confrontou a fome deles:

"E Jesus lhes disse: Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede. Mas já vos disse que também vós me vistes, e contudo não credes. Todo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora" (João 6.35-37).

O que o Senhor estava dizendo era que Ele era o Pão que eles tanto necessitavam. E que, se eles tivessem vindo encontrar com esse Pão, não teriam fome e nem sede. Contudo, se não vieram era porque o Pai não lhes havia revelado. Essas palavras seriam suficientes para ter feito qualquer crente cair de joelhos arrependido diante Dele. Porém, não a multidão. Veja o que disseram:

"Murmuravam, pois, dele os judeus, porque dissera: Eu sou o pão que desceu do céu. E diziam: Não é este Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe nós conhecemos? Como, pois, diz ele: Desci do céu?" (João 6.41-42).

Ainda conseguiram murmurar e repreender o Senhor, mas Jesus continuou na tentativa de ensinar a multidão a realidade do Evangelho: *"Respondeu, pois, Jesus, e disse-lhes: Não murmureis entre vós. Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia. Está*

escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus. Portanto, todo aquele que do Pai ouviu e aprendeu vem a mim" (João 6.43-45).

E a multidão brava deve ter pensado: "Não bastasse Ele se recusar a encher nossa barriga de novo, ainda vem novamente com essa conversa de que devemos morrer e ressuscitar com Ele. Isso é demais!". E a pregação continuou:

"Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu der é a minha carne, que eu darei pela vida do mundo" (João 6.48-51).

Nesse momento a multidão deve ter esbravejado: "Nós queremos pão! Queremos que nossas necessidades carnais sejam supridas! Por isso viemos atrás de você. Se você quer morrer, que morra sozinho! Não venha nos sugerir comer da sua carne para que morramos também. Nós não queremos que a nossa carne morra!".

"Disputavam, pois, os judeus entre si, dizendo: Como nos pode dar este a sua carne a comer?" (João 6.52).

Podemos traduzir como: "Que absurdo! Que afronta!", dizia a multidão com fome carnal. E o Senhor Jesus, conhecendo os sentimentos da multidão, encerra a pregação:

"Jesus, pois, lhes disse: Na verdade, na verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele" (João 6.53-56)

Nesse ponto, imagino a multidão voltando pra casa dizendo: "A gente sai de casa e vem à Igreja para ouvir uma Palavra de incentivo. Algo que nos

faça sentirmos melhor e olha o que a gente ouve. Por isso, que eu não volto mais nessa Igreja! Vou procurar outra que atenda às minhas necessidades carnais".

A pregação do Pastor Jesus foi tão dura que até os obreiros da Igreja pensaram em procurar outra Igreja.

"Muitos, pois, dos seus discípulos, ouvindo isto, disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir? Sabendo, pois, Jesus em si mesmo que os seus discípulos murmuravam disto, disse-lhes: Isto escandaliza-vos?" (João 6.60-61) E o Senhor disse algo duríssimo aos Seus discípulos.

Uma Palavra que definitivamente distingue quem é discípulo e quem é multidão: *"Que seria, pois, se vísseis subir o Filho do homem para onde primeiro estava? O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida" (João 6.62-63).*

O resultado não poderia ser melhor. Os discípulos foram separados da multidão e entenderam o verdadeiro significado do Evangelho. Eles acabavam de escolher entrar pela porta do batismo com fogo. E o fogo, o próprio Espírito Santo iniciava os preparativos para Se encontrar com eles em Jerusalém. Eles nunca mais seriam os mesmos.

"Desde então muitos dos seus discípulos tornaram para trás, e já não andavam com ele. Então disse Jesus aos doze: Quereis vós também retirar-vos? Respondeu-lhe, pois, Simão Pedro: Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. E nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivente" (João 6.66-69).

Oro para que o Pai nos dê a revelação que deu aos discípulos e que também esteja marcado na agenda Dele um encontro radical nosso com o Espírito Santo.

Dicas

1. Ore para que o Espírito Santo o "pegue de jeito", irmão, pois sem Ele nada

conseguiremos realizar para o Pai.

2. Peça ao Senhor que te ensine a comer da carne Dele e beber do Seu sangue.
3. Esteja pronto para caminhar isolado pela multidão.

Capítulo 16

Os Inimigos do Avivamento

Após a saída da multidão, à partir do capítulo 7 do evangelho de João, o Senhor Jesus teve de enfrentar os líderes religiosos da época.

"E DEPOIS disto Jesus andava pela Galileia, e já não queria andar pela Judéia, pois os judeus procuravam matá-lo" (João 7.1).

Eles tentaram fazer o Senhor cair nas suas armadilhas teológicas a respeito do sábado, do adultério e de todos os assuntos que puderam pensar. É sempre assim! No auge do avivamento quando o Senhor está curando os cegos, aleijados e toda sorte de enfermidade, sempre aparecem os teólogos com suas letras mortas questionando a fé daqueles que creem. Eles não conseguem aceitar a ideia de não mais poderem controlar a vida do povo. Nessa situação de avivamento, a Presença do Senhor enche o povo de esperança que, por sua vez, passa a não se importar mais com as algemas teológicas tradicionais. Um exemplo foi o cego de nascença que o Senhor curou:

"E, PASSANDO Jesus, viu um homem cego de nascença. Tendo dito isto, cuspiu na terra, e com a saliva fez lodo, e untou com o lodo os olhos do cego. E disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que significa o Enviado). Foi, pois, e lavou-se, e voltou vendo. Então os vizinhos, e aqueles que dantes

tinham visto que era cego, diziam: Não é este aquele que estava assentado e mendigava? Uns diziam: É este. E outros: Parece-se com ele. Ele dizia: Sou eu. Diziam-lhe, pois: Como se te abriram os olhos? Ele respondeu, e disse: O homem, chamado Jesus, fez lodo, e untou-me os olhos, e disse-me: Vai ao tanque de Siloé, e lava-te. Então fui, e lavei-me, e vi. Disseram-lhe, pois: Onde está ele? Respondeu: Não sei. Levaram, pois, aos fariseus o que dantes era cego. E era sábado quando Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos. Tornaram, pois, também os fariseus a perguntar-lhe como vira, e ele lhes disse: Pôs-me lodo sobre os olhos, lavei-me, e vejo. Então, alguns dos fariseus diziam: Este homem não é de Deus, pois não guarda o sábado. Diziam outros: Como pode um homem pecador fazer tais sinais? E havia dissensão entre eles. Tornaram, pois, a dizer ao cego: Tu, que dizes daquele que te abriu os olhos? E ele respondeu: Que é profeta. Chamaram, pois, pela segunda vez o homem que tinha sido cego, e disseram-lhe: Dá glória a Deus; nós sabemos que esse homem é pecador. Respondeu ele pois, e disse: Se é pecador, não sei; uma coisa sei, é que, havendo eu sido cego, agora vejo. E tornaram a dizer-lhe: Que te fez ele? Como te abriu os olhos? Respondeu-lhes: Já vo-lo disse, e não ouvistes; para que o quereis tornar a ouvir? Quereis vós porventura fazer-vos também seus discípulos? Então o injuriaram, e disseram: Discípulo dele sejas tu; nós, porém, somos discípulos de Moisés. Nós bem sabemos que Deus falou a Moisés, mas este não sabemos de onde é. O homem respondeu, e disse-lhes: Nisto, pois, está a maravilha, que vós não saibais de onde ele é, e contudo me abrisse os olhos. Ora, nós sabemos que Deus não ouve a pecadores; mas, se alguém é temente a Deus, e faz a sua vontade, a esse ouve. Desde o princípio do mundo nunca se ouviu que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença. Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer. Responderam eles, e disseram-lhe: Tu és nascido todo em pecados, e nos ensinas a nós? E expulsaram-no" (João 9.1-35).

O texto termina com o crente sendo expulso da Igreja. Essa triste história continua acontecendo muito hoje em dia. O irmão contestou os argumentos

teológicos dos líderes religiosos e isso bastou para que fosse expulso. Essa é a visão dos líderes religiosos. Quem se atreve a contestar as ideias malucas deles corre sério risco de ser expulso. Eles se colocam acima da Palavra de Deus, afinal, são tão ungidos que nem precisam se submeter à Bíblia. Geralmente eles se colocam como juízes de todas as causas, afirmando o que é e o que não é pecado. Julgando todos os irmãos da Igreja. A questão maravilhosa é que o Senhor Jesus acolheu o crente expulso. Glória ao Senhor!

"Jesus ouviu que o tinham expulsado e, encontrando-o, disse-lhe: Crês tu no Filho de Deus? Ele respondeu, e disse: Quem é ele, Senhor, para que nele creia? E Jesus lhe disse: Tu já o tens visto, e é aquele que fala contigo. Ele disse: Creio, Senhor. E o adorou" (João 9.35-38).

O fato é que havia em Jerusalém os mesmos dois evangelhos que temos hoje em dia nas Igrejas. De um lado os Fariseus, cheios de hipocrisia, defendendo a sua religiosidade, posição social e os acordos com Roma; do outro lado o Senhor Jesus pregando o Evangelho da cruz.

"Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo que eu sou a porta das ovelhas" (João 10.7).

Todos em Jerusalém sabiam o que a Porta das Ovelhas significava. Era a porta por onde entravam as ovelhas para serem purificadas para o sacrifício. O Senhor Jesus estava repetindo o que sempre disse:

"E chamando a si a multidão, com os seus discípulos, disse-lhes: Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me" (Marcos 8.34).

Observe que o texto diz que o Senhor chamou a Si a multidão e os discípulos. O fato é que o Senhor faz separação entre a multidão e os discípulos. A diferença entre a multidão e os discípulos era o tomar a cruz:

"E qualquer que não levar a sua cruz, e não vier após mim, não pode ser meu discípulo" (Lucas 14.27).

O fato é que sem a cruz não pode haver discípulos. Há sim, muitos

seguidores, frequentadores de Igrejas e simpatizantes do Evangelho. Porém, são discípulos os que crucificaram a carne, ou seja, o ego, orgulho, soberba, posição social, fama e todas as outras futilidades da alma humana. Hoje em dia não ouvimos mais esse Evangelho. A mesma multidão que não gostava naquele tempo continua não gostando hoje. Ela continua seguindo o Senhor por causa das bênçãos que Ele reparte a todos. É mais fácil ouvirmos coisas como: "Deus vai te honrar! Deus vai te levantar! Deus vai te exaltar!". Quando a verdade é que Deus vai crucificar você! Você vai morrer para seus delitos e pecados. O Evangelho sem a cruz torna-se carnal e superficial. Quase igual a uma religião. A pergunta que pode surgir no seu coração é: Por que eu deveria tomar a minha cruz e me tornar discípulo? Bem, a resposta para essa pergunta escreveria outro livro. Porém, como estamos tratando de avivamento, podemos dizer que a cruz mantém o avivamento em nosso meio. Uma Igreja que prega a cruz de Cristo será avivada. Lembre-se de que o avivamento em Jerusalém era a própria Presença do Senhor Jesus. Assim como o avivamento de Moisés no deserto era a Presença do Pai. Sabe qual o local onde somos unidos definitivamente com o Senhor Jesus? Na cruz. Isso mesmo, na cruz.

"Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição. Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado. Porque aquele que está morto está justificado do pecado. Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos" (Romanos 6.3-8).

Se quisermos permanecer Nele e sermos um com Ele, o único caminho é tomar, cada um de nós, a nossa cruz e segui-Lo. A multidão O segue, é

verdade, porém, sem a cruz. Outra justificativa para nos tornarmos discípulos é que o Senhor disse que o discípulo seria como Ele. Na verdade, a palavra discípulo significa aquele que faz as mesmas coisas que seu mestre.

"O discípulo não é superior a seu mestre, mas todo o que for perfeito será como o seu mestre" (Lucas 6.40).

Um dos maiores equívocos da Igreja evangélica de hoje é considerar que multidão significa avivamento. Certamente que um genuíno avivamento resultará numa multidão. Contudo, nem toda multidão é avivamento, pois este ocorre quando o crente decide tomar a sua cruz e declarar a morte da sua carne. A própria palavra avivamento significa dar vida ao que passou pela morte. O Espírito Santo, que avivou o Senhor no túmulo, está esperando que morramos definitivamente para que Ele possa nos avivar também. Queremos o avivamento, mas não queremos passar pela cruz. Só há ressurreição quando antes houve morte. A multidão não entende que a nossa glória está na cruz.

"Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gálatas 6.14).

A cruz nos une definitivamente e eternamente ao Senhor Jesus. Ela nos separa completamente do mundo. Uma vez crucificado, não existe nada que o inimigo possa arquitetar ou realizar contra nós. Na cruz estamos ocultos em Cristo e a nossa Vitória sobre o inimigo, o mundo e a carne é completa. Aleluia!!!

"Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim" (Gálatas 2.20).

Algo que é interessante perceber é que a cruz é um local onde só cabe uma pessoa. Não tem como crucificar várias pessoas na mesma cruz. Talvez seja por isso que o Senhor disse que cada um de nós deveria tomar a sua própria cruz. Isso é muito bom, pois torna a cruz uma decisão pessoal e individual. Podemos escolher a cruz mesmo quando todos rejeitarem. Então, o

avivamento também é uma escolha pessoal.

Dicas

1. Ore para que o Senhor revele a você a glória da cruz.
2. Peça ao Espírito Santo que o conduza à cruz.
3. Leia bons livros e estude sobre a nossa crucificação juntamente com Ele, disso depende a vitória de cada um de nós.

Capítulo 17

O Falso Avivamento da Multidão

Naqueles dias, houve em Jerusalém o maior culto de avivamento da história da cidade. Se fosse aos dias de hoje seria chamado de o maior show gospel de todos os tempos. A multidão que havia ido embora com a pregação do Senhor Jesus estava toda de volta e eufórica. A multidão gosta de alvoroços, grandes eventos, luzes, telões e tudo mais que emociona a carne. O grande evento a que nos referimos foi a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém.

"Trouxeram a jumenta e o jumentinho, e sobre eles puseram as suas vestes, e fizeram-no assentar em cima. E muitíssima gente estendia as suas vestes pelo caminho, e outros cortavam ramos de árvores, e os espalhavam pelo caminho. E a multidão que ia adiante, e a que seguia, clamava, dizendo: Hosana ao Filho de Davi; bendito o que vem em nome do Senhor. Hosana nas alturas! E, entrando ele em Jerusalém, toda a cidade se alvoroçou, dizendo: Quem é este? E a multidão dizia: Este é Jesus, o profeta de Nazaré da Galileia" (Mateus 21.7-11).

A pergunta que surge é: Qual seria a expectativa do Senhor Jesus com esse evento? Por que Ele entrou em Jerusalém desse jeito? Bem, o próprio texto

nos responde: *“Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta, que diz: Dizei à filha de Sião: Eis que o teu Rei aí te vem, Manso, e assentado sobre uma jumenta, E sobre um jumentinho, filho de animal de carga” (Mateus 21.4-5).*

Repare no verso quatro “Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta”. Provavelmente, se o Senhor Jesus pudesse escolher, Ele nem ia querer realizar essa entrada triunfal. Porém, Ele fez para obedecer a Palavra de Deus. Eis a diferença entre um ungido de verdade e um pop star. O ungido faz o que faz em cumprimento à Palavra de Deus, em obediência a Ele. O *pop star* faz o que faz porque é sua fonte de lucro. Naquele instante muitos na multidão devem ter falado: “Finalmente Jesus esqueceu aquele negócio de Evangelho da cruz e resolveu entrar na onda gospel de Jerusalém. Finalmente Ele deve ter percebido a sua importância no cenário religioso de Jerusalém e veio ocupar o seu espaço aqui”. E o texto diz que a multidão cortava ramos de árvores e os colocava pelo caminho. Outros estendiam as próprias vestes na estrada para que Jesus passasse sobre elas. Puxa! Que avivamento! A multidão ia gritando hosana nas alturas e glória a Deus! Pulavam e dançavam ao som dos gritos. Fossem os dias de hoje certamente alguns pediriam autógrafos, outros pediriam para tirar fotos com Jesus. Afinal, para eles, Jesus era o maior astro gospel do momento. Alguém que olhasse de fora, algum estrangeiro passando por Jerusalém nesse momento, diria que a cidade havia se rendido ao Senhor. O fato constrangedor é que o Senhor estragou o grande evento gospel. Ele chorou ao ver Jerusalém, a Igreja daquele tempo.

“E, quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela” (Lucas 19.41).

Muitos quando O viram chorar devem ter pensado que Ele estava emocionado com o evento e, enfim, iria agradecer à multidão tamanha homenagem recebida. Eles não tinham a menor ideia de que ali estava o Ungido. Ele falava e agia somente pelo Espírito Santo. Alguém que não

procurava a sua própria glória, mas sim a glória daquele que o enviara, a glória do Pai. E quando passaram o microfone para o Senhor esperando palavras de agradecimento, o que foi que ouviram?

"Dizendo: Ah! Se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas agora isto está encoberto aos teus olhos. Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todos os lados. E te derrubarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conheceste o tempo da tua visitação" (Lucas 19.42-44).

Nessa hora os líderes religiosos de Jerusalém devem ter caído das suas cadeiras. Além de não agradecer a homenagem Ele ainda entrega uma pregação duríssima, talvez a mais dura pregada até aquele momento. Uma pregação tão dura que fez a de João Batista parecer canção de ninar. E antes que eles pudessem se recuperar do impacto da pregação, o Senhor materializou a pregação numa ação radical.

"E, entrando no templo, começou a expulsar todos os que nele vendiam e compravam, dizendo-lhes: Está escrito: A minha casa é casa de oração; mas vós fizestes dela covil de salteadores" (Lucas 19.45-46).

Estava o pessoal vendendo de tudo na Igreja e o Senhor não gostou dessa atitude. Derrubou as mercadorias e o dinheiro no chão e lembrou-os de que a Igreja Dele não é lugar de comércio e, sim de oração. Já pensou se o Senhor entrasse na maioria das igrejas evangélicas de hoje? Nelas se vende de tudo. O povo evangélico é o maior consumidor de CD e DVD no Brasil. Ao ponto de atrair grandes gravadoras seculares. Elas têm oferecido contratos milionários aos príncipes do povo, cantores e pregadores. E esses príncipes têm mantido o povo de Deus clientes fiéis dessas empresas. O mesmo estúdio onde são gravadas músicas seculares que zombam do nome de Deus, também está sendo usado pelos levitas santos do Senhor para gravar o que eles chamam de adoração, e realmente é adoração, contudo, só não podemos nos esquecer de que o altar que santifica a oferta é maior do que a oferta.

“Insensatos e cegos! Pois qual é maior: a oferta, ou o altar, que santifica a oferta?” (Mateus 23.19).

E o milagre aconteceu

Depois que o Senhor Jesus expôs o falso avivamento e ajustou as coisas na Igreja, um milagre maravilhoso aconteceu, a multidão passou a ouvi-Lo. Esse é um dos maiores milagres de todo avivamento verdadeiro: o povo volta para a Palavra de Deus e abandona a religiosidade babilônica. Fora da babilônia a Igreja fica sedenta pela Palavra. Nada na Igreja substitui mais a pregação da Palavra. E a Palavra faz o que lhe é peculiar: vivifica, limpa e restaura os corações. A fé, que também vem pela Palavra, cresce na Igreja e os milagres começam a acontecer todos os dias.

“E todos os dias ensinava no templo; mas os principais dos sacerdotes, e os escribas, e os principais do povo procuravam matá-lo. E não achavam meio de o fazer, porque todo o povo pendia para ele, escutando-o” (Lucas 19.47-48).

Observe que enquanto a Igreja está envolvida com o verdadeiro avivamento, sempre tem alguém querendo matá-lo. No verdadeiro avivamento não existe pop stars, celebridades e os irmãos famosos. Todos são vistos como iguais. Tal situação causa muito prejuízo àqueles que lucram com a religiosidade na Igreja. É muito difícil para eles abandonarem suas posições de celebridades. Eles amam a glória dos palácios babilônicos e lutam para que essa glória esteja no meio da Igreja do Senhor. Era o que os líderes que queriam matar o Senhor Jesus estavam sofrendo ao ver os olhos da multidão sendo abertos pela Palavra de Deus. O Senhor que já havia lembrado a multidão sobre comer a carne do Cordeiro para se livrar do Egito, agora estava lembrando-a da Palavra que a livra da religiosidade babilônica. A estratégia que os líderes religiosos encontraram foi contestar os ensinos do Senhor Jesus.

“E ACONTECEU num daqueles dias que, estando ele ensinando o povo no templo, e anunciando o evangelho, sobrevieram os principais dos sacerdotes e os escribas com os anciãos, e falaram-lhe, dizendo: Dize-nos, com que autoridade fazes estas coisas? Ou, quem é que te deu esta autoridade?” (Lucas 20.1-2).

Eles queriam que o Senhor mostrasse seus diplomas de faculdade ou sua credencial de pastor conseguida no seminário; queriam intimidar o Senhor, fazê-Lo sentir-se inferior por não possuir tais coisas. Porém, para a surpresa deles, o Senhor não tinha diplomas, não tinha carteira de pastor, mas tinha a unção poderosa do Espírito Santo. E o Senhor respondeu-os com uma revelação que só o Espírito Santo poderia explicar. É sempre assim! Na história dos verdadeiros avivamentos não encontramos *pop stars*, encontramos servos simples que se voltaram de coração ao Senhor. E encontramos também os religiosos que perderam seus privilégios e lucros e fizeram de tudo para matar o avivamento e substituí-lo por outro falso com várias programações, luzes, shows e luxos, contudo, sem a unção do Espírito Santo. Essa luta entre o verdadeiro e o falso sempre esteve e sempre estará presente na vida de todo servo do Senhor, Ele permite que o falso exista para que todos tenham a possibilidade de escolher a qual querem seguir. Oro para que você e eu escolhamos sempre o caminho da Porta Estreita, o caminho da cruz. É maravilhoso percebermos que o mesmo Jesus Cordeiro que nos livra do Egito, é também o Verbo, a Palavra, que no liberta da Babilônia. A cruz nos liberta do cativeiro romano porque nela somos unidos com Ele e nos alimentamos, ao mesmo tempo, do Cordeiro e da Palavra. Sabemos que o cativeiro romano nada mais é do que uma consequência dos dois anteriores, portanto, estando livres do Egito e da Babilônia estaremos livres também do cativeiro político romano.

Dicas

1. Ore para que o Espírito Santo lhe conceda discernimento espiritual.
2. Não aceite na sua vida nada que não seja a cruz de Cristo.

Capítulo 18

A Hora da Escolha

Desde que o Senhor criou o homem Ele sempre fez questão de deixá-lo livre para escolher entre o bem ou o mal. No Jardim do Éden, mesmo antes do primeiro pecado, o homem podia escolher, a cada dia, de qual árvore se alimentaria. Como sabemos, o homem podia comer de todas as árvores, exceto da árvore do conhecimento do bem e do mal. O fato é que se o homem escolhesse se alimentar das árvores permitidas, ele não se transformaria em nada, continuaria de acordo com o propósito original e perfeito de Deus. O prêmio pela escolha certa ocorria na viração do dia quando o Senhor pessoalmente se encontrava com Adão e sua esposa. A glória do Senhor nesse encontro transformava-os a cada dia. Antes mesmo de o homem pecar, sua grande e única necessidade sempre foi a glória de Deus. O problema do homem é que ele nunca reconheceu esse fato. Adão pensou que o jardim era a sua riqueza. Eva, não contente com tal riqueza, quis também ser igual a Deus. Ela quis ser glorificada como só Deus pode ser, quis ter glória própria. Eles não entenderam que a riqueza deles era o Senhor. Eles experimentavam no jardim uma intimidade com Ele que poucos anjos no céu experimentavam. E o mais incrível era que a glória do Senhor estava transformando-os à própria

imagem Dele.

"Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor" (2 Coríntios 3.18).

O povo pensou que a sua riqueza era a terra que manava leite e mel. Quando a verdadeira riqueza deles desceu no monte, aos olhos de todos, temeram-no e escolheram colocar Moisés no lugar da glória de Deus. A multidão de Israel, não percebeu que a riqueza deles era Aquele que fazia a terra manar leite e mel. Novamente a multidão escolheu o falso avivamento, escolheu viver desfrutando somente das bênçãos do Senhor, do seu jardim, ao invés de mergulharem na glória Dele e serem transformados à Sua imagem. A maioria dos príncipes de Israel achava que a riqueza deles era o favor do rei da Babilônia. Pensavam que o luxo, fama e privilégios que desfrutavam nos palácios da Babilônia eram bênçãos do Senhor. Não entenderam que, apesar da aparência de prosperidade e riqueza, eles estavam cativos numa terra pagã. Daniel e seus amigos escolheram a glória do Senhor. Eles se abstiveram dos costumes e rituais babilônicos e se puseram a buscar a face do Senhor. O resultado dessa escolha, como se vê no livro de Daniel, foi que eles tiveram experiências fantásticas com o Senhor. Certamente as experiências vividas por esses jovens na Babilônia estão entre as mais grandiosas relatadas na Bíblia. O Senhor aparecia com tanta glória para Daniel que o corpo de Daniel não suportava. Quando o Senhor Jesus disse que o Pai não dá o Espírito Santo por medida, não estava exagerando. A alegria que o Senhor tinha, ao ver Daniel e seus amigos buscando-O, era tão grande que, aos nossos olhos humanos, parece que Ele exagerava na dose de glória que transmitia a Daniel. O poder da escolha, esse é o poder que todo ser humano tem. Alguns já comentaram: "por que o Senhor deixou a árvore do conhecimento do bem e do mal no jardim? Por que Ele permitiu que a multidão voltasse as costas pra Ele no deserto? E por que Ele permitiu que quase todos os ungidos de Israel se curvassem diante da estátua na Babilônia?

Ele não poderia intervir?”. Claro que sim! Então, por que Ele não o fez? Teria poupado muito sofrimento, principalmente para Ele mesmo. A resposta está em que o Senhor escolheu ser Senhor e Pai de homens livres. E a definição de liberdade é o direito de escolher. O Senhor, mesmo sendo Todo Poderoso, Soberano e Glorioso não impõe a Sua vontade sobre Seu povo. Isso seria tirania. Ele, definitivamente, não é tirano. Ele é Amor. Quem ama liberta. Ele sempre quis que aqueles que O seguissem o fizessem por amor a Ele.

“Agora, pois, ó Israel, que é que o SENHOR teu Deus pede de ti, senão que temas o SENHOR teu Deus, que andes em todos os seus caminhos, e o ames, e sirvas ao SENHOR teu Deus com todo o teu coração e com toda a tua alma” (Deuteronômio 10.12).

O texto deixa claro que o Senhor espera de nós: amor. No Evangelho de João o Senhor Jesus reforçou esse desejo do Pai e afirmou que todo aquele que amar o Pai verá a manifestação da Sua Glória. Aleluia!

“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele” (João 14.21).

Mais tarde o apóstolo Paulo, na sua primeira carta aos Coríntios, no capítulo 13, reforçou que todo sacrifício que fizermos para o Senhor, se não for motivado pelo nosso amor por Ele, de nada valerá. Paulo diz ainda que mesmo se tivermos todos os dons espirituais e conhecermos todos os mistérios e não fizermos uso deles pelo nosso amor ao Senhor, de nada valerá. Essa é a causa porque o Senhor espera que saiamos dos nossos cativeiros antes de derramar sobre nós Seu avivamento, a Sua glória. A glória do Senhor é para aqueles que a escolheram. Para aqueles que fizeram uso da sua liberdade de escolher e, assim como Daniel, escolheram a glória Dele ante a glória desse mundo. A multidão que protagonizou toda aquela festa na entrada do Senhor em Jerusalém, que organizou aquele grande evento gospel na cidade e que parou Jerusalém com sua manifestação, essa mesma multidão, na hora de escolher, escolheu Barrabás.

"Ora, por ocasião da festa, costumava o presidente soltar um preso, escolhendo o povo aquele que quisesse. E tinham então um preso bem conhecido, chamado Barrabás. Portanto, estando eles reunidos, disse-lhes Pilatos: Qual quereis que vos solte? Barrabás, ou Jesus, chamado Cristo? Porque sabia que por inveja o haviam entregado. E, estando ele assentado no tribunal, sua mulher mandou-lhe dizer: Não entres na questão desse justo, porque num sonho muito sofri por causa dele. Mas os príncipes dos sacerdotes e os anciãos persuadiram à multidão que pedisse Barrabás e matasse Jesus. E, respondendo o presidente, disse-lhes: Qual desses dois quereis vós que eu solte? E eles disseram: Barrabás" (Mateus 27.15-2).

Até Pilatos percebeu que os líderes queriam matar o verdadeiro avivamento por causa da inveja que sentiam de Jesus. Os líderes do mundo ainda hoje percebem as divisões, facções e invejas existentes entre os líderes evangélicos e sempre procuram tirar proveito para seus partidos, empresas e negócios. O que estava posto à escolha diante da multidão era os dois caminhos que estão postos à nossa escolha hoje: o caminho da cruz ou o da religião. Como sabemos, a multidão escolheu Barrabás. Barrabás representa o herói *gospel* da multidão. Ele achava que tinha o ministério de libertar o povo do domínio de Roma. Porém, usava as armas do mundo para realizar seu ministério. Hoje é mais ou menos assim também. A multidão pula, grita, dança e glorifica a Deus nos eventos, porém, no dia a dia, na hora de escolher o caminho a seguir, escolhem Barrabás. Afinal, Barrabás se livrou da cruz e nós vivemos a vida toda na Igreja fugindo da cruz também. A questão é que não existe outro caminho para a glória de Deus e o avivamento verdadeiro além da cruz. A cruz é loucura para alguns e escândalo para outros, mas para nós ela é o Poder de Deus.

"Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos." (1 Corín-tios1.23).

No meio daquela multidão que clamava por Barrabás, havia um grupo formado pelos discípulos, que clamava por Jesus. Na verdade, eles já sabiam

que o caminho natural de todo discípulo do Mestre era a cruz.

"E qualquer que não levar a sua cruz, e não vier após mim, não pode ser meu discípulo" (Lucas 14.27).

Assim como acontece nos dias de hoje, a voz dos que clamavam pelo Evangelho da cruz foi superada pela voz dos que preferem o Evangelho sem a cruz e Barrabás foi solto. Festejado pela multidão, ele foi com os principais sacerdotes comemorar com mais alguma programação especial na Igreja de Jerusalém e o Senhor foi para o Gólgota ser crucificado e seus discípulos foram com Ele. Talvez, quando dizemos que os discípulos foram com Ele você esteja pensando somente na cena que a Bíblia descreve, onde João está aos pés da cruz com Maria. Eles estavam tão próximos que o Senhor Jesus conversou com eles. É verdade! Eles estavam com o Senhor e bem próximos da cruz. Porém, não era o suficiente. O propósito Dele é que estejamos crucificados juntamente com Ele.

"Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado. Porque aquele que está morto está justificado do pecado. Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos" (Romanos 6.6-8).

O texto nos diz claramente que fomos crucificados com Ele. Isso é um fato! A questão é se aceitamos ou não esse fato. É como no caso dos dois ladrões que estavam crucificados juntos com Jesus. Um deles blasfemava e pedia para que o Senhor os salvasse da cruz. Ele queria que o Senhor pregasse o evangelho de Barrabás naquela hora. O outro, contudo, arrependido dos seus pecados e reconhecendo que a cruz era a única solução para a sua carne pecaminosa pediu ao Senhor que salvasse não a sua carne e sim a sua alma. Esta é a diferença! Encontraremos crentes que, como Barrabás, farão de tudo para fugir da cruz e manter sua carne intacta. Crentes que se orgulham de serem soberbos, blasfemadores, caluniadores e de praticarem todas as obras da carne. Outros crentes, porém, já entenderam e

aceitaram que a nossa vitória está em sermos crucificados com Ele. Eles foram convencidos pelo Espírito Santo de que não basta estar próximo da cruz, mesmo que junto ao Senhor. É necessário estarmos nela com Ele. O apóstolo Paulo tinha tanta certeza de que sua vitória estava na cruz que declarou: *"Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gálatas 6.14).*

Aleluia!

Poderíamos escrever outro livro falando somente da nossa crucificação com Ele. Essa verdade é tão poderosa, maravilhosa e insondável que inunda nosso espírito da glória Dele. Contudo, para o momento, ficaremos apenas com um texto base para nossa meditação. E o Espírito Santo nos ensinará o restante.

"Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim" (Gálatas 2.20).

Oro para que o Senhor abra nossos olhos, como se abriram os olhos daquele ladrão e que, como ele, reconheçamos que tudo o que merecemos e precisamos é da cruz. A cruz nos liberta da nossa descendência adâmica e nos liga a Cristo, que é o nosso lugar de liberdade completa.

"Porque todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus. Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa" (Gálatas 3.26-29).

"Porque todos vós sois um em Cristo" . A maior expressão de liberdade que um ser humano pode experimentar é a igualdade para com o seus semelhantes. Em Cristo morre toda inveja, orgulho, vaidade, medo, raiva, partidarismo, avareza e todas as outras obras da carne que alimentam o

sistema mundano adâmico desse mundo. Em Cristo temos a liberdade de experimentar o verdadeiro avivamento. O fato é que, logo após a crucificação, ocorreu novamente o mesmo avivamento que havia ocorrido no deserto com Moisés. A diferença foi que dessa vez o Senhor não desceu sobre um monte. Ele resolveu descer diretamente sobre os discípulos que haviam escolhido a cruz.

"E, CUMPRINDO-SE o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar. E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" (Atos 2.1-4).

Desde então a cidade de Jerusalém nunca mais foi a mesma. O Espírito Santo passou a habitar, constantemente, naqueles que aceitam a cruz de Cristo a cada dia e o efeito do verdadeiro avivamento foi logo se mostrando. A Bíblia diz que os discípulos estavam trancados no cenáculo com medo das autoridades judaicas. Contudo, após a descida do Espírito Santo, Pedro, que a cinco minutos estava com medo, saiu na praça de Jerusalém e pregou talvez a mensagem mais dura da história. E o resultado foi que quase três mil almas se renderam ao Senhor naquele momento.

O verdadeiro avivamento não produz *pop stars*, tão pouco famosos. O verdadeiro avivamento produz arrependimento, conversão de almas e transformação da cidade. Se não encontrarmos esses elementos teremos apenas uma multidão nas igrejas fugindo da glória de Deus, exatamente como o povo fez no deserto.

Dicas

1. Ore para que o Espírito Santo te conduza à cruz.

2. Leia e estude sobre a nossa crucificação com Cristo. Saiba que nossa vitória está na cruz de Cristo.
3. Glorie-se na cruz.

Quinta Parte

Conclusões

Capítulo 19

Um Papo com a Igreja de Laodicéia

Diante de tudo que vimos até aqui, uma conclusão é certa: A igreja de Laodicéia é a igreja do final dos tempos. Talvez você também tenha encontrado semelhanças muito estreitas entre a Igreja evangélica de hoje e a Igreja de Laodicéia. Se isso aconteceu, saiba que compartilho da sua conclusão. Na verdade, eu realmente creio que estamos vivendo o tempo do fim. A pergunta que deve surgir no nosso coração é: o que podemos fazer ou o que devemos buscar nessa época, dentro da Igreja, que nos preparará para esse tempo? Como sempre, a Bíblia responde. O apóstolo Paulo escreveu para a própria Igreja de Laodicéia e, certamente, o que ele escreveu servirá para nós hoje. Vamos observar versículo por versículo do texto e crer que o Espírito Santo nos revelará a Vontade do Pai.

"PORQUE quero que saibais quão grande combate tenho por vós, e pelos que estão em Laodicéia, e por quantos não viram o meu rosto em carne" (Colossenses 2.1).

Paulo começa a carta falando de combate, ou seja, batalha espiritual pelos irmãos que estão em Laodicéia. Eles estavam na Laodicéia física, nós estamos na Laodicéia espiritual. Esse chamado ao combate, por si só, já é

motivo de desânimo para a maioria dos crentes que lotam nossos templos evangélicos. Os crentes de hoje não são treinados na oração. Pode-se, facilmente, realizar uma reunião de três horas de duração de louvor. Ela certamente estará cheia. Porém, uma reunião de 30 minutos de oração estará fazia. Esse é o efeito da falta da cruz na vida do crente de hoje em dia. O Senhor Jesus, quando estava pregado na cruz, orou. Quem está crucificado sabe que a oração é sua maior arma de guerra. O crente crucificado acredita mais no poder da oração do que no poder de um político qualquer. Ele prefere ficar aos pés do Pai e apresentar suas questões a Ele do que ficar curvado diante do sistema babilônico desse mundo. Os crentes do passado tinham um lema: *"Muita oração, muito poder, pouca oração pouco poder, nenhuma oração nenhum poder."*

Não é coincidência que, quando lemos os livros dos avivamentos passados, vemos que a Igreja tinha muito poder, tal como a Igreja Primitiva. A propósito, no livro de Atos, vemos a igreja sempre orando. Você terá dificuldade de encontrar, no livro de Atos, uma passagem dizendo que a Igreja estava cantando. Porém, passagens informando que ela estava orando existem aos montes. Não estou dizendo que a igreja não pode ou não deve cantar. Isso seria uma loucura. O Senhor ama o louvor e o salmista Davi sabia muito bem disso. Como Davi disse: "todo ser que respira louve ao Senhor!" Amém! O que estamos dizendo é que o verdadeiro avivamento é caracterizado pela existência de uma fome desesperada pela oração.

"Todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas, com as mulheres, e Maria mãe de Jesus, e com seus irmãos" (Atos 1.14).

"E Pedro e João subiam juntos ao templo à hora da oração, a nona" (Atos 3.1).

"Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra" (Atos 6.4).

E muitos outros textos nos mostrariam a fome pela oração que essa Igreja avivada possuía.

Uma multidão pulando, cantando e dançando não significa avivamento. Lembra que a multidão que escolheu Barrabás fez tudo isso pouco tempo antes? Uma multidão orando fervorosamente é avivamento verdadeiro. E a questão é simples de entender. Em várias passagens vemos o Senhor Jesus orando. E em outras, Ele dizendo que os discípulos deveriam orar.

"E aconteceu que naqueles dias subiu ao monte a orar, e passou a noite em oração a Deus" (Lucas 6.12).

"Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á. Porque, aquele que pede, recebe; e, o que busca, encontra; e, ao que bate, abrir-se-lhe-á. 9 E qual de entre vós é o homem que, pedindo-lhe pão o seu filho, lhe dará uma pedra?" (Mateus 7.7-9).

O Senhor sabia que a oração seria vital para Ele e seus discípulos. Contudo, Ele também sabia que, sem a ajuda do Espírito Santo, seus discípulos nunca conseguiriam orar.

"E, levantando-se da oração, veio para os seus discípulos, e achou-os dormindo de tristeza. E disse-lhes: Por que estais dormindo? Levantai-vos, e orai, para que não entreis em tentação" (Lucas 22.45-46).

Olha só o que Pedro, Tiago e João estavam fazendo na reunião de oração mais importante do ministério do Senhor Jesus: estavam dormindo. Então, o que aconteceu que transformou esses discípulos, ruins de oração, em homens de oração?

"E Pedro e João subiam juntos ao templo à hora da oração, a nona." (Atos 3.1).

Simples! A única pessoa que também pode transformar você e eu em guerreiros de oração, o maravilhoso Espírito Santo. Só Ele pode! Querido irmão, quando entrares em oração, não fique buscando palavras. Somente diga: Espírito Santo, em nome de Jesus, peço, venha aqui agora, me ensine e me ajude a orar como o Pai deseja.

Você verá uma mudança drástica na sua oração.

Para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em amor,

e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus e Pai, e de Cristo. Em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência.

E o apóstolo continua dizendo inclusive qual deve ser o foco da nossa oração. Não basta orar. Devemos orar de acordo com o Espírito Santo, pois só Ele conhece a vontade do Pai, que deseja que oremos para que sejamos consolados. Só precisa de consolo quem está sofrendo. Então, aquele evangelho do "venha pra Jesus e todos os seus problemas acabarão", onde fica? Não fica! Esse não é o Evangelho de Cristo. A Palavra diz que o Senhor Jesus aprendeu a obediência pelas coisas que padeceu (Hebreus 5.8). Nossa oração deve ser para que o Senhor nos revele o mistério de Cristo, seja pelo amor ou pela dor. As poucas orações que acontecem na Igreja de Laodicéia são direcionadas a pedir dinheiro, prosperidade e tudo o mais que infla o nosso ego carnal diante dos homens. Para Laodicéia, o crente abençoado é aquele que é rico. De acordo com esse pensamento, nenhum dos apóstolos foi um crente abençoado. A igreja do tempo do fim é rica e abastarda. Seus líderes vivem proclamando sua prosperidade e ostentando toda forma de luxo. Exatamente como o Senhor a descreveu no Apocalipse. Oro para que o Espírito Santo nos leve a orar. E, orando, que o façamos por revelação do mistério de Cristo. Pois, segundo o texto sagrado, em Cristo é onde estão escondidos todos os verdadeiros tesouros. Aqueles que são tesouros no céu e que o Senhor aconselhou Laodicéia a comprar para ficar realmente rica:

E digo isto, para que ninguém vos engane com palavras persuasivas. Porque, ainda que esteja ausente quanto ao corpo, contudo, em espírito estou convosco, regozijando-me e vendo a vossa ordem e a firmeza da vossa fé em Cristo. Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nele, arraigados e edificados nele, e confirmados na fé, assim como fostes ensinados, nela abundando em ação de graças.

O que o Espírito Santo está aconselhando Laodicéia a fazer nesses versículos? Estudar a Bíblia! Aí, os crentes de Laodicéia dirão: "Já não

bastasse o sacrifício de orar, agora temos de estudar a Bíblia?". Sim! O fato é, querido irmão, que temos uma tendência terrível de dar ouvidos às palavras persuasivas que permeiam as maioria das pregações de hoje. O mesmo apóstolo Paulo, certa feita, admirou-se e chamou de nobres os crentes da cidade de Bereia. Pois tudo que ele falava os irmãos bereanos confirmavam na Palavra.

"E logo os irmãos enviaram de noite Paulo e Silas a Bereia; e eles, chegando lá, foram à sinagoga dos judeus. Ora, estes foram mais nobres do que os que estavam em Tessalônica, porque de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim" (Atos 17.10-11).

Em outro momento, Paulo ensina à Igreja que se mesmo ele, em algum dia, aparecesse com um Evangelho diferente do de Cristo, deviam considerá-lo anátema, ou seja, reprovado.

"Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho; o qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema. Assim, como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo. Se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema" (Gálatas 1.6-9).

O apóstolo Paulo considerava a possibilidade de ele mesmo, por fraqueza da carne, de desviar da verdadeira Palavra. E, sem perceber, passar a ensinar a Igreja um evangelho desviado. Ele pede para que a Igreja o repreenda para que ele caia em si e se arrependa. Que lição de liderança espiritual! Hoje é exatamente o contrário. A Igreja não se importa muito com o que está sendo falado e sim com quem está falando. A Igreja Evangélica criou para si ídolos.

Pregadores, cantores, mestres e escritores. Alguns têm pregado o evangelho da Babilônia, não o Evangelho da cruz.

O evangelho babilônico é aquele que é misturado. Nesse evangelho, a

Igreja de Jesus admite os costumes babilônicos e se torna morna, exatamente como o Senhor Jesus disse a Laodicéia em Apocalipse 3.14. Nas pregações de hoje ouvimos como ficar ricos e ajuntar o máximo de tesouros aqui na Terra. O oposto do que o Senhor Jesus ensinou. Estamos aprendendo a negociar com Deus como se Ele fosse igual a nós. Temos aprendido psicologia, técnicas de negociação, relacionamentos e por aí segue uma série de coisas que tomam o lugar da cruz. A Palavra, hoje em dia, assim como em Laodicéia, tem sido colocada de lado. É comum nas nossas reuniões reservarmos tempo pra tudo, exceto para a Palavra. Alguns pastores até dizem que os crentes de hoje não suportam ouvir muito a Palavra. Na verdade, a própria Palavra profetizou isso: *"Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas" (2 Timóteo 4.3-5).*

Os crentes de Laodicéia não suportaram a sã doutrina, preferiram dar ouvidos às fábulas. O irmão quer um exemplo de fábula? Imagine um casal na Igreja com problemas no relacionamento. Se eles congregassem na igreja primitiva, o pastor os levaria para uma sala e começaria a orar.

Depois de o Espírito Santo quebrantar a todos, inclusive o pastor, o pastor, provavelmente, falaria do único assunto dele, a cruz. Falaria de como o Senhor, mesmo sem ter culpa alguma, suportou a cruz. Como Ele nos amou e nos perdoou. Lembraria que Jesus nos ensinou a perdoar assim como fomos perdoados por Ele. E pronto! Problema resolvido. E o casal voltaria pra casa abençoado e restaurado.

E se o mesmo problema fosse tratado em Laodicéia? Bom, o pastor levaria o casal para o seu gabinete, perfeitamente decorado. Certamente não oraria com o mesmo fervor, pedindo auxílio do Espírito Santo, afinal, ele é formado nisso e pós-graduado naquilo. Já leu todos os livros de psicologia, relacionamentos, liderança e mediação de conflitos, dentre outros. Possui vários cursos de especialização e uma experiência que poucos têm. Ele

ouviria ambas as partes. A propósito, o casal começaria a brigar na frente dele e o pastor diria que é normal um casal brigar. E depois de algumas horas da mais pura psicologia, o casal voltaria para casa com os mesmos problemas que já tinham, porém, acrescentados da vergonha de terem brigado na frente do pastor e dos irmãos. Como não houve cura espiritual, o problema se repetirá continuamente, esse casal, provavelmente, procurará outra congregação por se sentirem enver-gonhados diante da igreja, pois o pastor laodiceiano contou para alguns irmãos o problema do casal, contou também sobre a briga em seu gabinete e como ele tinha agido de forma espetacular. Não satisfeito, o pastor citaria, numa pregação, o exemplo de um tal casal com problemas, que muitos na igreja já saberiam qual era o tal casal. Chegando à outra congregação, a sorte deles estará lançada. Se for mais uma igreja nos moldes de Laodicéia, todo o ciclo se repetirá. Porém, se for uma nos moldes da Igreja Primitiva, eles, finalmente, encontrarão a cura. O problema é que, nos dias de hoje, o modelo de Laodicéia parece estar presente em maior número.

"Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo; porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade; e estais perfeitos nele, que é a cabeça de todo o principado e potestade".

Nesse trecho, o Espírito Santo nos ensina porque os pastores laodiceianos utilizam-se de filosofias e vãs sutilezas. O propósito é prender o crente. Quantos irmãos estão seguindo falsos profetas e falsos líderes simplesmente por medo? Eles ouviram desses pastores que, se saíssem, Deus pesaria a mão e seriam amaldiçoados. Então, eles permanecem na congregação compondo o número. Esses irmãos se esquecem de observar a Bíblia. Até por que nessas congregações não existe o hábito de se utilizar a Bíblia.

"Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores. Por seus frutos os

conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos? Assim, toda a árvore boa produz bons frutos, e toda a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons" (Mateus 7.15-18).

O Senhor Jesus ensinou suas ovelhas a identificar os pastores laodiceianos no texto acima. Ele foi taxativo. Não pode uma árvore boa produzir frutos maus e nem uma árvore má produzir bons frutos. Interessante perceber que o Senhor proferiu essas palavras logo depois de ter aconse-lhado seus discípulos a entrarem pela porta estreita e evitarem a larga (Mateus 7.13-14). Ele está dizendo que, se nós queremos entrar pela porta estreita, devemos ter cuidado com os falsos profetas. Ele sabe que os falsos profetas não conhecem e nem tem intimidade com a porta estreita, pois Ele mesmo é a Porta das Ovelhas.

"Tornou, pois, Jesus a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo que eu sou a porta das ovelhas" (João 10.7).

Você se lembra de quando vimos sobre a Porta das Ovelhas em Jerusalém? Aquela que era a mais estreita e que só tinha espaço para passar uma ovelha? Pois é, essa porta representa o Senhor Jesus.

Um verdadeiro pastor não humilha, não ameaça, não julga e não condena uma ovelha, essas e muitas outras atitudes não passam de obras da carne pastoral. É certo que muitas vezes o verdadeiro pastor cometerá essas ações contra alguma ovelha, porém, a diferença é que o verdadeiro pastor reconhecerá seu erro e pedirá perdão ao irmão que ele ofendeu ou feriu. O Espírito Santo o levará a agir assim. Contudo, tal atitude é impensável para o pastor laodiceiano, afinal, ele é o líder, é o maioral. Não precisa dar satisfações e, muito menos, pedir perdão a qualquer irmão da Igreja. Para a tristeza desses pastores, o Senhor Jesus não pensa assim, e, quando o grande Dia chegar, Ele vai pedir contas aos líderes laodiceianos e Ele, na sua infinita misericórdia, inclusive deixou registrado como será esse pedido de contas.

"Mas, se alguém fizer cair no pecado um destes pequeninos que creem em

mim, melhor lhe seria amarrar uma pedra de moinho no pescoço e se afogar nas profundezas do mar" (Mateus 18.6).

Que o Senhor tenha misericórdia e conduza tais líderes ao arrependimento profundo e ao conserto antes que essa hora chegue.

No qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo dos pecados da carne, a circuncisão de Cristo. Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre

os mortos.



E para não deixar dúvidas sobre a nossa necessidade da cruz, o Espírito Santo encerra o assunto falando sobre nossa morte, sepultamento e ressurreição em Cristo. A questão é sempre a cruz. Nossa carne se recusa a morrer. Muitas vezes nos perguntamos por que oramos tanto por avivamento e parece que nada acontece? O irmão já se perguntou alguma coisa parecida com isso? Eu já, e muitas vezes. Quantas vezes fiquei irritado lendo a passagem de Elias e os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal, descrita em 1 Reis 18. A questão é que Elias clamou e o Senhor mandou fogo do céu. Fogo do céu é símbolo de avivamento. E não foi um foguinho. Foi um fogaréu. O fogo consumiu a oferta, o altar, as pedras e inclusive a água ao redor. Que avivamento incrível! Talvez essa passagem seja a que mais simboliza um verdadeiro avivamento na Bíblia, simplesmente porque, depois desse acontecimento, a nação de Israel foi transformada. Isso mesmo! Avivamento verdadeiro sempre muda a sociedade na qual está inserido. Se a sociedade não está sendo transformada, não é avivamento, mesmo que o número de evangélicos esteja aumentando, historicamente, todo avivamento verdadeiro impactou uma região e até mesmo uma nação inteira. Assim como Elias, temos clamado por fogo do céu. Todos os avivamentos começaram com Elias clamando ao Senhor. Não tem outro caminho.

Porém, hoje em dia, os Elias continuam clamando, contudo, o fogo ainda não caiu. A Bíblia diz que o Senhor não muda nunca. Aleluia!

“Porque eu, o SENHOR, não mudo; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos” (Malaquias 3.6).

Significa que o Senhor não mudou de opinião, vontade, critérios e personalidade desde os dias de Elias até os dias de hoje. Então, fica óbvio que o problema está com os Elias de hoje. A pergunta que fica é: será que Elias tinha algo de especial, que o diferenciava totalmente de nós? A Bíblia afirma que não. Ele era exatamente igual a você e a mim.

"Elias era homem sujeito às mesmas paixões que nós e, orando, pediu que não chovesse e, por três anos e seis meses, não choveu sobre a terra" (Tiago 5.17).

Ora, se Elias foi exatamente como nós, então a diferença entre cair fogo e não acontecer nada estava no que ele sabia a respeito do coração do Pai. Algo que os Elias de hoje não sabem, ou se sabem não dão a devida importância, por isso o fogo do avivamento não cai.

"Então Elias disse a todo o povo: Chegai-vos a mim. E todo o povo se chegou a ele; e restaurou o altar do SENHOR, que estava quebrado. E Elias tomou doze pedras, conforme ao número das tribos dos filhos de Jacó, ao qual veio a palavra do SENHOR, dizendo: Israel será o teu nome. E com aquelas pedras edificou o altar em nome do SENHOR; depois fez um rego em redor do altar, segundo a largura de duas medidas de semente. Então armou a lenha, e dividiu o bezerro em pedaços, e o pôs sobre a lenha. De maneira que a água corria ao redor do altar; e até o rego ele encheu de água. E disse: Enchei de água quatro cântaros, e derramai-a sobre o holocausto e sobre a lenha. E disse: Fazei-o segunda vez; e o fizeram segunda vez. Disse ainda: Fazei-o terceira vez; e o fizeram terceira vez. Sucedeu que, no momento de ser oferecido o sacrifício da tarde, o profeta Elias se aproximou, e disse: Ó SENHOR Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, manifeste-se hoje que tu és Deus em Israel, e que eu sou teu servo, e que conforme à tua palavra fiz todas estas coisas. Responde-me, SENHOR, responde-me, para que este povo conheça que tu és o SENHOR Deus, e que tu fizeste voltar o seu coração. Então caiu fogo do SENHOR, e consumiu o holocausto, e a lenha, e as pedras, e o pó, e ainda lambeu a água que estava no rego. O que

vendo todo o povo, caíram sobre os seus rostos, e disseram: Só o SENHOR é Deus! Só o SENHOR é Deus!" (1 Reis 18.30-39).

Nosso Deus é Santo! Elias sabia disso, nós também sabemos, mas agimos como se não soubéssemos. Com Elias foi diferente, lemos no verso 30 que ele restaurou o altar do Senhor. Elias sabia que o Senhor não aceitaria nada que Lhe fosse oferecido sobre o altar de Baal, mesmo se fosse oferecido com a melhor das intenções. Muitas vezes temos colocado nossas ofertas sobre o altar de Baal e clamamos para que o Senhor nos responda. Ele não pode nos responder porque é Santo. Para entendermos a questão, vamos ver quem era Baal.

Baal era o deus supremo dos cananeus, em hebraico seu nome significa senhor. Seus adoradores acreditavam que o ídolo era responsável pela abundância da terra e pela fertilidade do ventre. Sendo o deus da fertilidade, o culto a Baal era marcado por orgias e crueldade. Baal era o deus da abundância, luxúria, ostentação e avareza. Quantos de nossos cultos ao Senhor estão sendo oferecidos sobre o altar de Baal hoje em dia? Sobre a tutela da busca da abundância, luxúria, ostentação e avareza? É uma tristeza na história de Israel a presença de Baal. Israel, sem perceber, acabava sempre misturando o culto ao Senhor com as coisas de Baal.

Essa era a situação da nação de Israel que levou Elias a propor o confronto no monte Carmelo. Que o Espírito Santo nos ensine a restaurar o altar do Senhor antes de oferecê-Lo nosso clamor. No verso 31, Elias toma doze pedras. Por quê? Porque Elias sabia que o Senhor é Deus de Aliança.

Quando Israel atravessou o Jordão a pé enxuto, para entrar na Terra Prometida, o Senhor ordenou que cada uma das doze tribos tomasse uma pedra do leito do Jordão para que ficasse de memorial.

"SUCEDEU que, acabando todo o povo de passar o Jordão, falou o SENHOR a Josué, dizendo: Tomai do povo doze homens, de cada tribo um homem. E mandai-lhes, dizendo: Tirai daqui, do meio do Jordão, do lugar onde estavam firmes os pés dos sacerdotes, doze pedras; e levai-as convosco

à outra margem e depositai-as no alojamento em que haveis de passar esta noite. Chamou, pois, Josué os doze homens, que escolhera dos filhos de Israel; de cada tribo um homem. E disse-lhes Josué: Passai adiante da arca do SENHOR vosso Deus, ao meio do Jordão; e cada um levante uma pedra sobre o ombro, segundo o número das tribos dos filhos de Israel. Para que isto seja por sinal entre vós; e quando vossos filhos no futuro perguntarem, dizendo: Que significam estas pedras? Então lhes direis que as águas do Jordão se separaram diante da arca da aliança do SENHOR; passando ela pelo Jordão, separaram-se as águas do Jordão; assim estas pedras serão para sempre por memorial aos filhos de Israel" (Josué 4.17).

O rio Jordão foi também onde João Batista, muito mais tarde, batizava o povo. Então, o rio Jordão é um símbolo da Aliança da salvação através do arrependimento.

"Então ia ter com ele Jerusalém, e toda a Judéia, e toda a província adjacente ao Jordão. E eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados. E, vendo ele muitos dos fariseus e dos saduceus, que vinham ao seu batismo, dizia-lhes: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da ira futura?" (Mateus 3.5-7).

Os líderes religiosos da época queriam a Aliança da Salvação sem arrependimento, por isso, foram repreendidos por João Batista. Como vimos, *"sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dentre os mortos" (Colossenses 2.12)*, o batismo representa nosso sepultamento com Cristo, ou seja, a morte da nossa velha natureza. Então, o que Elias estava fazendo com as doze pedras era estabelecer as bases para que o fogo caísse. E a única aliança que atrai o fogo do avivamento é a Aliança de Cristo. Podemos oferecer as melhores músicas e programas, podemos também fazer todo tipo de sacrifício religioso, nada disso sensibilizará o Senhor. Sabe por quê? Porque Ele é Deus de Aliança. E a Aliança que Ele estabeleceu conosco foi Cristo. E Elias continuou na preparação para a vinda do fogo do céu. No verso 33: *"Então armou a lenha,*

e dividiu o bezerro em pedaços, e o pôs sobre a lenha” . A lenha era usada para queimar o holocausto (Levítico 1.12) para que a fumaça subisse ao Senhor. No livro do Apocalipse 8.4 está escrito que a fumaça são as orações dos santos. Isso mesmo irmão, oração. O fogo do céu só cai se houver a lenha da oração, e sobre a lenha um sacrifício. Sabe quem está sendo representado pelo bezerro? Isso mesmo! Você e eu. O fogo do céu irá cair quando o altar estiver restaurado, tendo como base a Aliança. Abastecido com a lenha e, sobre a lenha, um bezerro cortado em pedaços. Isso nos fará lembrar nossa crucificação com Cristo novamente. Não sei de onde os líderes de hoje encontraram o evangelho sem a cruz que estão pregando. Esse evangelho de Barrabás. Sem estarmos sobre o altar, de nada adianta clamar pelo fogo. Ele não virá. O Senhor continua, pacientemente, esperando que haja sacrifício sobre o altar para, então, enviar o fogo. É fácil clamar por avivamento. Hoje é até *status* espiritual. Porém, morrer sobre o altar, poucos estão dispostos. É interessante percebermos que o sacrifício sobre o altar devia estar em pedaços, e os pedaços colocados de forma organizada sobre o altar. Uma vez que sabemos que você e eu somos o sacrifício, a pergunta que surge é: será que estamos em pedaços diante de Deus? Isso mesmo, irmão! Se você ainda não está em pedaços, o Senhor dará um jeito de você ficar. Só assim ele poderá enviar o fogo que tanto precisamos. Sabe o que significam os pedaços? Quebrantamento. Uma palavra há muito esquecida nas nossas Igrejas. Porém, imprescindível para a vinda do avivamento.

Se você já experimentou um quebrantamento, sabe bem do que estou falando. Contudo, se você nunca experimentou, não adiantaria tentarmos explicar aqui. Quebrantamento é algo tão profundo e pessoal que é simplesmente impossível descrevê-lo em palavras. É algo a ser experimentado, não entendido. Mesmo porque é impossível entender. É algo que só o Espírito Santo pode realizar em nós. Agora, a importância do quebrantamento para a vinda do fogo é vital. Leia o que Davi escreveu a respeito: “*Perto está o SENHOR dos que têm o coração quebrantado, e salva*

os contritos de espírito" (Salmos 34.18).

Oremos, clamando ao Espírito Santo que produza em nós quebrantamento genuíno. Encerrando os preparativos para a vinda do fogo, o texto diz que Elias fez um círculo em torno do altar e mandou deitar água. O círculo representa nossa separação do que é externo. Avivamento é coisa exclusiva daqueles que estão dentro do círculo, daqueles que cumpriram todas as exigências. E a água?

"Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado" (Jo 15.3).

A Palavra é a água. Observe que Elias mandou jogar bastante água sobre o altar, tanto que até transbordou. Aleluia! A Palavra caía sobre as partes do sacrifício no altar e as limpava e purificava, preparando-as para receber o fogo do céu. Quando as pessoas viram Elias jogando água onde ele queria fogo, pensaram exatamente o que pensamos hoje.

Pensaram que a água impediria o fogo, assim como pensamos que a pregação da Palavra apaga o que temos chamado de avivamento. Pensamos que quando a Igreja está pulando e dançando é avivamento, por isso, dedicamos a maior parte do tempo ao louvor. Nossos amados cantores ficam como os astros nos palcos dos shows, tentando desesperadamente motivar os irmãos a pular e dançar, para que experimentem o que pensam ser avivamento. Quando termina o louvor achamos que terminou o avivamento ou a chance deste acontecer. E a pregação da Palavra tem sido considerada um apêndice nas nossas reuniões, estamos totalmente errados! A Palavra é a última exigência à vinda do fogo do céu. E quando o fogo vier, nossos queridos cantores não conseguirão fazer a Igreja parar de adorar.

Na verdade, os irmãos nem vão perceber muito a presença dos cantores. Em todo verdadeiro avivamento ocorrido na história da Igreja foi assim. E uma fome desesperada pela Palavra estará na Igreja. E a Palavra lavando novamente, o fogo cairá de novo provocando mais adoração. Esse é o ciclo de vida da Igreja avivada. Resumindo: é impossível ocorrer o avivamento verdadeiro sem a aplicação da cruz.

Capítulo 20

O Desafio da Igreja de Laodicéia A igreja dos últimos dias, como vimos, será a igreja de Laodicéia. Isso é um fato! A questão é que não podemos tratar Laodicéia como um caso perdido. Definitivamente não o é! Laodicéia é a Igreja do Senhor Jesus. O fato de Ele ter repreendido Laodicéia, não significa que ela seja um caso incorrigível, muito ao contrário, porque Ele ama Laodicéia é que Ele chamou sua atenção. Olha a declaração de amor que o Senhor fez a Laodicéia.

"Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê pois zeloso, e arrepende-te" (Apocalipse 3.19).

O problema de Laodicéia é que ela parece ter se esquecido de que é uma noiva aguardando o casamento. Como toda e qualquer noiva, às vésperas do casamento, Laodicéia deveria está se preparando de acordo com as preferências do Noivo e não de acordo com suas próprias vontades.

Laodicéia se exalta na sua riqueza e abundância. Porém, o Noivo nunca mandou que ela se tornasse rica e abastarda nesse mundo.

"Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu" (Apocalipse 3.17).

É como na parábola das dez virgens, descrita em Mateus 25 pelo Senhor Jesus. Nela, o Senhor conta que cinco virgens eram néscias e cinco prudentes. O que as néscias fizeram pra merecer esse título? Simples! Elas levaram azeite somente nas lâmpadas. Diferentemente delas, as prudentes, além de levarem azeite na lâmpada, levaram também mais azeite nas suas vasilhas. E o Senhor disse que veio a noite e tanto as néscias quanto as prudentes adormeceram. Porém, a meia noite, ouviu-se uma voz: "Eis o Noivo!" Todas acordaram e se prepararam. Contudo, o azeite das lâmpadas de todas estava acabando e suas lâmpadas se apagando. As prudentes tomaram o azeite extra que levaram nas vasilhas e reabasteceram suas lâmpadas. As néscias, claro, não tinham disponível tal recurso. E o Noivo chegou e as prudentes que

estavam com as lâmpadas ace-sas entraram com Ele para as Bodas do Cordeiro. Quando as néscias finalmente conseguiram acender suas lâmpadas, clamaram ao Noivo que lhes abrisse a porta, e Ele abriu.

Porém, não deixou que elas entrassem, dizendo que não as conhecia, e a parábola termina. Irmão, nosso Senhor não mente nem brinca. Se Ele disse que não conhecia as néscias é porque Ele realmente não as conhecia. À primeira vista nos parece até muita severidade do Senhor, mas se olharmos com os olhos Dele, veremos que, como sempre, Ele agiu com justiça. Primeiramente Ele não poderia se casar com desconhecidas. Isso é óbvio! Agora, se Ele não as conhecia, significa que as néscias também não o conheciam.

Em qualquer relacionamento entre noivos o conhecimento acontece mutuamente, não é mesmo? As néscias pensavam que conheciam o Noivo. Elas pensavam que estavam preparadas para encontrá-Lo. Da mesma forma que a Igreja de Laodicéia tinha uma visão errada de si mesma, as néscias também tinham. Imaginemos quando as dez estavam juntas se preparando para encontrarem o Noivo. Se as prudentes possuíam vasilhas é evidente que as néscias também possuíam as delas. Essas vasilhas eram vasos feitos, principalmente, de barro que os viajantes levavam presos na cintura com seus suprimentos para a viagem. Os viajantes levavam água, leite, carne e qualquer outro alimento que necessitas-sem. A questão é que as néscias ocuparam as suas vasilhas com coisas que supririam as suas próprias necessidades, enquanto que as prudentes ocuparam as suas vasilhas com azeite, que era a necessidade do Noivo, o que Ele iria procurar nelas. Pelo menos duas características diferenciavam as prudentes das néscias. 1) Elas se importavam mais com a alegria do Noivo do que com suas próprias necessidades.

2) Conheciam o Noivo, suficientemente bem, para saber o que Lhe faria feliz. Esse é o grande desafio da igreja de Laodicéia dos últimos dias! Ela parece se importar mais consigo mesma, com suas necessidades do que com a

vontade do Senhor. Uma observação rápida nas pregações de hoje e essa característica saltará aos nossos olhos. “Deus vai lhe dar isso!” “Deus vai fazer aquilo!” “Deus vai honrar você!”

“Deus vai exaltá-lo!”, são as expressões que mais se ouve, seguidas daquelas relacionadas a dinheiro e bens materiais.

O próprio termo Laodicéia significa “A JUSTIÇA FEITA PELO POVO”. Em uma igreja, profeticamente com esse nome, a vontade do Senhor ser colocada em segundo plano não é de se admirar. Assim como as virgens néscias, Laodicéia não conhece o Senhor o suficiente. No texto de Apocalipse 3.15 o Senhor afirma que Laodicéia era cheia de obras:

“Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente!” (Apocalipse 3.15).

Laodicéia era uma igreja cheia de atividades, programações e eventos, a isso o Senhor elogiou, porém a repreensão veio na forma como a obra era realizada. As obras de Laodicéia não eram nem frias, carnais, nem quentes, espirituais. Parece que os irmãos de Laodicéia arrumaram uma forma de misturar o frio com o quente, o Santo com o profano. Eles pensavam que os fins justificavam os meios. Estavam enganados. Com o Senhor não é assim.

Ele é Santo! No Seu altar Ele só aceita o que é Santo. Hoje em dia, em nossa euforia de realizarmos obras, temos nos esquecido da santidade e aceitado todo tipo de negociata com o Egito, Babilônia e Roma e, para justificarmos dizemos: A obra está sendo feita! Concordo. Porém, vamos ver a opinião do Senhor?

“Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade” (Mateus 7.21-23).

Note bem a obra que esses irmãos realizaram: profetizaram, expulsaram

demônios e realizaram curas e milagres.

Nada mau, hein? Na verdade é o sonho de todo crente realizar tais obras. Porém, esses irmãos eram como as virgens néscias, não conheciam ao Senhor. Não desenvolveram intimidade com Ele. Por isso Ele mesmo disse: "Nunca vos conheci". O Senhor iniciou o ensino acima da seguinte forma:

"Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas, interiormente, são lobos devoradores. Por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos? Assim, toda a árvore boa produz bons frutos, e toda a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa dar maus frutos; nem a árvore má dar frutos bons. Toda a árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo. Portanto, pelos seus frutos os conhecereis" (Mateus 7.15-20).

O Senhor realmente detesta a hipocrisia! Ele expôs os falsos profetas, aqueles que se vestem de ovelhas, mas são lobos devoradores de ovelhas. Esses profetas representam a mornidão de Laodicéia. Eles não são nem uma coisa nem outra, e o Senhor nos ordena a olhar para os frutos que produzem. No verso 16, Ele cita os frutos que espera encontrar em todo líder, profeta, pastor, etc.: uvas e figos. As uvas nascem na videira, então, para que o líder seja capaz de produzir uvas, deve estar ligado na videira. E a videira é o próprio Senhor Jesus.

"EU sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador" (João 15.1).

Sem intimidade com Ele, ninguém pode produzir uvas. As uvas são usadas para produzir vinho no lagar.

O vinho, na Ceia do Senhor, representa o Sangue de Jesus.

Então, meu amado irmão, se o seu líder não produz uvas, os seja, frutos que apontam para o sangue de Jesus, tome cuidado. O outro fruto é o figo. Os figos eram usados para curar feridas em Israel.

"Disse mais Isaías: Tomai uma pasta de figos. E a tomaram, e a puseram sobre a chaga; e ele sarou" (2 Reis 20.7).

Os figos representam os frutos da nossa vida cristã.

O fundamento da vida cristã é trazer cura e libertação a quem precisa. O problema é que os figos nascem na figueira.

E é comum encontrarmos figueiras cheias de folhas, mas sem figos. Até o Senhor Jesus encontrou uma: *"E, vendo de longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se nela acharia alguma coisa; e, chegando a ela, não achou senão folhas, porque não era tempo de figos. E Jesus, falando, disse à figueira: Nunca mais coma alguém fruto de ti. E os seus discípulos ouviram isto" (Marcos 11.13-14).*

O Senhor ficou irado com a figueira do texto, pois ela tinha folhas, mas não tinha frutos. As folhas representam a nossa aparência religiosa. Nosso esforço de parecermos espirituais aos outros, a fim de sermos elogiados e reconhecidos.

Esse pacote completo pode ser chamado de religiosidade. A mesma religiosidade tão comum na Babilônia de Daniel e na Babilônia apocalíptica. Se você e eu temos a maior pose de espirituais, mas não oferecemos frutos que podem curar uma alma, provavelmente estamos como a figueira cheia de folhas e se essa situação perdurar por muito tempo, correremos o risco de secarmos como a figueira secou.

E, como não poderia deixar de ser, o Senhor Jesus fez a diferenciação entre um crente prudente e um néscio. Seria muito bom pra nós prestarmos a maior atenção nesse texto: *"Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. E aquele que ouve estas minhas palavras, e não as cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda"*.

Algo que fica claro é que todos estaremos construindo, ou seja, realizando alguma obra. A famosa expressão "A OBRA DEVE SER FEITA" estará em

plena atividade.

Contudo, o Senhor nos adverte onde e como construir. Ele sugere que construamos sobre a rocha, que é Ele mesmo.

"Vive o SENHOR, e bendito seja o meu rochedo; e exaltado seja Deus, a rocha da minha salvação" (2 Samuel 22.47).

Então, meu querido irmão, se você e eu decidirmos construir sobre a Rocha, teremos de, primeiramente, desenvolver relacionamento íntimo com a Rocha que é Cristo. Agora, se a opção for construir sobre a areia, teremos de descobrir o que seria a areia. Quando Deus chamou Abraão, disse que a descendência dele seria como as estrelas do céu e como a areia do mar. Sabemos que a Igreja é a descendência espiritual de Abraão.

"E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa" (Gálatas 3.29).

Podemos concluir que a areia é um tipo de representação da Igreja. Foi na areia da praia que o Senhor Jesus andava, assim como Ele anda no meio da Igreja hoje. Foi na areia da praia que o Senhor escolheu e chamou a maioria dos seus discípulos, assim como Ele continua chamando irmãos na Igreja hoje. Então, a areia é uma representação da Igreja e quem decide construir sobre a areia decidiu construir sobre a Igreja, o povo, não sobre a Rocha que é o Senhor da Igreja. Daí surgem os ministérios de entretenimento, totalmente embasados na areia, os seja, na vontade do povo da Igreja. Os ministérios do "Deus vai te... isso e aquilo". O povo gosta muito de ouvir esse evangelho sem cruz. Esse compromisso com a vontade da plateia é o significado do nome Laodicéia, que é centrada em suas próprias necessidades, exatamente como as virgens néscias fizeram.

Todos os dias uma multidão de evangélicos tem entrado, reunião após reunião, em nossos templos trazendo suas vasilhas para que sejam cheias. A pergunta que surge é: será que temos enchido nossas vasilhas de azeite ou de bugigangas espirituais para satisfazer nossas próprias necessidades carnais? Felizmente a resposta a essa pergunta é individual, pessoal e intransferível.

Capítulo 21

Conselho à Laodicéia Nosso Senhor é um Deus impressionante em todos os aspectos, inclusive na educação e respeito. Mesmo sendo Ele Todo Poderoso e infinito em grandeza, respeita nosso livre arbítrio, nosso direito de escolher o que levaremos nas nossas vasilhas. Sendo assim, Ele usa a palavra "aconselho-te" ao tratar desse assunto com a Igreja de Laodicéia. Incrível!

"Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu. Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e roupas brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas" (Apocalipse 3.17-18).

Primeiramente, repare na expressão "compres de mim". Isso mesmo! É comprado e tem um preço a ser pago.

Os maiores vendedores do mundo são unânimes em definir o processo de venda como sendo uma forma de relacionamento, então, o que o Senhor quer de Laodicéia é relacionamento? Exatamente! Desde o Jardim do Éden até hoje o Senhor tem desejado e trabalhado arduamente para que o homem tenha relacionamento com Ele. Coisas de um Pai amoroso e participativo. De todos os milhares de textos bíblicos, que nos ensinam que o desejo do Senhor é ter relacionamento conosco, escolhi o de Isaías 55 porque ele nos ensina como podemos comprar do Senhor.

"Ó VÓS, todos os que tendes sede, vinde às águas, e os que não tendes dinheiro, vinde, comprai, e comei; sim, vinde, comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite" (Isaías 55.1).

A regra comercial do Pai é "vinde a mim". Séculos mais tarde, o Senhor Jesus continuou propondo o mesmo negócio," venha a mim": *"E no último dia, o grande dia da festa, Jesus pôs-se em pé, e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a mim, e beba" (João 7.37).*

Conhecendo a riqueza monetária que Laodicéia possuiria, o Senhor completou a proposta, feita em Isaías 55.1, dizendo que era para que

Laodicéia fosse até Ele sem dinheiro e comprasse e ainda explicou: O que você Laodicéia precisa comprar de Mim não tem preço. Todo dinheiro do mundo não seria suficiente. Ele ainda incluiu as Igrejas pequenas, as que não teriam dinheiro, no convite.

Aleluia! Todo povo de Deus na Terra está convidado a comprar Dele. Porém, o Senhor não nos vende o que queremos e, sim, o que precisamos. Apesar de insistirmos em querer comprar riqueza e fama, através dos nossos dízimos, ofertas e religiosidade, o Senhor nos venderá somente o que Ele aconselhou Laodicéia a comprar: *"Aconselho-te que de mim compres* ***ouro provado no fogo; roupas brancas e colírio****" (Apocalipse 3.18 reduzido).*

Ouro provado no fogo Mas, o que seria o ouro provado no fogo?

"Em que vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações. ***Para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo****, se ache em louvor, e honra, e glória, na revelação de Jesus Cristo. Ao qual, não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso" (1 Pedro 1.7-6)* Pelo texto, podemos ver que o ouro provado no fogo é a nossa fé provada. Uma característica da Igreja dos últimos dias será a falta de fé.

"Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na Terra?" (Lucas 18.8).

Esse versículo encerra a parábola do juiz iníquo, que o Senhor Jesus ensinou. Nela, o ensinamento é orar sem cessar. Essa é a fé provada. Vamos olhar o texto todo.

"E CONTOU-LHES também uma parábola sobre o dever de orar sempre, e nunca desfalecer. Dizendo: Havia numa cidade um certo juiz, que nem a Deus temia, nem respeitava o homem. Havia também, naquela mesma cidade, uma certa viúva, que ia ter com ele, dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário. E, por algum tempo não quis atendê-la; mas depois disse consigo: Ainda que não temo a Deus, nem respeito os homens, todavia, como

esta viúva me molesta, hei de fazer-lhe justiça, para que enfim não volte, e me importune muito. E disse o Senhor: Ouvi o que diz o injusto juiz. E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, ***que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles?”*** *(Lucas 18.1-7).*

Qual é a reunião onde menos irmãos comparecem em todas as Igrejas evangélicas? Isso mesmo! As reuniões de oração, pois oração intensa e incessante é característica de avivamento. Nas reuniões de oração a multidão não está presente. Como vimos, enquanto trouxermos sobre nós algum cativeiro não poderemos experimentar o avivamento.

A Igreja dos últimos dias não ora por que não acredita mais que a oração pode mudar as coisas e situações. Preferimos pedir favor a algum político, tornando-nos reféns de certas situações que não podemos prever. O que você sentiria se seu filho com fome fosse pedir comida na casa do seu inimigo? Pois é, isso que estamos fazendo quando deixamos de clamar ao Senhor para procurar uma solução das mãos de ímpios que não O servem. Algumas lideranças disponibilizam seus púlpitos para campanhas políticas em troca de dinheiro ou bens. Fazem campanha e incentivam seus membros a votarem em determinado candidato em troca de privilégios financeiros, sociais e políticos. O altar do Senhor é um lugar santo, separado para a pregação da Sua Palavra. Só um nome pode ser exaltado na Igreja, o nome de Jesus.

A Igreja de Laodicéia não tinha fé, pois acreditava na sua própria riqueza visível. Quem anda por fé, automaticamente, não pode andar por vista.

“Porque andamos por fé, e não por vista” (2 Coríntios 5.7).

Querido irmão, a Palavra é clara ao nos alertar sobre a apostasia dos últimos dias.

“MAS o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios.”

Roupas brancas O que seriam as roupas brancas? É senso, entre os estudiosos da Bíblia, que roupas brancas simbolizam justiça, santidade e

pureza. Porém, de acordo com o ensino de Jesus, podemos apresentar diante Dele duas justiças, a nossa própria ou a Dele. Contudo, sempre é bom lembrar que Isaías disse que a nossa justiça é trapo de imundícia.

"Mas, todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo da imundícia; e todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades como um vento nos arrebatam" (Isaías 64.6).

A justiça de Deus é Jesus Cristo, do qual apropriamos pela fé Nele. Nossas obras, construções maravilhosas, redes de rádio e TV não impressionam o Senhor e muito menos nos tornam justos. Jesus falou de um pessoal que faria, em Seu Nome, muitas obras, porém, Ele não conhecia nenhum deles.

"Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade" (Mateus 7.21-23).

Se nós, a Igreja dos últimos dias, quisermos voltar a ter vestes brancas, temos de voltar a pregar sobre o Sangue de Jesus. Isso mesmo irmão! O Sangue de Jesus é o único que pode embranquecer as nossas vestes.

"E eu disse-lhe: Senhor, tu sabes. E ele disse-me: Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro" (Apocalipse 7.14).

Colírio

Nós sabemos que colírio é remédio para os olhos.

A visão é algo incrível! No que diz respeito à nossa visão natural, existem pessoas que possuem ótima visão. Outras possuem visão mediana e ainda outras são cegas, vivem completamente na escuridão. Então, qual seria o colírio que o Senhor está exigindo da Igreja de Laodicéia? É o mesmo que Ele espera encontrar em nós na sua vinda, o Amor.

"Aquele que diz que está na luz, e odeia a seu irmão, até agora está em

trevas. Aquele que ama a seu irmão está na luz, e nele não há escândalo. Mas, aquele que odeia a seu irmão está em trevas, e anda em trevas, e não sabe para onde deva ir; porque as trevas lhe cegaram os olhos" (1 João 2.9-11) O texto nos afirma que quem não ama é como uma pessoa cega, que vive na escuridão. O problema é que o Amor vai de encontro com os nossos interesses pessoais. O crente que está sofrendo da escravidão do Império Romano, assim como a multidão que seguia o Senhor Jesus, só consegue enxergar ou considerar valiosos seus próprios interesses.

A oferta, que no início era uma demonstração de Amor ao Senhor e à Sua Obra, passa a ser mercadoria de barganha com Ele. A Igreja de Laodicéia sabe fazer comércio de tudo e com todos. O apóstolo Paulo aconselha a Igreja a desenvolver a sua Salvação: *"Desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor" (Filipenses 2.12).*

A saída do Egito significa a primeira etapa da Salvação.

A saída da Babilônia representa o segundo estágio da Salvação: a santificação e a saída do Império Romano representa o terceiro e mais profundo estágio da Salvação: a consagração. Hoje em dia é comum vermos os pastores serem consagrados ao ministério, como se a consagração fosse algo só para eles. Não! A consagração é para toda a Igreja.

Oro para que todo cativeiro espiritual caia diante do povo de Deus nesses últimos dias. Oro também para que cada crente ouça o chamado do Senhor, nos convidando a sair da Babilônia. Oro também para que Ele envie a seu povo uma fome desesperada por Ele. E oro mais ainda para que você e eu estejamos no meio desses desesperados.

Oremos!

Que a Graça e a Paz do Senhor estejam sempre contigo e que o maravilhoso Espírito Santo continue guiando você e eu no caminho Dele. Amém!